



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
DOUTORADO EM HISTÓRIA**

JESSICA KALINE VIEIRA SANTOS

**ENTRE PATRIMÔNIOS E NARRATIVAS ORAIS: A TRAJETÓRIA DE TIA NEIVA  
E DO VALE DO AMANHECER EM PLANALTINA - DF (1969 – 2021)**

RECIFE  
2023

JESSICA KALINE VIEIRA SANTOS

**ENTRE PATRIMÔNIOS E NARRATIVAS ORAIS: A TRAJETÓRIA DE TIA NEIVA  
E DO VALE DO AMANHECER EM PLANALTINA - DF (1969 – 2021)**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Rural de Pernambuco como requisito para obtenção do título de Doutor(a) em História.

**Linha de Pesquisa:** Cultura, Patrimônio e Memória.

**Orientador:** Prof. Dr. Natanael Duarte de Azevedo.

RECIFE

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal Rural de Pernambuco  
Sistema Integrado de Bibliotecas  
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

S237e SANTOS, JESSICA KALINE VIEIRA SANTOS  
ENTRE PATRIMÔNIOS E NARRATIVAS ORAIS:: A TRAJETÓRIA DE TIA NEIVA E DO VALE DO  
AMANHECER EM PLANALTINA - DF (1969 - 2021) / JESSICA KALINE VIEIRA SANTOS SANTOS. - 2023.  
149 f. : il.

Orientador: NATANAEL DUARTE DE AZEVEDO.  
Inclui referências.

Tese (Doutorado) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em História, Recife, 2023.

1. Vale do Amanhecer;. 2. Tia Neiva. 3. Religiosidade. 4. Patrimônio Material e Imaterial. I. AZEVEDO,  
NATANAEL DUARTE DE, orient. II. Título

CDD 981

---



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO**  
**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**  
**DOUTORADO EM HISTÓRIA**

**ENTRE PATRIMÔNIOS E NARRATIVAS ORAIS: A TRAJETÓRIA DE TIA NEIVA  
E DO VALE DO AMANHECER EM PLANALTINA - DF (1969 – 2021)**

JESSICA KALINE VIEIRA SANTOS

---

**Prof. Dr. Natanael Duarte de Azevedo. (PGH – UFRPE)**  
(Orientador)

---

**Prof. Dr. Carlos André Silva de Moura (PPH – UFRPE)**  
(Examinador interno)

---

**Professor Dr. André Figueiredo Rodrigues (UNESP-ASSIS-SP Dep. História)**  
(Examinador externo)

---

**Professor Dr. José Otávio Aguiar (PPGH-UFCG)**  
(Examinador externo)

---

**Prof. Dra. Maria da Conceição Mariano Cardoso Von Oosterhout**  
(Examinadora externa)

## **Resumo**

Esta tese se propõe a investigar o Movimento Doutrinário e Religioso Vale do Amanhecer (VA), em seus aspectos históricos e culturais, que envolvem sua instituição física e parte de sua formação espiritual. O movimento que se estabeleceu em 1969, na cidade de Planaltina, região administrativa da capital brasileira, Brasília – DF, foi fundado por Tia Neiva (conhecida também por supostamente ter sido a primeira caminhoneira do Brasil), que ao longo dos anos ganhou visibilidade e hodiernamente soma aproximadamente 650 templos espalhados pelos 26 estados brasileiros, bem como em vários países da América Latina, Europa, e na Ásia. Em número de adeptos, essa expressão religiosa possui atualmente aproximadamente 800 mil membros. Para a análise do objeto, no que se referem às fontes, serão utilizadas parte das iconografias da própria instituição, fotografias, imagens, arquivos dos Jornais Correio Braziliense - DF e do Diário de Pernambuco, como também informações encontradas no meio virtual (internet) sobre a temática do Movimento Doutrinário Vale do Amanhecer. Ainda se constituem como fontes, relatos orais que servem como base principalmente nas análises que se farão no sentido de examinar situações cotidianas que envolvem a vida de Tia Neiva e dos Membros da doutrina, bem como também utilizaremos processos de registros no Iphan, teses e dissertações que abordam a temática. Entre os principais conceitos utilizados para embasamento das análises contidas nessa tese, estão os conceitos de Híbridação de Nestor Canclini (1997), o conceito de Representação de Roger Chartier (1991), e as proposições da Escola Italiana de História das Religiões a partir de Adone Agnolin (2019) e de intérpretes brasileiros como Eliane Moura da Silva e Karina Bellotti (2010). A tese é constituída por três capítulos, com uma discussão que tem como objetivo mostrar que a hibridização presente no movimento é a responsável pela visitação, integração e aumento do número de membros e da sua permanência até os dias atuais.

**Palavras-chave:** Vale do Amanhecer; Tia Neiva; Religiosidade; Patrimônio Material e Imaterial.

## **Abstract**

This thesis proposes to investigate the Vale do Amanhecer Doctrinal and Religious Movement, in its historical and cultural aspects that involve its physical institution some aspects of its spiritual formation. The movement established in 1969 in the city of Planaltina, administrative region of the Brazilian capital, Brasília - DF. Institution founded by Tia Neiva (also known for supposedly being the first woman truck driver in Brazil) that over the years has gained visibility and currently has approximately 650 temples spread across the 26 Brazilian states, as well as in several countries in Latin America, Europe, and in Asia. In number of adherents, the religious expression has approximately 800,000 members. For the analysis of the object, with regard to the sources, part of the iconographies of the institution itself will be used, photographs, images, archives of the newspapers *Correio Braziliense* - DF and *Diário de Pernambuco*, as well as information found in the virtual environment (internet) about the theme of the Doctrinal Movement Vale do Amanhecer, still constitute as sources some oral reports, which serve as a basis mainly in the analyzes that will be made in the sense of examining everyday situations that involve the life of Tia Neiva and the Members of the doctrine, as well as we will also use registration processes at Iphan, theses and dissertations that address the theme. Among the main concepts used to support the analyzes contained in this thesis are the concepts of Hybridization by Nestor Canclini, the concept of Representation by Roger Chartier, and the propositions of the Italian School of History of Religions based on Adone Agnolin and Brazilian interpreters such as Eliane Moura da Silva and Karina Bellotti. The thesis consists of three chapters, a discussion that aims to show that the hybridization present in the movement is responsible for the visitation, integration and increase in the number of members and their permanence until the present day.

**Keywords:** Vale do Amanhecer; Tia Neiva; Religiousness; Material and Immaterialia.

## SUMÁRIO

<b>Introdução .....</b>	<b>11</b>
<b>Capítulo 1. Vale do Amanhecer: entrelaces culturais entre a Brasília mística e a sua instituição espiritual. ....</b>	<b>19</b>
1.1 Entre Planaltina e Brasília: aspectos místicos da região central do Brasil .....	19
1.2 A trajetória de Neiva Chaves Zelaya: Tia Neiva, a líder religiosa do Movimento Doutrinário Vale do Amanhecer .....	23
1.3 Histórias transcendentais: a formação espiritual do Vale do Amanhecer. ....	47
<b>Capítulo 2. A instituição física e arquitetônica do espaço templário no Templo-Mãe do Vale do Amanhecer de Planaltina – DF.....</b>	<b>61</b>
2.1 A Construção do Templo-Mãe .....	61
2.2 A cidade do Vale do amanhecer: aspectos comunitários dos entornos ao Templo-Mãe ...	78
2.3 O Inventário Nacional de Referências Culturais e o processo de patrimonialização do Movimento VA.....	88
<b>Capítulo 3. As experiências doutrinárias dos Médiuns do Amanhecer: processo de desenvolvimento mediúnico, cotidiano e (In)tolerância religiosa, e o Vale do Amanhecer nos dias atuais. ....</b>	<b>99</b>
3.1 A chegada ao universo do Vale do Amanhecer e as experiências doutrinárias .....	100
3.2 O pertencer à doutrina: adaptações possíveis de um cotidiano ritualístico .....	107
3.3 O sentimento por trás da mediunidade: aspectos possíveis do pertencer ao movimento e a relação dos integrantes com as demais religiões .....	131
<b>Considerações finais .....</b>	<b>142</b>
<b>Referências .....</b>	<b>145</b>
<b>Endereços eletrônicos .....</b>	<b>149</b>

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Traços que formam a base do Plano Piloto De Brasília .....	21
Figura 2 - Tia Neiva ainda criança, sua mãe, seu pai e seus irmãos.....	24
Figura 3 - Tia Neiva e seus quatro filhos ainda pequenos.....	26
Figura 4 - Matéria veiculada na revista caminhoneiro no Instagram .....	27
Figura 5 - Tia Neiva posando para fotografia ao lado de seus caminhões .....	28
Figura 6 - Tia Neiva e Padre César.....	31
Figura 7 - Tia Neiva e Mãe Neném - UESB .....	38
Figura 8 - Tia Neiva e Mário Sassi.....	42
Figura 9 - Jesus, o caminhoneiro da vida .....	51
Figura 10 - Pai Seta Branca. ....	53
Figura 11 - Honraria concedida pelo Papa João Paulo II à Tia Neiva no dia 01 de março de 1985.....	58
Figura 12 - O Vale do Amanhecer: matéria do jornal Correio Brasiliense. ....	62
Figura 13 - Construção do Templo-Mãe .....	64
Figura 14 - Templo-Mãe na década de 1970.....	65
Figura 15 - Templo-Mãe na primeira década dos anos 2000. ....	65
Figura 16 - Divisão do Templo-Mãe do Vale do Amanhecer - Planaltina - DF. ....	67
Figura 17 - Vista do solar dos médiuns. ....	69
Figura 18 - Mapa do solar dos médiuns. ....	70
Figura 19 - Pirâmide de unificação.....	72
Figura 20 - Pirâmide de unificação com as representações de Akhenaton e Nefertiti .....	73
Figura 21 - Construção do Lago de Iemanjá no Solar dos médiuns, em 1976.....	75
Figura 22 - Correio brasiliense "multidão lota templo no Vale do Amanhecer" .....	76
Figura 23 - Imagem aérea do Vale do Amanhecer e de planaltina (adaptado) .....	80
Figura 24 - Indumentárias à venda em ateliê de costura e loja de artigos para a doutrina Vale do Amanhecer – Planaltina – DF.....	81
Figura 25 - Brechó com venda de artigos religiosos do Vale do Amanhecer – Planaltina - DF .....	82
Figura 26 - Barracas de comércio de artigos religiosos em frente ao templo-mãe do Vale do Amanhecer em planaltina- DF.....	83
Figura 29 - Placa que contém algumas recomendações de como os pacientes devem se vestir dentro do templo. Recomendações deixadas por tia Neiva. ....	103



Figura 30 - Da esquerda para a direita fita do apar e fita do doutrinador.....	104
Figura 31 - Roupa dos médiuns no processo de desenvolvimento e iniciao no Vale do Amanhecer.....	105
Figura 32 - Roupa dos médiuns centuriões .....	106
Figura 33 - Recomendaes de Tia Neiva sobre os horários de prece .....	112
Figura 34 - Ritual de estrela candente .....	115
Figura 35 - Celebrao do Dia do Doutrinador. ....	117
Figura 36 - Oratório católico. ....	118
Figura 37 - Aled do Vale do Amanhecer .....	119
Figura 38 - Fita do pequeno pajé .....	121
Figura 39 - Falange das gregas .....	127
Figura 40 - Falange das muruaicys.....	127
Figura 41 - Falange das samaritanas.....	128
Figura 42 - Falange dos príncipes mayas .....	128
Figura 43 - Falange dos magos.....	129
Figura 44 - Pingente com a imagem de Tia Neiva. ....	130

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

CANG – Colônia Agrícola Nacional do Goiás

CR – Conjunto Residencial

DF – Distrito Federal

GO – Goiás

INRC – Inventário Nacional de Referências Culturais

IPHAN – Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

LBV – Legião da Boa Vontade

NOVACAP – Companhia Urbanizadora da Nova Capital

OSOEC – Obras Sociais da Ordem Espiritualista Cristã

UESB – União Espiritualista Seta Branca

UNB – Universidade de Brasília

VA – Vale do Amanhecer

## Introdução

O Vale do Amanhecer (VA) é um movimento doutrinário e religioso cristão, localizado na cidade de Planaltina – cidade satélite do plano piloto de Brasília – Distrito Federal (DF). O movimento foi instituído em meados da década de 1960, por Tia Neiva, que se desloca para essa região do país em busca de trabalho no transporte de cargas para a construção da nova capital do Brasil, como motorista de caminhões.<sup>1</sup> Entretanto, é nesse cenário de tentar ganhar a vida na nova capital do país que os primeiros fenômenos mediúnicos de Neiva passam a surgir e como atribuição ela recebe dos planos espirituais a tarefa de implantar na região a doutrina do Vale do Amanhecer.

Após anos de preparação, Tia Neiva estabelece nas proximidades do centro administrativo de Brasília, o Templo-Mãe, o primeiro templo do Vale do Amanhecer (que inicialmente tinha a sua estrutura provisória de madeira), e que em seus anos iniciais passa a receber muitos adeptos dispostos a se comprometerem e se dedicarem a doutrina.

Com o passar dos anos, somando esforços juntamente com os primeiros seguidores, sua família composta por seus filhos e seu segundo companheiro, Mário Sassi, Tia Neiva consegue construir um templo definitivo na região, e assiste o crescimento da comunidade que cerca o templo. A cidade, que pouco tempo depois da instalação do templo passa a ser conhecida pela presença da comunidade religiosa, conta atualmente com uma população de cerca de 25 mil habitantes, em sua maioria partícipes do Movimento.

Além do Templo-Mãe localizado na zona rural de Planaltina-DF, o Vale do Amanhecer conta com mais de 650<sup>2</sup> templos espalhados por todos os estados brasileiros, bem como vários países da América, Europa, África e Ásia. Número que se mostra bastante expressivo quando nos referimos a quantidade de membros, que passa de 800 mil em todo o mundo. De acordo com os dados publicados nos portais de informação sobre o Movimento Vale do Amanhecer na internet.

O crescimento do movimento também pode ser observado a partir de análises de trabalhos como a dissertação de Mestrado da pesquisadora Carmem Luiza Cavalcante. Nesse

---

<sup>1</sup> Alguns portais e revistas eletrônicas noticiam Neiva Chaves Zelaya como a primeira mulher a tirar a Carteira Nacional de Habilitação (CNH) para caminhões de Categoria D, no território brasileiro. A exemplo: <https://avozdelas.com.br/materias/neiva-chaves-zelaya-a-primeira-caminhoneira-do-brasil-101088>, acessado em: 17/04/2022. E <https://www.brasildotrecho.com.br/2021/11/saiba-quem-foi-a-primeira-mulher-caminhoneira-do-brasil/>, acessado em: 17/04/2022.

<sup>2</sup> O portal: <https://valedoamanhecer.com/>, acessado em 25/02/2023, às 09h30, lista ao todo uma quantidade superior a 700 templos do movimento, espalhados em todos os estados brasileiros e nos templos externos, que são aqueles localizados fora do Brasil, em diversos países da América, Ásia, Europa e África.

trabalho, a autora traz um número de 200 templos do VA no ano de 2000 (Cavalcante, 2000 p.18). Já o Livro do Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC), por sua vez, traz a afirmação que o Vale do Amanhecer conta com cerca de 600 templos ativos na data de sua elaboração. “Atualmente, a doutrina do Vale do Amanhecer, tem cerca de (...) mais de 600 templos localizados em todos os Estados da Federação e em outros países, como Estados Unidos, Portugal(...) e Japão.” (INRC, 2010, p.6) e em um dos endereços eletrônicos do próprio movimento esse número ultrapassa a marca de 650 templos, conforme já mencionado.

Ou seja, a doutrina do Vale do Amanhecer não se resume apenas ao Templo-Mãe, construído por Tia Neiva nas proximidades de Planaltina, no Distrito Federal. A doutrina se constitui em todos os outros templos que fazem parte do escopo e ritualizam o mesmo dogma deixado por Tia Neiva. Os números aqui expostos revelam o relativo crescimento do Movimento com o passar dos anos.

Além da sua expressividade em números, a importância do movimento para o panorama religioso brasileiro se destaca ainda mais nos seus aspectos culturais e cotidianos, o que levou o movimento a ser contemplado, em 2010, com um volume do Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) do Instituto de Patrimônio Artístico Nacional (IPHAN), que, atualmente (2022/2023), deu origem ao processo de Registro no Livro dos Bens Imateriais do mesmo órgão.

O Vale do Amanhecer também integra uma área de reserva ambiental de 22 alqueires, há aproximadamente 40 Km da referida Capital do Brasil. O que demonstra a sua importância também em níveis de preservação ambiental da região próxima ao Templo-Mãe – localizado em Planaltina – DF.

O movimento criado e instituído por Tia Neiva, que nos dias atuais é encabeçado por seus seguidores, incluindo os filhos de Tia Neiva, é procurado por centenas de pessoas que buscam apoio espiritual e até mesmo turistas e curiosos, como afirma Oliveira (2007): “É muito visitado por pessoas que lá buscam algum tipo de ajuda espiritual, bem como turistas e curiosos, configurando um dos locais de turismo místico do planalto central.” (Oliveira, 2007, p.24). Todas as pessoas que o visitam estão motivadas pelas mais diferentes e diversas razões, mas encontram no movimento um certo apoio e conforto espiritual e muitos relatam se revelar no físico.

Também se verifica o caráter milenarista<sup>3</sup> do Vale do Amanhecer, visto que em diversos momentos da fala dos integrantes, bem como dos próprios escritos de Tia Neiva, ela fala da chegada do terceiro milênio. Como descrito em Vasquez & Alves, no livro ‘As Diásporas das Religiões Brasileiras’, do ano de 2010:

O Vale pode ser considerado um movimento milenarista, que salienta o fim apocalíptico da presente era corrupta e a vinda de uma nova era de harmonia, abundância e bem estar” (VÁSQUEZ&ALVES, 2016, p.355) ... por outro lado, o Vale “é pragmático e focado no auto aperfeiçoamento do indivíduo” (Vasquez & Alves, 2016, p.355)

Considerando a diversidade de aspectos que compõem a formação do Movimento Vale do Amanhecer, surge o interesse para a elaboração da pesquisa. O Vale se apresenta como um movimento cheio de significados próprios, bem como interpretações das mais variadas, sendo, pois, um objeto que nos proporciona uma ampla possibilidade de análise historiográfica. Nesse sentido, no que se refere a construção das análises sobre esse objeto, consideramos também a importância da interdisciplinaridade com as ciências humanas, a exemplo dos trabalhos que tratam do mesmo objeto ou de análises aproximadas dentro das Ciências da Religião, Antropologia, Ciências Sociais, e da Sociologia, por exemplo.

Outro aspecto relevante que podemos destacar com relação ao Vale do Amanhecer é a sua relação com as demais ciências: este objeto se mostra um pouco mais explorado na Ciência da Religião, na Antropologia e Sociologia, por exemplo. Já no caso da História, a abordagem sobre essa temática se mostra incipiente, principalmente quando se referem à Teses e Monografias. No cenário das graduações, o tema se mostra um pouco mais explorado.

Tal fato demonstra a relevância dessa pesquisa de doutorado para a linha de pesquisa: Cultura, Patrimônio e Memória da Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE, para os estudos da História, como também para o próprio movimento.

Logo, minha tese procura evidenciar que o crescimento e a expansão do Vale do Amanhecer ao longo dos anos resultam de seu caráter universalista, marcado pelo hibridismo cultural. A ideia de permanecer uma religião que integra aspectos variados afasta a necessidade de seu público se manter em uma doutrina que centraliza o seu dogma em uma única figura, ou pensamento. Outro fator característico que denota o crescimento do movimento é a forma como os membros enxergam a sua salvação, já que no Vale do Amanhecer, a doutrina prioriza a conduta individual dos seus membros, em detrimento da conduta coletiva, e é esse fato que eles

---

<sup>3</sup> Religiões milenaristas ou movimentos milenaristas são aqueles que acreditam na chegada de um terceiro milênio, tendo como base a ideia de salvação por parte de uma entidade espiritual superior e evoluída, marcando assim uma nova fase da vida terrena.

acreditam que leva a evolução do indivíduo. Nesse sentido, os membros se acham mais confortáveis para a prática espiritual empregada pelo VA do que em outros movimentos que pregam a salvação coletiva dos indivíduos.

Para a análise dos aspectos que compõem a diversidade de elementos culturais que o Vale do Amanhecer integra em sua formação faremos uso do conceito de Híbridação, desenvolvido pelo antropólogo argentino Nestor Garcia Canclini, em seu livro '*Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*', publicado em 1997, que nos servirá de base inclusive para o diálogo com outras categorias conceituais expostas durante o texto. Logo, para efeitos de aplicação desse conceito, utilizaremos a palavra híbridação como sinônimo da palavra hibridização para se referir às trocas culturais existentes entre as culturas que iremos abordar durante o texto.

No tocante ao percurso de pesquisa desse objeto, podemos citar a ligação com os resultados das pesquisas que são desenvolvidas há alguns anos em níveis de Graduação e Mestrado, sendo elas intituladas "Simbologias, Rituais e Representações: Expressões do Movimento Doutrinário e Religioso Vale do Amanhecer na Paraíba -1980 a 2015"<sup>4</sup> (Santos, 2019), realizada no biênio 2018/2019, a nível de Mestrado no Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), que buscou analisar a formação do movimento no Estado da Paraíba, e na pesquisa do ano de 2017 resultado do curso de Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) intitulada "Vale do Amanhecer: Cotidiano, Representações, Cotidiano e Experiências Doutrinárias do Templo Odevanto – Massaranduba – PB – 2010 á 2015" (Santos, 2019).

Os trabalhos supracitados no parágrafo anterior contribuíram de forma elementar para a elaboração dessa tese intitulada "Entre patrimônios e narrativas orais: a trajetória de Tia Neiva e do Vale do Amanhecer em Planaltina – DF (1969 – 2021)", desenvolvida no Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFPE), a nível de Doutorado, e que tem como principal objetivo fomentar a discussão acerca da importância do Movimento Doutrinário e Religioso Vale do Amanhecer no panorama das expressões religiosas brasileiras, tanto no que se refere a sua história de institucionalização e formação, bem como da sua popularização entre outros estados do Brasil.

---

<sup>4</sup> O Vale do Amanhecer é base das pesquisas de Jessica Kaline Vieira Santos, autora dessa tese, desde o ano de 2017, com a monografia 'Vale do Amanhecer: Cotidiano, Representações, Cotidiano e Experiências Doutrinárias do Templo Odevanto - Massaranduba – PB – 2010 a 2015' e em 2019 com a dissertação de Mestrado "Simbologias, Rituais e Representações: Expressões do Movimento Doutrinário e Religioso Vale do Amanhecer na Paraíba -1980 a 2015".

Logo, a contribuição desse trabalho de tese bem como a sua relevância para a historiografia dos movimentos religiosos é perceber o Vale do Amanhecer como uma construção histórico-social, pautada a partir das vivências e experiências de Tia Neiva e dos envolvidos na produção dos saberes que vêm a constituir o que é o VA, bem como a influência do contexto social da época em que o movimento fora pensado, indo de encontro a uma visão de formação puramente fenomenológica.

É importante destacar que na elaboração desse trabalho contamos com marcos temporais que se inserem entre 1960 e 2021. Ou seja, traremos aqui algumas informações que se farão relevantes no sentido de examinar os acontecimentos e a história do movimento dentro dessa delimitação temporal, tendo ciência que estes marcos não constituem uma análise cronológica precisa, como também não há uma intenção da nossa parte em fazer uma história total do Vale do Amanhecer. Entretanto, a temporalidade que se insere atualmente se justifica pelo fato de que o Movimento ainda se constitui vivo, ativo e em funcionamento, mesmo que com suas permanências, continuidades e adequações.

Acreditamos que a possibilidade de análise de tais aspectos se insere na perspectiva teórica da História Cultural, mais precisamente da História Cultural das Religiões, e é a partir dessa concepção de análise que encontramos respaldo para abordar esse tema com a temporalidade definida e anteriormente justificada.

Para os aspectos relativos à História das Religiões, faremos uso de textos de especialistas no assunto como Adone Agnolin, com o livro '*História das Religiões: perspectiva histórico-comparativa*', publicado em 2019, e autores como Eliane Moura da Silva e Karina Kosicki Bellotti (2010), que possuem diversos trabalhos embasados na Escola Italiana de História das Religiões.

A discussão empreendida foi organizada em 3 capítulos. O primeiro trata da instituição do Movimento a partir de sua localização: Planaltina, somando as influências de Brasília. Logo depois passaremos a tratar brevemente da vida de sua idealizadora: Tia Neiva, peça fundamental na construção do Vale do Amanhecer, bem como das definições sobre o que é o movimento e como ele está definido a partir das concepções atribuídas ao que os adeptos nomeiam de "planos espirituais".

O segundo capítulo aborda a implantação do Templo físico, e os desdobramentos que levam o movimento a ser contemplado com um Volume de Inventário Elaborado pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (2010), bem como analisaremos o processo de Registro de Bem Imaterial junto ao mesmo órgão.

O terceiro capítulo, por sua vez, se faz no sentido de analisar um pouco do cotidiano dos membros do Movimento e das Experiências Doutrinárias dos 16 matrimônios da Doutrina, desde a sua entrada para o movimento, até a ritualização das práticas doutrinárias descritas por meio de depoimentos de seus integrantes.

Para análise da complexidade desse movimento cheio de significados e formas muito próprias, lançaremos mão de alguns conceitos que se farão presentes no decorrer desse estudo, como os conceitos de Cultura, Representação, Cotidiano e Patrimônio. Entendemos que mesmo com esforço empreendido na escrita dessa pesquisa a partir dos conceitos aqui propostos, o Movimento Vale do Amanhecer pode ser analisado de diversas outras formas e a partir dos mais variados conceitos.

No que se refere ao conceito de representação, utiliza-se como base, nesse trabalho, o conceito do historiador francês Roger Chartier (1991), no que se refere principalmente a análise da utilização das imagens e das insígnias para representar uma herança transcendental<sup>5</sup> dentro do movimento. No que diz respeito às representações, Chartier (1991) afirma:

À palavra “representação” atestam duas famílias de sentido aparentemente contraditórias: por um lado, a representação faz ver uma ausência, o que se supõe uma distinção clara entre o que representa e o que é representado, de outro é uma presença, a apresentação pública de uma coisa ou uma pessoa(...) A relação da representação – entendida como uma imagem presente e um objeto ausente – valendo pelo outro porque lhe é homologa. (Chartier, 1991, p.184)

Assim, quando Chartier (1991) afirma que a representação faz ver uma ausência, a representação faz “vivenciar” e ver um objeto ou pessoa que não mais está presente naquele meio. Sendo assim, a representação é o indicativo de como aquela pessoa ou objeto era enquanto existia, e se fazia presente. Aspecto, por sua vez, presente nas iconografias e imagens dos mentores espirituais que fazem parte do escopo de espíritos que compõem o movimento, esses representados nas suas diversas roupagens em outras encarnações, que correspondem diversos espaços temporais e espaciais dentro da História.

Além disso, outro aspecto referente às práticas e representações descritas por Chartier (1991) estão na composição das preces, mantras e indumentárias<sup>6</sup> do Vale do Amanhecer. Toma-se, aqui, o exemplo das indumentárias, que muitas remetem a humildade e estão ligadas em grande medida à figura de São Francisco de Assis. Essa representação, no entanto, reflete a uma prática tanto dentro do espaço templário da doutrina, bem como na vida pessoal do

<sup>5</sup> “A noção de Transcendente no Vale do Amanhecer está indissociavelmente ligada à ideia de encarnações passadas, que seus adeptos creem ter vivenciado.” (INRC, 2010, p.265)

<sup>6</sup> Vestimenta ritualística composta por cores e armas repletas de simbolismos, de acordo com a sua mediunidade e a sua falange missionária. (INRC, 2010, p.266)



integrante, que a partir dessas representações aplica na sua vida cotidiana a prática de caridade fora do espaço templário do movimento.

Outro ponto que nos propomos a tratar é o cotidiano dos “mestres” integrantes da doutrina. As pessoas que se propõem a integrar a doutrina como médium precisam cumprir algumas premissas fundamentais, como a utilização dos horários de preces que são feitas no decorrer do dia e que são adaptadas ao trabalho e a vida cotidiana de quem as ritualiza.

Nesse sentido, a tática e a estratégia de Certeau (1998) nos fazem entender as mudanças no cotidiano social e religioso daqueles que visitam e integram o espaço do Vale do Amanhecer. “A tática é denominada pela ausência de poder, assim como a estratégia é organizada pelo postulado de um poder.” (Certeau, 1998, p.101) é com algumas modificações no cotidiano semelhantes às táticas e estratégias de Certeau (1998) que os membros da doutrina conseguem organizar e reorganizar a sua vida e sua rotina, para que ela se ajuste também ao convívio religioso da doutrina.

Além dos conceitos que se farão presentes no decorrer da análise desse objeto, assinalamos também a utilização das fontes que formaram o escopo da análise historiográfica desse objeto. Entre elas podemos destacar a presença dos manuais do próprio movimento, livros, cartas e boletins informativos que circulam entre os membros do movimento, bem como nos valem de fontes de jornais, mais precisamente do Jornal *Correio Braziliense*, da década de 1970 e 1980, com seus números digitalizados disponíveis na Biblioteca Nacional Digital (BND) e revistas eletrônicas. Além dessas fontes, destacamos o processo de Registro de Bem junto ao IPHAN, disponível para consulta no site do próprio órgão e nos cedido em contato com a superintendência do IPHAN – DF.

Como bibliografias podemos citar artigos e produções acadêmicas que abordam o Vale do Amanhecer e a trajetória de Tia Neiva. Destacamos ainda a presença fundamental do volume do Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) de 2010, monografias, dissertações e teses que tratam do tema, seja no campo da história seja nas ciências humanas, e livros elaborados sobre o movimento como é o caso do Livro sobre o Vale do Amanhecer elaborado pelo Padre e Antropólogo Vicente César, de 1978.

No que diz respeito aos métodos, utilizaremos os depoimentos pautados na História Oral por meio das diversas entrevistas que mencionamos no decorrer dos capítulos, confrontando as narrativas orais com as fontes escritas no sentido de elaborar da melhor forma a análise que permite as considerações presentes nesse trabalho. No que se refere às entrevistas, algumas foram realizadas no ano de 2017 e patenteadas por meio da submissão ao Comitê de Ética da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, no trabalho intitulado “Vale do Amanhecer:

Cotidiano, Representações, Cotidiano e Experiências Doutrinárias do Templo Odevanto – Massaranduba – PB – 2010 a 2015”. Outras entrevistas estão disponíveis nas demais bibliografias e os depoimentos de Tia Neiva foram retirados do Inventário e de trechos em fontes audiovisuais, nas quais Tia Neiva se permitiu gravar, que estão disponíveis nos meios eletrônicos.

O método da História Oral é uma forma de descrever as experiências e recontar a história do movimento, dando espaço também aos agentes que integram o universo de experiências que é o Vale do Amanhecer. Assim como afirma José Carlos Sebe Meihy (1996), em seu manual de História Oral, “História Oral é um recurso moderno usado para a elaboração de documentos, arquivamento, e estudos referentes à experiência social de pessoas e de grupos. Ela é sempre uma história do tempo presente e também reconhecida como história viva.” (Meihy, 1996, p.25)

Portanto, a História Oral é uma importante ferramenta analítica dentro da pesquisa, que busca também viabilizar os discursos de quem participa e integra o espaço dessa doutrina e que ajuda a compreender a relação da doutrina com a sociedade e com seus pares.

Ainda como recurso para as análises aqui empreendidas, se farão uso de fotografias, tanto de acervo próprio como de acervos virtuais, bem como o uso de alguns mapas que foram adaptados exclusivamente no sentido de examinar aspectos relativos ao assunto abordado.

Entendemos, pois, que mesmo com o esforço empreendido nessa pesquisa, o Movimento Doutrinário Vale do Amanhecer é um objeto bastante complexo e cheio de significados. Logo, salientamos novamente que esse é um trabalho que objetiva fomentar as discussões a respeito do objeto, e que ele, por sua vez, pode e deve ser revisitado na academia pelos pares quantas vezes for necessário, não constituindo uma análise estanque e engessada.

Após o exposto com relação à estrutura desse trabalho e às explicações características fundamentais dessa pesquisa, que entendemos fazer parte necessária para a compreensão do leitor, passaremos agora para o primeiro capítulo.

## **Capítulo 1. Vale do Amanhecer: entrelaces culturais entre a Brasília mística e a sua instituição espiritual**

Na tarefa de situar o leitor desse trabalho, o capítulo a seguir inicia a sua discussão sobre parte da formação da região central do Brasil, cenário do desenvolvimento da cidade de Planaltina e da construção da cidade de Brasília – DF. Sobre estas cidades, empreende-se uma discussão que tem como objetivo analisar as narrativas místicas que envolvem as duas formações, a construção e o seu desenvolvimento.

Utilizamos, nesse momento, parte da documentação que trata das duas cidades e da idealização da Capital Brasília, bem como parte dos registros de patrimônio no Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC), elaborado em 2010, que traz informações relevantes sobre a implantação da cidade, bem como também compõe fonte de documentação presente no portal eletrônico do Distrito Federal.

Ainda nesse capítulo, o segundo tópico enfoca a vida e a trajetória de Neiva Chaves Zelaya, Tia Neiva. Nele podemos analisar um pouco dos processos pessoais, das influências e das redes de contato exercidas por Tia Neiva até o momento que ela se torna a líder religiosa do Vale do Amanhecer. As fontes trazidas nesse momento demonstram as relações de afeto de Tia Neiva, e as suas influências desde a infância, bem como as pessoas que puderam de alguma forma contribuir para a concretização do Vale do Amanhecer.

O terceiro tópico desse capítulo, por sua vez, analisa a formação do Vale do Amanhecer através da influência de Tia Neiva e das histórias transcendentais de sua formação, e as representações culturais que envolvem o panteão de espíritos que formam o que vem a ser a doutrina do Amanhecer. Nesse tópico, se faz necessário a análise das representações do panteão de espíritos do Vale do Amanhecer e um pouco dos processos entendidos e documentados por parte da comunidade em seus livros e manuais.

### **1.1 Entre Planaltina e Brasília: aspectos místicos da região central do Brasil**

Para falarmos da instituição física do Templo-Mãe do Vale do Amanhecer, entendemos que se faça necessário, nesse primeiro momento, uma explanação da localização geográfica da região que abraçou o movimento ainda na década de 1960. Aqui traçaremos um pouco da história de Planaltina e de Brasília, como sendo espaços fundamentais ao desenvolvimento do Movimento Doutrinário e Religioso Vale do Amanhecer, por meio da liderança de Neiva Chaves Zelaya, mais conhecida como Tia Neiva.

De acordo com o que afirma o professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília (UNB), Pedro Paulo Pallazo, Planaltina é “o único núcleo urbano do Distrito Federal preexistente à construção de Brasília.” (Palazzo, 2015, p.360) A cidade, que tem o início de sua formação enquanto freguesia ainda no século XIX, em 1811, sua elevação a condição de distrito em 1859 e a sua emancipação municipal no ano de 1891, foi incorporada “no perímetro do Distrito Federal quando da inauguração de Brasília, em 1960.” (Palazzo, 2015, p.361) É nesse momento que a cidade centenária e colonial de Planaltina passa a transformar-se em uma cidade com vistas ao progresso, derivada dessa nova reconfiguração política e geográfica decorrente da construção da nova capital do Brasil.

A princípio, as fontes disponíveis em documentação do Senado<sup>7</sup> e do próprio Distrito Federal (DF), indicam que a idealização do projeto da construção da capital data ainda do Período Colonial, onde já se discutia a possibilidade de migrar a sede da administração da região litorânea para a região central do território.

Na sua dissertação de mestrado intitulada “E a história se fez cidade...”: a construção histórica e historiográfica de Brasília”, publicada em 2005, Viviane Gomes Ceballos (2005) aborda como a construção simbólica de capital brasileira se deu a partir dos textos anteriores a sua construção física na década de 1950. No texto, a autora afirma: “Os textos sobre Brasília buscam criar uma historicidade para ela que antecede sua construção.” (Ceballos, 2005, p.5)

Essas ideias da possibilidade de transferência foram motivadas, principalmente, pelo receio dos ataques de nações estrangeiras que poderiam ser feitos pelo mar. Logo, com a distância por terra, a Capital administrativa ficaria menos propensa aos ataques.

Em 1883, o sacerdote italiano conhecido como Dom Bosco, relatou que em um de seus sonhos visitava a América do Sul e segundo ele:

Entre os graus 15 e 20 havia uma enseada bastante longa e bastante larga, que partia de um ponto onde se formava um lago. Disse, então, uma voz repetidamente: – Quando se vierem a escavar as minas escondidas no meio destes montes, aparecerá aqui a terra prometida, de onde jorrará leite e mel. Será uma riqueza inconcebível. (Relato de Dom João Bosco no livro “**Memórias Biográficas de São João Bosco**”. Disponível em: <http://www.df.gov.br/historia/>, acessado em 28/07/2021)

Com a Constituição Republicana de 1891, a determinação de sua área foi incluída no documento e no ano seguinte uma expedição foi até o planalto central para fazer um

---

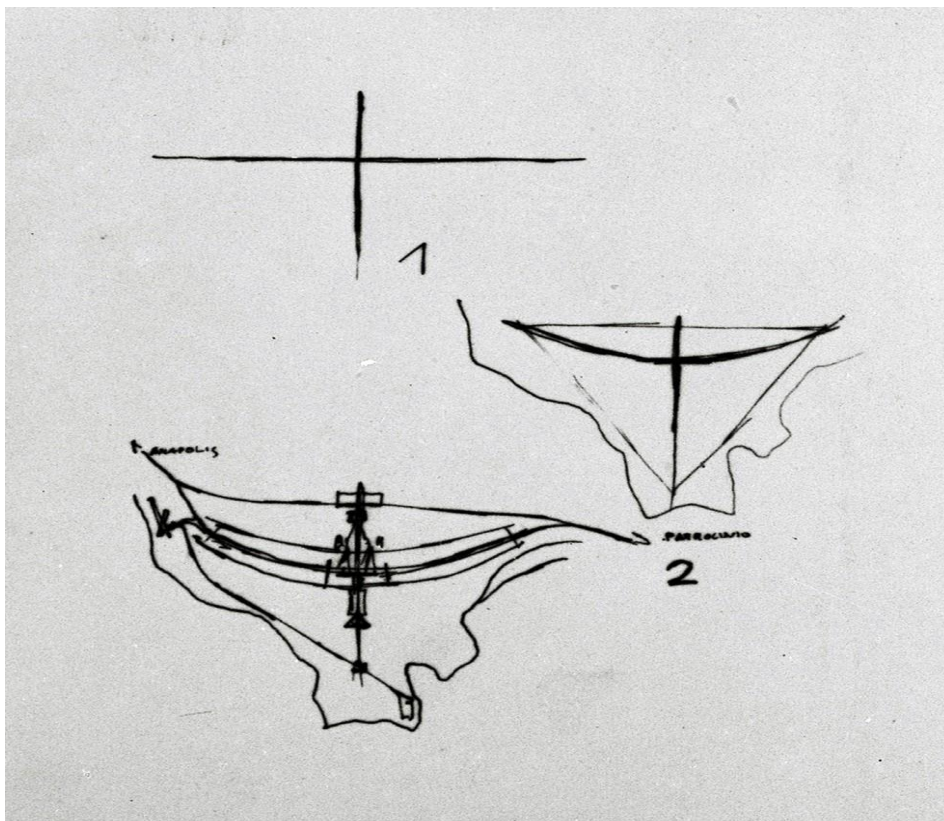
<sup>7</sup> Pôde ser observado em fontes disponíveis no endereço eletrônico do Senado Federal: <https://www.senado.gov.br/noticias/especiais/brasilia50anos/not02.asp>, acessado em 05/11/2022, às 12h21, informações sobre a idealização da cidade de Brasília ainda do período colonial como indicam os portais.

mapeamento da área. A expedição contou com médicos, geólogos e botânicos chefiados por Louis Ferdinand Cruls, e ficou conhecida como “Missão Cruls”.<sup>8</sup>

No entanto, apesar da sua idealização e da construção da narrativa de importância de criação da Nova Capital, a cidade de Brasília – DF, no coração do território brasileiro, só foi construída em meados da década de 1950 por iniciativa do então presidente da República à época: Juscelino Kubitschek.

Para a construção da cidade planejada, foi criada a NOVACAP<sup>9</sup> - Companhia Urbanizadora da Nova Capital, e também lançado o “Concurso Nacional do Plano Piloto da Nova Capital do Brasil”, que objetivava receber projetos urbanísticos de construção da cidade. A proposta vencedora partiu do Arquiteto Lucio Costa que, feita a lápis, desenhava o formato **do traçado de dois eixos cruzando-se em ângulo reto, como o sinal da cruz.**<sup>10</sup>

Figura 1 - Traços que formam a base do Plano Piloto De Brasília.



Fonte: arquivo Público do Distrito Federal/ Fundo NOVACAP.

Disponível em: <https://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/projeto-arquitetonico-de-lucio-costa-para-brasilia-completa-60-anos.ghtml>, acessado às 00h42 do dia 22/06/2022.

<sup>8</sup> <https://www.senado.gov.br/noticias/especiais/brasilia50anos/not02.asp> acessado em: 27/25/2023, às 17h18.

<sup>9</sup> A Companhia Urbanizadora da Nova Capital – NOVACAP se configura como mecanismo importante para instalação de Tia Neiva na região, por intermédio de Bernardo Sayão, diretor da instituição à época.

<sup>10</sup> Disponível e acessado em 27/25/2023, às 17h18, no seguinte endereço: <http://www.df.gov.br/historia/>

Uma dessas linhas possuía uma leve inclinação e dava a forma de avião que a cidade possui. A ela deu-se o nome de eixo rodoviário, e nela estão dispostos a Asa Sul e a Asa Norte, áreas residenciais do plano Piloto. A outra linha, chamada de Eixo Monumental, abriga os Palácios do Governo, a rodoviária, os prédios públicos e ao centro a torre de TV.<sup>11</sup>

Após a escolha do projeto, Juscelino delega ao arquiteto Oscar Niemeyer para ser o responsável pela construção dos monumentos como o Congresso Nacional, e os Palácios da Alvorada e do Planalto, o Supremo Tribunal Federal e a Catedral de Brasília. Em 1960, a cidade nascia com as suas formas inovadoras e com os seus símbolos associados à liberdade, e ao progresso. Recebia, de várias partes do país, principalmente do Nordeste e de Minas Gerais, milhares de brasileiros em busca de novas oportunidades. Estes, por sua vez, ficaram conhecidos pejorativamente como Candangos.<sup>12</sup>

O cenário de deslocamento dos candangos de várias partes do país, nos faz retornar a análise à Planaltina: por estar localizada nos arredores do Distrito Federal, a cidade passou a receber muitas pessoas que buscavam a proximidade com a construção e o desenvolvimento da Nova Capital, principalmente interessadas em melhores condições de vida e trabalho.

A ocupação de Planaltina-DF, por parte dos candangos, denota a segregação espacial contida na construção da cidade do progresso: ou seja, a cidade de Brasília pensada e construída como símbolo do progresso econômico e social não recebe e acolhe aos mais pobres vindos de várias partes do país, torna-se uma cidade desigual, com índices elevados de custo de vida. Aos candangos resta ocupar as cidades em torno da capital: cidades periféricas, com ares de subdesenvolvimento como é o caso de Planaltina, onde o Vale do Amanhecer vem a se instalar.

Como consequência do fluxo migratório com a migração da capital, o contato entre as culturas dos diversos “brasis”, que agora dividem o mesmo espaço geográfico, altera a dinâmica, o cotidiano e a cultura da região do Planalto Central, abrindo espaço para um lugar de diversidades que podem ser identificadas das mais variadas formas, desde a construção de seus espaços de memória, até as formas de vivenciar a doutrina.

Ou seja, tanto Planaltina quanto Brasília sintetizam uma das principais características que estão relacionadas à formação da identidade nacional do povo brasileiro – a diversidade

---

<sup>11</sup> No local onde funcionava a Torre de TV, atualmente é um Mirante com altura aproximada que equivale a um prédio de 25 andares, onde os habitantes do Distrito Federal e das cidades satélites, bem como os turistas fazem visitas para contemplar a vista panorâmica do plano piloto. De lá é possível observar o formato da cidade com as suas asas, que correspondem a Asa Sul e Asa Norte. O Eixo Monumental com os prédios públicos, o Palácio do Governo, e até mesmo o Lago Paranoá, planejado e construído em torno da cidade.

<sup>12</sup> Os pesquisadores Cristina Rocha e Manuel A. Vásques, em capítulo do Livro “A diáspora das Religiões Brasileiras”, indicam que a palavra candango tem a tradução literal associada a uma pessoa ignorante, de classe baixa, pobre e sem cultura. (Rocha, Cristina; Vasques, Manuel A., 2016, p.353)

cultural – possibilitada, em seu território, a partir das interações entre brasileiros das mais variadas partes do país. Costumes que se entrelaçam. Diversidade percebida através da linguagem, da culinária, percebida também na música, nas artes, nos costumes. E no tocante a este trabalho: na religiosidade. Essa que se manifesta das mais variadas formas e que reflete as interações que são perceptíveis também nos quatro cantos do país.

No campo da religiosidade, Planaltina atualmente é conhecida pela realização de festas religiosas e pela instalação do Vale do Amanhecer, que contribui diretamente com o Turismo Religioso realizado na região.

Planaltina também é conhecida por suas festas religiosas, a encenação Via Sacra reúne mais de 150 mil de pessoas chegando a ser conhecida nacionalmente. O Vale do Amanhecer, um centro espírita bastante renomado no Brasil, composto por cerca de 50 mil habitantes, fundado pela clarividente Neiva Chaves também faz parte do patrimônio cultural de Planaltina. (Gomes, 2018, p.14)

Ou seja, a cidade na qual o Vale do Amanhecer se instalou, para além da presença do movimento, também é conhecida por diversos eventos religiosos, que contribuem para que ela esteja na rota de turismo religioso de Brasília, constituindo importante instrumento de visitação na região.

## 1.2 A trajetória de Neiva Chaves Zelaya: Tia Neiva, a líder religiosa do Movimento Doutrinário Vale do Amanhecer

A breve abordagem levantada nas linhas anteriores acerca da história de Planaltina e Brasília, tem como principal objetivo situar o leitor acerca da formação do Vale do Amanhecer. É partir da constituição desses espaços que congregam diversidades e se fazem cosmopolitas, abrigando pessoas das mais variadas partes do território brasileiro que nos deparamos com o fio condutor da instituição do Movimento Doutrinário e Religioso Vale do Amanhecer: Neiva Chaves Zelaya, ou Tia Neiva, como ficou mais conhecida.

Neiva Chaves Zelaya tem o seu registro de nascimento lavrado na cidade de Propriá, no interior de Sergipe, no dia 30 de outubro de 1925. Entretanto, existem relatos, principalmente por parte de familiares, que ela poderia ter nascido na cidade de Ilhéus, na Bahia. Essa possibilidade pode ser levantada se levarmos em consideração que durante as primeiras décadas do século XX nem todas as cidades de interior possuíam cartórios e era comum que os registros de nascimento acontecessem dias depois que a criança tivera nascido. Comumente esse registro era efetuado nas cidades próximas que tivessem o serviço de cartório disponível.

Mas no caso de Neiva, a possibilidade de ter nascido numa cidade diferente da cidade de seu registro pode ser assumida também a partir de outro elemento: Neiva era filha de Maria

de Lourdes Seixas Chaves e Antônio Medeiros Chaves, que tinha como profissão a topografia, que o fazia viajar no sentido de examinar regiões coletando dados para a construção civil, o que pode ter favorecido a possibilidade de Neiva ter sido registrada em cidade diferente de seu nascimento.

Filha de topógrafo, acompanhava o pai em seu trânsito pelas cidades em que ele atuava profissionalmente, o que a ambientará aos caminhos e lhe inspirará a inclinação para o nomadismo. (Reis, 2008, p.139)

Por causa da profissão de Antônio Medeiros Chaves, Maria de Lourdes e seus quatro filhos – sendo Neiva a mais velha dos 4 irmãos – sempre o acompanhavam nas viagens a trabalho, fazendo com que a família estivesse, em muitos dos casos, sempre mudando de cidade. Com isso, ainda na adolescência, Neiva Chaves havia se mudado para o município de Jaraguá, no Goiás, cidade localizada a aproximadamente 60 km de Ceres – Goiás<sup>13</sup>, juntamente com seus pais e seus irmãos, onde passaram a morar numa fazenda de propriedade de Antônio, seu pai. A mudança para o Goiás se mostraria fundamental para a vida de Neiva anos depois. Na fotografia abaixo podemos observar Neiva, seus pais e seus irmãos.

Figura 2 - Tia Neiva ainda criança, sua mãe, seu pai e seus irmãos. Ao fundo, seus pais Maria de Lourdes e Antônio Chaves; à frente, Neiva e seus irmãos Nivaldo e José.



Fonte: Disponível no Inventário de Referências Culturais sobre o Vale do Amanhecer, 2010, p. 165, acessado em 27/05/2023 às 17h25:

[http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/vale\\_do\\_amanhecer\\_inventario.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/vale_do_amanhecer_inventario.pdf).

<sup>13</sup> Cidade fundada em 1953, é um município brasileiro localizado no Estado de Goiás, que teve a sua origem na Colônia Agrícola de Goiás, cujo primeiro administrador fora Bernardo Sayão, responsável por empregar Raul Zelaya nas obras de desenvolvimento do centro-oeste.



No ano de 1943, Neiva se casa, aos 18 anos, com o argentino Raul Zelaya Alonso, na cidade de Ceres – GO, no dia 31 de outubro. Esse seria um dos episódios importantes na trajetória de Neiva nessa Região. Raul, seu marido, decidiu por se instalar na região do Centro-Oeste do país, com o objetivo de trabalhar nas obras de integração, interiorização e desenvolvimento da região centro-oeste.

As políticas expansionistas foram implementadas pelo então presidente Getúlio Vargas, com o objetivo de fortalecer a economia e o desenvolvimento da região, num movimento que ficou popularmente conhecido como “Marcha para o Oeste”.

Raul, que trabalhava nas obras de desenvolvimento da região centro-oeste, havia sido empregado por Bernardo Sayão, como secretário administrativo da CANG – Colônia Agrícola Nacional do Goiás, que tinha como papel principal ocupar e interligar as regiões interioranas do país ainda inexploradas.

A CANG era administrada a partir de nomeação do Governo Federal, efetuada, por sua vez, por Bernardo Sayão Carvalho Araújo (1901-1959), diretor do órgão onde Raul foi secretário. A ligação de Raul e Bernardo é outro fator determinante nos desdobramentos da vida de Neiva alguns anos após esse período, já que é por intermédio de Bernardo que Neiva vai trabalhar na construção de Brasília, anos mais tarde.

Do casamento de Neiva e Raul, nasceram quatro filhos: Gilberto Chaves Zelaya, Carmem Lúcia Chaves Zelaya, Raul Oscar Zelaya Chaves e Vera Lúcia Chaves Zelaya. Raul Alonso morre em 1949, deixando Neiva viúva precocemente, com os quatro filhos para criar, sem muito estudo, pois só havia cursado até a terceira série do Ensino Fundamental, o que correspondia ao Antigo Ginásio à época.

Sem muito recursos e sem muitas opções, Neiva decide reunir as suas economias e passa a empreender numa pequena casa de produtos fotográficos que recebe o nome de Foto Neiva na cidade de Goiânia – GO.

Figura 3 - Tia Neiva e seus quatro filhos ainda pequenos.  
Da esquerda para a direita: Gilberto, Carmem Lúcia, Raul e Vera Lúcia (colo).



Fonte: INRC, 2010, p.167.

Por causa da necessidade de manipular produtos químicos fotográficos para revelação de imagens, Neiva Zelaya é exposta a complicações respiratórias, o que após recomendações médicas faz com que ela encerre as atividades do estúdio de fotografias Foto Neiva.

Após o encerramento das atividades do estúdio de Fotografia Neiva, a alternativa utilizada por ela foi a compra de uma chácara próxima a cidade de Ceres-GO. Entretanto, com a compra da chácara, Neiva passou a cuidar das atividades de plantio e colheita e o carregamento da produção. Com a sua saúde já fragilizada, se viu esgotada fisicamente e como não havia recursos financeiros para contratação de pessoal e para manutenção da propriedade, ela se desfaz da chácara.

Após os problemas enfrentados na manutenção da chácara e com o seu problema de saúde se agravando, ela novamente troca de atividade provedora de seu sustento. Com o dinheiro da venda da chácara, Neiva compra o seu primeiro caminhão.

Tia Neiva é retratada como a primeira mulher caminhoneira profissional no Brasil, ou seja, a primeira a possuir a carteira de motorista de categoria “D”, necessária para a condução desse tipo de veículo no país. Esse fato tanto chama atenção que ela é mencionada em vários artigos veiculados no meio digital, em sites e blogs, como sendo a primeira mulher brasileira a possuir permissão para a condução de caminhões no território brasileiro.

Em uma das matérias veiculadas acerca da profissão, Neiva estampa a capa da Revista Caminhoneiro, veiculada no dia 06 de março de 2018, na rede social Instagram. Tal postagem faz menção à Neiva Chaves Zelaya como “A Primeira mulher Caminhoneira” do território brasileiro:

Neiva Chaves Zelaya, conhecida como “Tia Neiva”, é sergipana nascida em 1925. No início da década de 50, comprou um caminhão e foi a primeira mulher do país a obter o registro profissional como motorista. A Revista Caminhoneiro deseja um Feliz dia da Mulher para todas as guerreiras desse Brasil (REVISTA CAMINHONEIRO, 2017)

Figura 4 - Matéria veiculada na revista caminhoneiro no Instagram.



Fonte: Revista Caminhoneiro no Instagram; disponível em: <https://www.instagram.com/p/Bf-iku4lzGc/>, acessado em 04/08/2021, às 20h28.

Além desse, muitos outros endereços eletrônicos tratam Neiva como sendo a primeira mulher com o registro profissional de caminhoneira e com a obtenção da carteira de motorista com categoria D no país. Apesar dos registros indicarem o certo pioneirismo de Neiva na profissão, até o momento da pesquisa, não foi possível identificar como foi o processo que levou Tia Neiva a dirigir, ou como ela tenha aprendido tal ofício. Entretanto, os indícios nos levam à influência tanto de seu pai, ainda na adolescência, e até mesmo de seu marido Raul, que trabalhou na “Marcha para o Oeste”.

Na imagem abaixo é possível identificar Neiva Chaves Zelaya ao lado de seu caminhão. Registros de mulheres em transportes desse porte entre as décadas de 1950 e 1960 são de certa forma incomuns, principalmente pelo valor agregado do veículo, e pelas condições impostas às mulheres na época.

Figura 5 - Tia Neiva posando para fotografia ao lado de seus caminhões.



Fonte: NOVACAP, 1958 *apud* INRC, 2010, p.172.

A compra do caminhão possibilitou a Neiva fazer viagens ao longo do território brasileiro, passando, habitualmente, pelas rotas de Minas Gerais, do interior paulista e do Paraná, onde realizava transporte e fretamento de cargas. Entretanto, durante uma de suas voltas para casa, Neiva teve seu caminhão roubado. Sem o caminhão, muda-se para Morrinhos e começa a trabalhar como costureira de peças encomendadas.

Ainda no período inicial da compra de seu caminhão, uma personagem cruza a vida de Neiva: Gertrudes, sua filha adotiva. Gertrudes foi a pessoa responsável por cuidar dos filhos de Neiva no período em que ela realizava as viagens. No momento de sua adoção, Gertrudes tinha 12 anos e era mais velha que os quatro filhos de Neiva, recebendo o sobrenome Zelaya e passando a se chamar Gertrudes Alves Zelaya. A importância de Gertrudes na vida e trajetória de Neiva perduram até muito tempo depois da implantação do Vale do Amanhecer.

Após o roubo de seu primeiro caminhão, em 1954, Neiva se muda para Goiânia onde passa a atuar como motorista de ônibus coletivo urbano e, juntamente com ela, seu filho Gilberto, passa também a trabalhar no transporte coletivo desempenhando a atividade de cobrador dos passageiros. Quando não estava no ônibus, Neiva também trabalhava de repórter em uma das revistas da cidade. Com o dinheiro arrecadado de seus trabalhos, Neiva Zelaya compra seu novo caminhão. Contudo, apesar da sua compra, ela não deixou imediatamente de trabalhar como motorista de transporte urbano.

Em matéria do Jornal *Correio Braziliense*, de 18 de junho de 1972, sobre o Vale do Amanhecer, aborda-se um pouco da trajetória de Neiva na região de Goiânia no que diz respeito à atividade de Caminhoneira: “Ali trabalhou como fotógrafa e motorista de ônibus, comprando mais tarde um caminhão, passando a percorrer os quatro cantos do Brasil, levando os meninos na cabina.” (*Correio Braziliense*, 18 de junho de 1972\Edição 03843)<sup>14</sup>

Em maio de 1957, é convidada a participar como transportadora dos materiais para a construção da nova capital do Brasil – Brasília, a cidade na qual ela viria a se estabelecer definitivamente alguns anos depois. Nesse episódio, a convite de Bernardo Sayão, amigo de seu falecido marido Raul.

Bernardo Sayao Carvalho Araújo<sup>15</sup> participou ativamente do desenvolvimento da região central do Brasil, sendo o responsável por administrar a CANG – Colônia Agrícola Nacional de Goiás no governo de Getúlio Vargas. O local posteriormente deu origem a cidade de Ceres-GO e Bernardo Sayao foi eleito vice-governador do Estado de Goiás e em setembro de 1956 se tornou um dos diretores da NOVACAP – Companhia Urbanizadora da Nova Capital.

Disponível no Inventário Nacional de Referências Culturais (2010), em entrevista concedida por Gertrudes<sup>16</sup>, podemos verificar como se deu a amizade que Neiva solidificou com Bernardo Sayão:

(...) Meu padrinho [Raul Zelaya Alonso, marido de Neiva] era a segunda pessoa do Dr. Sayão (Bernardo Sayão) e a vida era boa [em Ceres]. (...) (Jornal do Jaguar) Como surgiu o convite para vir a Brasília? (Gertrudes) Veio do Dr. Sayão, que era padrinho de casamento dela. A gente veio morar num barracão aqui, era um frio, Goiânia era quente... Nós mudamos para o Núcleo Bandeirante, lá tínhamos um barraco de bambu coberto de lona. Lá ficamos alguns anos, mas íamos mudando, a gente sempre foi cigano mesmo (risos)” (INRC, 2010 p.173)

A entrevista de Gertrudes revela como Neiva lidava com as mudanças de cidade de forma constante, e também a forma como Tia Neiva e sua família foram inseridos no Núcleo Bandeirante, a partir da influência de Bernardo em sua vida desde o período em que Raul, seu primeiro marido, ainda estava vivo e representava uma das pessoas de confiança de Dr. Sayão.

Neiva, dirigindo o seu caminhão com o objetivo de trabalhar na construção da Capital a partir do convite de Bernardo, recebeu a ficha de número 2525 da Companhia Urbanizadora da

<sup>14</sup> Acessado em 05/02/2019. Disponível na Hemeroteca Digital no endereço: [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028274\\_02&PagFis=23396&Pesq=vale%20do%20amanhecer](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028274_02&PagFis=23396&Pesq=vale%20do%20amanhecer))

<sup>15</sup> Informações sobre Bernardo, disponíveis em: [http://www.museuvirtualbrasil.com.br/museu\\_brasilia/modules/news3/article.php?storyid=13](http://www.museuvirtualbrasil.com.br/museu_brasilia/modules/news3/article.php?storyid=13)

<sup>16</sup> Zelaya, Gertrudes Chaves. “Um verdadeiro exemplo de humildade e de amor”. Entrevista concedida a Jairo Oliveira Leite Junior. In: *Jornal do Jaguar, Vale do Amanhecer*, nº 4, ano II, 2006, p. 03, mar/abr 2006. Disponível no INRC, 2010, p.173.

Nova Capital (NOVACAP). Após o estabelecimento de Neiva como “candanga” na construção da cidade que viria a ser a nova capital do país, uma outra figura bastante importante acaba por adentrar a vida de Neiva: Mário Sassi.

Algum tempo após a morte de seu marido Raul, Neiva encontra na pessoa de Mário Sassi, um companheiro. Sassi tinha descendência italiana, era consultor de relações públicas da Universidade de Brasília e tornou-se peça de fundamental importância desde a instituição do Vale do Amanhecer, figurando como seu novo companheiro até a data da morte de Tia Neiva, em 1985. Ele foi para o movimento, como Muel Deyfrus e Martins Rodrigues (1986) afirmam “o teórico da sua História, o que classifica, dá nomes e organiza os fenômenos extraordinários por ela implementado, construindo a doutrina e institucionalizando, à sua maneira própria maneira, o movimento” *apud* Vasquez & Alves (2016).

Tia Neiva, mesmo com as adversidades da sua vida, não parecia esmorecer diante das dificuldades. Após a morte de seu primeiro marido, sua história nos faz refletir sobre os desafios que a maternidade a trouxe, se vendo obrigada a ser a total provedora de seus filhos ainda pequenos, que parecem ter sido eles mesmos a rede de apoio com quem ela contou mesmo após a entrada de Gertrudes em sua vida e mesmo após estarem crescidos, já que tanto seu filho Raul Zelaya como seu filho Gilberto integram, após a instituição do Vale do Amanhecer, a hierarquia do movimento juntamente com Neiva.

Outro aspecto também bastante relevante que destacaremos aqui: as profissões que ela exercera após a morte de seu marido Raul. Profissões que para a época não eram caracterizadas como sendo profissões destinadas às mulheres. Se considerarmos que nos dias atuais as mulheres enfrentam preconceitos diversos no mercado de trabalho, Neiva estava dentro da cabine de um caminhão, exercendo uma profissão até hoje majoritariamente masculina, e teve que bater de frente com a misoginia e também com o preconceito no meio em que se encontrava.

O antropólogo e padre José Vicente César, que foi diretor do Instituto Anthropos do Brasil, e realizou estudos sobre a Tia Neiva e o Vale do Amanhecer durante a década de 1970, relatou sobre “Dona Neiva”, como assim ele a chamou, a época de seu ofício de caminhoneira, o seguinte:

Revólver no porta-luvas, às vezes com as crianças no grande veículo de carga, “Dona Neiva” fazia-se respeitar e admirar de todos os que a encontravam pelas poeirentas estradas do interior do Brasil, levando vida ilibada (...). (INRC Vale do Amanhecer, 2010, p.174)

O trecho trazido pelo Padre César revela que parte do respeito que Tia Neiva adquiriu durante o período em que trabalhou dirigindo caminhão ou ônibus urbano, também era



adquirido a partir do uso da “força”. Muito do respeito que adquiriu foi também a partir do seu bom relacionamento com aqueles com quem ela cruzava durante a sua trajetória de vida.

Figura 6 - Tia Neiva e Padre César.



Fonte: disponível em:

<https://www.facebook.com/valedoamanhecer.inglaterra/photos/a.895160073866985/1261163167266672/>

Em entrevista ao jornal Última Hora, publicada poucos meses antes de sua morte, mais precisamente em novembro de 1985, revela como foi a sua vivência nas estradas junto de seus companheiros de profissão enquanto ela conduzia seu caminhão:

Quer dizer que antes de todo este trabalho espiritual, a decisão de ser caminhoneira, principalmente em se tratando de uma viúva jovem e bonita, custou muito caro para a senhora? (Tia Neiva) Custou, mas valeu a pena. Eu sabia, eu sentia que tinha proteção de Deus. Eu sempre me considerei uma boa motorista. Dirigi por várias estradas deste Brasil. Naquela época, os carros não tinham a mecânica de hoje e nem as estradas eram pavimentadas, a não ser umas poucas, nos troncos principais. Por isto, eu era respeitada pelos meus colegas. Justamente por ser considerada boa motorista e boa companheira. (Galeazzi, Marlene Anna. “O Amanhecer de Tia Neiva”. In: Última Hora, Brasília, 10 ago. 1985, p. 13 *apud* Inventário Nacional de Referências Culturais 2010 p.177)

Até aqui nos detemos a contar um pouco da trajetória de vida de Neiva Chaves Zelaya e de seus entraves durante a juventude. Ela, uma viúva que precisava se utilizar das mais variadas estratégias para criar seus quatro filhos. Mas em que momento a trajetória profissional e pessoal de Tia Neiva passa a se confundir, de certa forma, com a história da instituição do

Movimento Doutrinário Vale do Amanhecer? Passaremos então a dissertar um pouco sobre a trajetória da vida religiosa de Neiva Chaves Zelaya.

As demonstrações de mediunidade<sup>17</sup> de Neiva já se manifestavam desde a sua infância, fato que era efetivamente reprimido pelos seus pais. Repressão que até a efetivação do Vale do Amanhecer ainda se faziam presentes na vida de Neiva, fato confirmado por ela em depoimento dado ao Jornal a Última Hora meses antes de sua morte, em 1985, citado por Marcelo Rodrigues dos Reis (2008).

O fato de Neiva ser mencionada em entrevistas e até mesmo aparecer dando seus depoimentos nos jornais revela, de alguma forma, uma cooperação enunciativa, como descrito por Reis:

Como vemos, Tia Neiva, ao ter suas declarações publicadas na imprensa, tornava viável e catalisava a difusão de suas representações. Do exemplo por nós selecionado, temos que a imagem de uma capital cujo destino elevado está por se cumprir se vê plenamente resguardada e revalidada. Temos ainda que se estabelecia entre a líder religiosa e a imprensa uma relação de cooperação enunciativa, por meio da qual se afirmava um fluxo de representações bidirecional. (Reis, 2008, p.247)

A imprensa, de certa maneira, ajudou a criar uma imagem positiva do Movimento Doutrinário Vale do Amanhecer e de Tia Neiva, como líder religiosa, popularizando sua figura e trazendo um grau de legitimidade para o seu discurso.

Vale salientar que as demonstrações de mediunidade no Brasil sempre foram reprimidas e consideradas “práticas pagãs e satânicas”, isso se deve, principalmente, pela visão religiosa ocidental empregada no território desde o período da sua colonização, pois toda prática religiosa que se diferenciava da prática católica foi reprimida e hostilizada. Caso pertinente é a perseguição que as religiões de matriz africana sempre sofreram no território brasileiro. Entretanto, se comparada às práticas empregadas pelos africanos/afro-brasileiros, por exemplo, a capacidade mediúmica está associada à descendência ancestral de um povo ou tribo, e consistia em um privilégio para quem a possuía.

Neiva, cidadã comum, viúva, com quatro filhos, não frequentava nenhuma religião, apesar de ter tido influência do catolicismo durante toda vida. Aos 33 anos, entre os anos de 1958 e 1959, começa a ter visões e experiências em outros planos espirituais<sup>18</sup>. A princípio, sua mediunidade fora confundida com traços de loucura, sem explicação pela ciência e reprimida por aqueles que a cercavam.

---

<sup>17</sup> De acordo com o INRC, Mediunidade é “faculdade presente em todos os seres humanos em maior ou menor grau, que possibilita o contato com os espíritos desencarnados. Existem vários tipos, tais como: incorporação, audiência, olfato, psicografia, cura, premonição, dentre outras”.

<sup>18</sup> “Dimensão extrafísica onde vivem os espíritos desencarnados.” (INRC, 2010, p.270)



A mediunidade de Neiva se manifestava a partir clarividência. Charles Webster Leadbeater, no livro “A Clarividência”, publicado originalmente em 1899, e reeditado diversas outras, define a clarividência como:

o poder de ver o que está oculto à visão física normal. Será bom explicar, também, que ela é freqüentemente (se bem que não sempre) acompanhada por aquilo a que se chama “clariaudição”, ou seja, o poder de ouvir aquilo que o ouvido físico normal não pode abranger; tornaremos o termo, que constitui o título deste livro, extensivo também a esta faculdade, para que evitemos estar constantemente a empregar duas palavras onde só uma é suficiente (Leadbeater, 2018, p.2)

Ou seja, a capacidade do que trata o autor, corresponde à capacidade mediúnica descrita como a que Tia Neiva possuía já que ela desde a infância tinha contato com visões unicamente reveladas à ela, e juntamente com as visões também a audição desses fenômenos.

A clarividência de Tia Neiva também permitia seu desdobramento<sup>19</sup> em planos espirituais distintos, ou seja, quando acontecia o desdobramento é como se a alma de Tia Neiva “saísse” de seu corpo e passasse a integrar outros “mundos” (planos espirituais).

Segundo registrado no Glossário do INRC, o termo clarividência, conceituado a partir da concepção do Mestre<sup>20</sup> José Carlos do Nascimento Silva, é definido como:

Uma mediunidade rara, confundida na prática com a vidência ampliada, mas com diferença profunda, pois o clarividente possui consciência simultânea, isto é, consegue viver e se comunicar em planos diferentes, simultaneamente, obedecendo as leis de cada plano e com plena consciência dessa diversidade. (INRC, 2008, p.258)

A mediunidade de Neiva nunca foi bem aceita por seus familiares, nem mesmo o fato de ser uma mulher independente. Ela mesma relatou em entrevista no jornal a Última Hora<sup>21</sup>, do ano de 1985, o fato de ter sido expulsa de casa por causa de seu comportamento e personalidade:

(Jornalista) Para quem nasceu de uma família religiosa, nordestina, com padres e freiras, o começo deste trabalho espiritual deve ter sido muito difícil. Não foi, Tia Neiva? (Tia Neiva) Foi sim. Eles não gostavam de “macumbeiros” e nem de mulheres independentes. Só pela minha ousadia de ser uma viúva que queria viver sua própria vida já haviam me expulsado de casa uma vez. (INRC, 2010, p.177)

Sua família conservadora não aceitava a sua condição de dona de seu destino. Muito menos aceitou a sua mediunidade na infância. Também, a sua mediunidade na vida adulta não foi bem aceita. Há registros fotográficos na “Casa Grande” que é a residência onde Tia Neiva viveu ao lado do Templo-Mãe e que atualmente conta com um acervo de fotografias e objetos

<sup>19</sup> Capacidade que Tia Neiva possuía de habitar/frequentar mais de um plano espiritual, simultaneamente.

<sup>20</sup> De acordo com o Glossário do Inventário Nacional de Referências Culturais, o termo mestre significa: “Título do médium após a Elevação de Espadas, forma abreviada de “Mestre Instrutor Universal”. Forma de tratamento adotada para designar os homens praticantes da Doutrina do Amanhecer.” (INRC, 2010, p. 268)

<sup>21</sup> Galeazzi, Marlene Anna. “O Amanhecer de Tia Neiva”. In: Última Hora, Brasília, 10 ago. 1985, p.13 apud Inventário Nacional de Referências Culturais, 2010, p.177.

de Neiva e da Doutrina do Vale do Amanhecer, que ela havia sido internada em um sanatório em decorrência da incompreensão de sua mediunidade.

A condição mediúnica de Tia Neiva – a clarividência – é foco de estudos nos últimos anos, alguns no Brasil, como o do Professor e psiquiatra Alexander Moreira de Almeida em seu texto “A mediunidade vista por alguns pioneiros da área mental”, que esboça um panorama dos principais fundadores da psiquiatria e psicologia que pesquisaram o tema. Utilizando-se das ideias de Pierre Janet, Almeida vê a afirmar que “a ideia espírita de uma possessão por uma força exterior é substituída ‘pela possessão de si mesmo por uma parte de si mesmo: o inconsciente intrapsíquico.’” (Almeida, 2004, s.p) Ou seja, a capacidade de incorporação apenas articulada por força exterior ao corpo físico, na maioria das vezes atribuída às forças espirituais, pode na verdade estar associada a uma capacidade intrapsíquica.

Outra perspectiva de entendimento dos aspectos relacionados à mediunidade é apontada pelo professor de Psicologia da Universidade de São Paulo – USP, Wellington Zangari, que aponta que o fenômeno mediúnico sofre com a estruturação do contexto histórico e social em que se insere. Para ele,

Apesar da mediunidade “fazer uso” de capacidades dissociativas individuais do médium, a dissociação parece disciplinada pelo grupo social de que o médium participa [...]. Os elementos sócio-culturais que darão o contorno das personalidades “intrusas” estão presentes no grupo social do médium e, portanto, na mente do médium [...] a diferença entre a Boletim Academia Paulista de Psicologia – V. 77, nº 02/09: 233-252 243 dissociação patológica e a dissociação não-patológica reside na cultura (Zangari, 2003, p. 54-55)

Ou seja, a capacidade mediúnica que Tia Neiva possuía poderia também estar atrelada aos elementos culturais de seu entorno, das pessoas que a cercavam e do próprio contexto sociocultural-espacial de sua interação.

Apesar do exposto, após compreender e aprender a utilizar a sua capacidade de desdobramento Neiva seria, então, preparada para receber a doutrina do Amanhecer. Conforme descrito abaixo:

A clarividente então foi informada pelos mentores que após seu pleno domínio das técnicas de Transporte e Desdobramento um Mestre iria 34atrimo-la. Estava também encarnado, vivia em um mosteiro de Lhasa no Tibet, tinha as suas mesmas faculdades mediúnicas, e contatos que só podiam realizados através dos mecanismos anteriormente mencionados. O nome desse Mestre: Umahã. (Álvaro, 1992, p.11)

No livro “O que é o Vale do Amanhecer”, de 1979, de autoria de Mário Sassi em adaptação realizada pelo Mestre José Carlos, no ano de 2004, sobre a capacidade de desdobramento de Tia Neiva, consta o seguinte:

Logo que Neiva dominou a técnica do transporte consciente, isto é, a capacidade de sair do corpo conscientemente, 34atri-lo em estado de suspensão, semelhante ao sono

natural, e se deslocar em outros planos vibratórios, ela começou seu aprendizado iniciático (Sassi *apud* Carlos, 2004, p.5)

Ou seja, após entender o funcionamento de sua capacidade, passados alguns meses, Neiva se desdobrava até o Tibet<sup>22</sup> para receber os ensinamentos do monge Umahã, um monge tibetano que segundo os integrantes da doutrina tinha as mesmas características mediúnicas que Neiva, e que teria sido o escolhido pelos planos espirituais para desenvolvê-la espiritualmente. A narrativa presente no movimento é que com sua clarividência ela se transportava, recebia informações com relação ao seu passado transcendental, como também as instruções dos mentores espirituais no que diz respeito às normas e regras da doutrina.

Nesse sentido, tudo que está relacionado ao Vale do Amanhecer e a sua criação, segundo os documentos deixados por Neiva a Mário Sassi (1979), teriam sido recebidos dos planos espirituais por meio de Tia Neiva, como assim acreditam e replicam os integrantes do movimento. Acreditamos também que ela pode ter assimilado e introduzido símbolos ao qual teve contato ou vivenciado ao longo da sua vida a partir das interações sociais que ela teve durante as suas viagens e durante a sua vida como um todo.

Além disso, Mário Sassi, responsável pela parte documental da doutrina, também pode ter influenciado a partir da própria vivência social, símbolos que foram de certa forma integrados ao imaginário do Movimento, fazendo com que a mistura de elementos se dispusesse de forma ainda mais ampla, se admitirmos essas duas hipóteses. De acordo com Reis (2008):

Mário apreciava o pensamento de Huberto Rohden (1893-1981)<sup>378</sup>, pensador reconhecido como o precursor do *espiritualismo universalista* no Brasil corrente de pensamento esta que assumia como corolários o ecumenismo, o pluralismo, o universalismo, a transdisciplinaridade, a cidadania planetáriae cósmica (Reis, 2008, P.209)

Ou seja, diante da afirmação acima é possível admitir que as influências pessoais de Sassi podem ter influenciado diretamente a forma como a doutrina do Amanhecer fora formulada e ritualizada.

Destacar a importância de Mário Sassi na implantação da doutrina do Amanhecer nos faz questionar a atuação de Tia Neiva à época. A Doutrina seria aceita da forma como foi, se não houvesse a influência de Sassi em sua implantação?

A implantação de um movimento religioso na década de 1960, no Brasil, por uma mulher parece ser algo bastante incomum à época, principalmente em uma sociedade historicamente ligada às heranças deixadas a partir do patriarcalismo. Mesmo nesse cenário,

---

<sup>22</sup> O Tibet é um pequeno país localizado entre a China e a Índia, na Cordilheira dos Himalaias, no continente asiático.

Tia Neiva ganhou certa autonomia dentro da esfera de novos movimentos religiosos com a implantação do Vale do Amanhecer. Nesse sentido, os pesquisadores Cristina Rocha e Manuel A. Vásquez (2016) defendem que exista uma certa complementariedade com relação à Tia Neiva e Mario Sassi, conforme o excerto abaixo:

O vale rearranjou as relações tradicionais de gênero permitindo que as mulheres se tornassem líderes, capacitando-as para receber os espíritos e curar, enquanto ao mesmo tempo tornaram-nas interdependentes dos homens detentores de autoridade. (Vasques & Rocha, 2016, p.357)

Ou seja, existe o reconhecimento da importância da figura feminina, que permite rearranjos na estrutura de dominação masculina, na qual as duas figuras se complementam, sem necessariamente entrar em confronto.

Após a preparação mediúcnica de Tia Neiva e a apropriação por ela dos ensinamentos realizados durante aproximadamente quatro anos pelo monge Tibetano, é implantada, por Neiva, a primeira comunidade do Vale do Amanhecer, na Serra do Ouro, próximo à cidade de Alexânia – GO. A comunidade fixada na região de Goiás por Tia Neiva chamava-se “União Espiritualista Seta Branca” – UESB, que segundo relatos teria sido idealizada por Tia Neiva e Mãe Neném, sendo uma sociedade civil com poucos membros religiosos, também destinada à prática da caridade, e do auxílio espiritual a quem a procurasse. Sobre à UESB consta no INRC (2010) o seguinte:

Primeira formação da doutrina que se deu quando do deslocamento de Tia Neiva, no início de sua Clarividência, para a região de Serra do Ouro, município de Alexânia-GO, em 1958. Findou a UESB em 1964, com a transferência de Neiva para Taguatinga. Em 1969, Tia Neiva muda-se, em definitivo, para área em que se inscreve o atual Vale do Amanhecer. (INRC, 2008, p. 273)

Mãe Neném ou Dona Neném é a pessoa que inicia e esclarece Tia Neiva com relação ao desenvolvimento da sua capacidade mediúcnica no plano terreno. A hipótese que levantamos é que os ensinamentos prestados por Dona Neném à Tia Neiva estavam ligados à tradição oral, um traço característico das religiões de matrizes africanas que tem o seu conhecimento e as experiências passadas pela oralidade aos seus membros. Vagner Gonçalves da Silva (2010) afirma que, ao contrário do que ocorre com a Igreja católica, que tem uma hierarquia centralizada e princípios que são válidos nas igrejas católicas de todo o mundo, os terreiros são autônomos e cada chefe de terreiro é a autoridade máxima dessa comunidade.

Ou seja, é possível que Dona Neném já tivesse contato com as práticas religiosas das religiões afro-brasileiras e, contando com a sua experiência de controle da mediunidade e de desenvolvimento da capacidade de incorporação, tenha repassado tal conhecimento à Tia Neiva, que assimilou e posteriormente incluiu em sua doutrina, dessa vez, preocupando-se em

documentar e dar um caráter institucional às práticas. Um exemplo claro de hibridação, no qual os elementos foram incluídos e a eles se atribuiu um novo significado.

Nestor Garcia Canclini é um dos pesquisadores das ciências humanas que dedica parte de seus estudos acerca dos aspectos que envolvem as misturas culturais entre as sociedades. Em seu livro intitulado “Culturas Híbridas: Poderes Oblíquos”, entende a mistura desses elementos com o que ele nomeia de *Hibridação*. Logo, ao se referir ao conceito de Hibridação, Canclini (1997) afirma:

Entendo por hibridação processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas que existam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas. Essas estruturas chamadas de discretas são o resultado de hibridações e não podem ser consideradas fontes puras. (Canclini, 1997, p.19)

Sendo assim, as estruturas (características) presentes em outras religiões e expressões religiosas foram retiradas de seu contexto inicial e passaram a ser combinadas com outras estruturas por Tia Neiva, que a elas atribuiu um novo significado. Nesse sentido, apesar dessas estruturas serem retiradas dessas outras religiões, como no caso do Vale, o Catolicismo, o Espiritismo e as religiões de matrizes africanas (dentre outras), de acordo com a análise empreendida por Nestor Canclini (1997), elas também não são puras, pois são resultado de outras misturas dos aspectos de formação de sua composição.

Ou seja, no caso do Vale do Amanhecer, a hibridação fruto da influência que Tia Neiva absorveu das religiões de matriz africana (e das demais expressões religiosas) estão presentes nas práticas que integram os rituais, as indumentárias, as preces e todo o arcabouço simbólico trazido nas insígnias presentes em tudo o que compõe o movimento VA. Dessa interação, que ocorre com os outros elementos de outras religiões e sistemas de crenças, prefiguram as hibridações necessárias a constituição do Vale do Amanhecer, de forma a ele se tornar um outro elemento religioso único e com significados próprios em conformidade com o que fora mencionado sobre o conceito exposto por Canclini (1997).

Apesar dessa influência e do auxílio prestado por Dona Neném à Tia Neiva no desenvolvimento das habilidades com a sua mediunidade, Tia Neiva revela em depoimento descrito por Mário Sassi, uma espécie de desconforto na relação estabelecida com Dona Neném:

A maior dificuldade que Dona Neném tinha comigo, tinha a ver com a minha revolta contra toda a disciplina. Eu era uma simples motorista de caminhão e a maior parte da minha vida tinha sido independente economicamente, tinha meus próprios caminhões. Como uma viúva e mãe de quatro filhos, eu tinha o duplo papel de pai e mãe que me deu uma atitude de seguir apenas com as minhas próprias decisões. Com o início da minha mediunidade e a minha total falta de conhecimento do Espiritismo, eu caí em um estado de dependência em relação às pessoas que me cercavam. (Depoimento de Tia Neiva conforme relatado por seu Parceiro Mário Sassi em Muel Deyfrus e Martins Rodrigues (1986 p.22) *apud* Vasquez & Alves, 2016, p.353)

Ou seja, a fala de Tia Neiva parece-nos conturbada, cercada até mesmo de uma espécie de dependência provocada pelo desconhecimento da sua capacidade mediúnica, que ela nomeia como “disciplina”, palavra que soa como uma espécie de desabafo, com até mesmo ares de desconforto.

No acervo localizado na “Casa Grande”, disponível para visitação e aos cuidados dos Mestres da Doutrina, está disposta logo à esquerda da porta, onde começam a estar disponíveis as fotografias, uma única foto de Tia Neiva e de Mãe Neném: as duas com trajes brancos e uma fita, semelhantes às indumentárias de iniciação na doutrina do Amanhecer.

A foto em preto e branco traz a seguinte legenda “MÃE NENÉM – COMPANHEIRA RESPONSÁVEL PELO DESENVOLVIMENTO ESPIRITUAL DE TIA NEIVA, NO COMEÇO DE SUA MEDIUNIDADE.”<sup>23</sup> Essa foi a única fotografia que retrata Mãe Neném e Tia Neiva, com a qual nos deparamos durante toda a pesquisa, observada em viagem destinada à realização da pesquisa ao Templo-mãe, em julho de 2021, e que está disponível no Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) do ano de 2010. Conforme reprodução abaixo:

Figura 7 – Tia Neiva e Mãe Neném – UESB.



Fonte: INRC, 2010, p.101.

A fotografia não possui datação, nem autoria, mas revela a imagem de Mãe Neném, responsável por auxiliar Tia Neiva no entendimento da sua mediunidade. Outro aspecto que

---

<sup>23</sup> A visita na ‘Casa Grande’ foi realizada no dia 04 de julho de 2021. E por impossibilidade e proibição da retirada de fotos no local, se fez necessária a descrição da fotografia.

pode ser mencionado ainda com relação a esse registro, é que a fotografia afasta a possibilidade de Mãe Neném não ter existido, de ser apenas uma narrativa de Tia Neiva, ou uma atribuição da figura de Mãe Neném aos planos espirituais.

Merece ser mencionado que a “Casa Grande” é a antiga casa onde Tia Neiva morava e fazia seus atendimentos. Esse local, que está sob os cuidados de vários mestres, estampa logo em sua entrada a proibição de qualquer registro fotográfico dos visitantes que se propõem a conhecer um pouco da vida de Tia Neiva e da formação do Vale do Amanhecer. Entretanto, para efeitos de elaboração do Inventário pelo IPHAN de Brasília -DF, um pequeno número das centenas de fotografias disponíveis no acervo foi liberado para ilustrar e compor a história de Tia Neiva disponível no documento.

Referente à proibição dos registros em fotografias dentro da Casa de Tia Neiva, alguns questionamentos se mostram pertinentes: se Neiva permitiu registrar-se em fotografias durante a maior parte de sua vida, principalmente dentro do Vale do Amanhecer, quais os motivos que levam a administração do local a manter tal proibição? E, nesse caso, essa documentação não constitui um instrumento importante para que o Vale do Amanhecer seja conhecido por um número ainda maior de pessoas?

Longe de responder precisamente às questões levantadas no parágrafo anterior, a percepção que assumimos com relação a essas duas perguntas é que a proibição se faça no sentido de proteger, de certa forma, a imagem de Tia Neiva e do movimento, principalmente contra ataques intolerantes, embora se mostre como uma contradição quando há muita informação disponível sobre o movimento, principalmente na internet.

A proibição imposta na “Casa Grande” também parece estar atrelada a preservação da mística do local. Seria, pois, um atrinon utilizado para que o visitante pudesse ficar curioso em saber mais sobre o Vale do Amanhecer, e sobre a história de Tia Neiva? Ou talvez, essa proibição também se faça no sentido de resguardar o momento em que o próprio membro do Vale do Amanhecer de outra localização visita o Templo-mãe pela primeira vez?

Não sabemos exatamente quais as motivações que levariam a tal imposição por parte da administração do local. Entretanto, o que se observa em todo o ambiente que compõe o Movimento é uma mística alimentada a partir de pequenos mecanismos como esse relacionado a proibição da reprodução em fotografias, que não tardam a ser utilizados também em outras instituições religiosas, como a Igreja católica ou nas igrejas evangélicas, sejam pentecostais ou neopentecostais, que alimentam uma certa mística com relação a alguns rituais e encontros de casais e de jovens.

Retomaremos agora como ponto de análise a fala de Tia Neiva. Com relação a aceitação de sua mediunidade, é possível observar como se deu a dificuldade para aceitar a condição de médium, e dessa dificuldade foi necessário aceitar o auxílio e a ajuda de Dona Neném. Apesar do esforço empregado pelas duas, o local onde fora instalada a primeira comunidade do movimento ainda não seria o local definitivo escolhido para a instituição fixa do movimento.

Neiva muda-se em pouco tempo para a cidade de Taguatinga, e partir de 1969 situa-se dentro de uma área de zona rural na cidade Satélite de Planaltina, território que pertence ao Distrito Federal (DF) e está a aproximadamente 60 km do plano piloto da cidade de Brasília. A área que se localizava na Zona Rural e que nos dias atuais tem estrutura de cidade fica distante aproximadamente 10 minutos da cidade de Planaltina-DF.

De acordo com Reis (2008), a nova comunidade religiosa recebeu a denominação de Obras Sociais da Ordem Espiritualista Cristã – OSOEC<sup>24</sup> - popularmente conhecida como Vale do Amanhecer, de natureza apolítica, beneficente, que funciona de acordo com as leis então vigentes no Brasil e das revelações emanadas pela própria Neiva, fato que também está descrito dentro do estatuto do Vale do Amanhecer.

Contudo, da primeira comunidade encabeçada por Neiva até a sua fixação no espaço definitivo em Planaltina (DF), passaram-se um pouco mais de 10 anos, o que de certa forma proporcionou o crescimento do corpo mediúnic. Com o passar dos anos, o espaço do templo foi crescendo e aos poucos assumindo suas formas próprias.

As relações estabelecidas por Tia Neiva durante a sua vida foram fundamentais nesse primeiro momento de estruturação do movimento. A aproximação de Tia Neiva com Bernardo Sayão, ainda do tempo de seu casamento com Raul, pode ter influenciado, em certa medida, a sua aceitação nos entornos de Brasília, principalmente no que diz respeito ao contexto burocrático e político da época, visto que o preconceito com relação às mulheres no Brasil era amplo e continua sendo até os dias atuais. e então, desse modo, Neiva consegue chegar a um relativo espaço de poder, de forma gradativa, mas também a partir dessa e de outras influências.

Bernardo foi um engenheiro agrônomo formado em 1923, na Escola Superior de Agronomia e Medicina Veterinária de Belo Horizonte, responsável pelo desenvolvimento da região central do Brasil, eleito governador do Estado de Goiás, em 1955, e, após a sua morte, em 1959, homenageado com muitas ruas e praças em seu nome.

---

<sup>24</sup> Tia Neiva ao implantar o Vale do Amanhecer na cidade de Planaltina, também mantinha um orfanato. Por esse motivo, o movimento institucionalmente se chama de OSOEC- Obras Sociais de Ordem Espiritualista Cristã.



Figura central na rede de apoio e influências de Tia Neiva, esteve Mário Sassi, que se tornou seu companheiro, formado em Ciências Sociais<sup>25</sup> pela Universidade de São Paulo. A sua influência se daria ao fato de que Sassi foi designado para tratar dos assuntos burocráticos ligados a institucionalização do Vale do Amanhecer, o que dentro dessa pesquisa revela uma preocupação tanto de Sassi como de Tia Neiva de implementar um caráter “academista” e “científico” ao Vale do Amanhecer. Acerca da figura de Mário Sassi, na tese de doutorado elaborada por Marcelo Rodrigues dos Reis (2008), encontra-se por ele citado o trecho do teólogo José Vicente Cesar:

Mário Sassi nasceu a 29 de novembro de 1921, à rua do Oriente ,96, no Bairro do Brás em São Paulo, num ambiente social de negociantes judeus. De família pobre e simples, pais desajustados, vivendo em “cortiço”, como eram conhecidas as “favelas” de então, passou por muitas necessidades, sofrendo imenso por não ter oportunidade de desenvolver seus cabedais intelectuais. Num grupo escolar da Mooca, conseguiu apenas alcançar, o terceiro ano por volta de 1930/31. Fez o curso de madureza em 1945, na Escola Dr. Souza Diniz, na Praça da Sé, seguiu um diploma de ginásio em Jacarezinho, Norte do Paraná. Depois na Vila Mariana, cidade de São Paulo, cursou o científico. A 8 de dezembro de 1946, com 25 anos de idade, (...) desposou Mario a socióloga Moema Quadros von Nazingen que lhe deu cinco filhos, e da qual se separou em 1968. Estudou Filosofia e Ciências Sociais na Universidade de São Paulo. (...) de Maneira aleatória frequentou cursos de Psicologia, Relações Públicas, Jornalismo e, até Anatomia(...) Foi líder da JOC (Juventude Operária Católica) (...). Avido de palmilhar caminhos não batidos, transferiu-se para Brasília em 1962(...) Sob as graças do etnólogo e porta-voz do Governo Goulart, Darcy Ribeiro, tornou-se assessor de Relações Públicas da Novel Universidade de Brasília, matriculando-se ali na qualidade de aluno de Ciências Sociais. Com a Revolução de 1964 passou a ser visado pelo novo regime implantado no Brasil. (...) Nessas circunstâncias adversas, entrou casualmente em contato com dona Neiva Chaves Zelaya. (César, 1970 *apud* Reis, 2008 p.130)

Tia Neiva e Mário Sassi parecem ter feito um certo esforço para empregar ao Vale do Amanhecer um certo caráter científico, quando muitos dos livros e periódicos que circulavam no movimento foram escritos e elaborados por Mário Sassi, que muito colaborou com os aspectos de sua formação intelectual.

Ainda de acordo com Reis (2008), em fragmento retirado do texto de Galinkin, acerca da liderança do Movimento Vale do Amanhecer, conta o seguinte:

O movimento religioso dirigido pelo casal Tia Neiva e Mário Sassi corresponde ao que Peter Wosley (1968) caracteriza como carismático de liderança bicéfala em que as funções do profeta e de administrador são divididas entre pessoas distintas (Galinkin *apud* Reis, 2008, p.256)

---

<sup>25</sup> Não existem muitos registros com relação a vida pessoal do Mário Sassi anteriores ao seu ligamento com o Movimento doutrinário Vale do Amanhecer, mas encontramos no endereço eletrônico <http://ministroabazo.blogspot.com/2012/01/quem-e-mario-sassi.html> algumas informações do que supostamente teria sido a vida desse personagem anterior a sua entrada no Movimento. E relatos no texto de Marcelo Rodrigues dos Reis de 2008.

Verifica-se, nesse trecho, a importância dada não só a Tia Neiva, como também à figura de Sassi no que diz respeito à implantação e a manutenção do Vale do Amanhecer. Sendo Mário Sassi de total influência para o que se constitui o Movimento.

Figura 8 - Tia Neiva e Mário Sassi.  
Tia Neiva e Mário Sassi, fotografia do ano de 1976.



Fonte: disponível no Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC).

Como mencionamos acima, a caminhada de preparação de Tia Neiva durou aproximadamente quatro anos, em uma espécie de faculdade, ou universidade espiritual, com o Umahã, o monge Tibetano. Nesse sentido, tudo que o Movimento Doutrinário Vale do Amanhecer ritualiza, concretiza no sentido físico, para Tia Neiva e seus integrantes está relacionado aos planos espirituais. Nesse sentido, passaremos agora a delinear o movimento de forma mais aprofundada.

O Vale do Amanhecer é um movimento espiritualista doutrinário e religioso cristão concebido no Brasil, no fim da década de 1950 e início da década de 1960, que se instituiu oficialmente no ano de 1969, na cidade de Planaltina-DF, a partir da influência de Neiva Chaves Zelaya, a qual já mencionamos um pouco de sua trajetória. É um movimento que combina, em sua formação, aspectos que se misturam com outras religiões. Com influências das diversidades de catolicismos, do espiritismo e espiritualismo, influências das religiões de matriz africana, traços judaicos cristãos, além de influências culturais, como egípcias, andinas, afro-ameríndias e asiáticas.

Talvez em nenhum outro lugar sejam vistas, de forma tão evidente, as tendências de hibridização do repertório neoesotérico, do que na cosmologia, arquitetura e práticas

do Vale do Amanhecer. Ele é uma mistura única de espiritualidade indígena, antigos temas do Oriente Próximo e temas clássicos, esoterismo europeu tradicional, Catolicismo Popular, Espiritismo (Kardecismo) brasileiro, práticas afro-brasileiras conceitos orientais e preocupações da Nova Era. (Dawson, 2007, p.52 *apud* Vásquez & Alves, 2016, p.351)

Como o movimento se autodenomina espiritualista, entendemos se fazer necessário uma breve discussão entre os aspectos que se relacionam ao Espiritualismo e ao Espiritismo. Partindo para o conceito de espiritualismo, existe um entendimento diverso com relação a sua aplicação. Alguns pesquisadores afirmam que existe uma diversidade de espiritualismos, que em sua síntese possuem certas similaridades e ao mesmo tempo suas diferenças de aplicação.

Arthur Conan Doyle, grande propagador das ideias espiritualistas, escritor de vários livros, entre eles ‘*A história do Espiritualismo*’, publicado pela primeira vez em 1926, descreve em seu livro sobre as vertentes de espiritualismos existentes, elencando pelo menos a vertente francesa, a italiana, a alemã e a americana. Entretanto, de forma geral, Conan Doyle o define da seguinte forma:

“O Espiritualismo é um sistema de pensamento e conhecimento que se pode ajustar a qualquer religião, pois seus pontos básicos se resumem na persistência da personalidade após a morte e no seu poder de comunicação.” (Doyle, 2013, p.245)

Ou seja, para Conan Doyle (2013), o espiritualismo é revestido de uma espécie de caráter universal. Já que os sistemas de pensamento religiosos que admitem a existência dos espíritos (sejam eles bons ou maus) podem ser inseridos nessa mesma categoria de pensamento. Para Doyle, esses Espíritos são chamados, pelos cristãos, de anjos e demônios, e, pelos espiritualistas, de guias espirituais e Espíritos atrasados.” (Doyle, 2013, p.245)

O professor doutor em História pela Universidade Federal Fluminense Rodrigo Farias de Sousa, por sua vez, em seu artigo “Raça e reencarnação no Espiritualismo norte-americano: uma visão a partir da crítica de Allan Kardec (1857-1869).” afirma que existe uma diferenciação latente entre o espiritualismo moderno criado nos Estados Unidos, em 1848, e o Espiritismo criado por Allan Kardec, em 1857, na França:

Nove anos separam o marco inicial do movimento conhecido como Espiritualismo Moderno, nos EUA em 1848, e a fundação de sua contraparte francesa, o Espiritismo, em abril de 1857. Ambos partiam da mesma premissa fundamental, a realidade da comunicação entre vivos e mortos, e das revelações advindas desse diálogo tiravam seus outros pontos de crença. Entretanto, havia um ponto fundamental em que os espíritos dos dois lados do Atlântico pareciam não concordar: a reencarnação. Para os americanos (e muitos ingleses, que importaram o movimento da sua ex-colônia), a vida material era única, e, após a morte, os espíritos continuavam uma marcha progressiva indefinida nos planos etéreos; já para os franceses e seus vizinhos na Europa continental, a experiência em corpos materiais era múltipla, e o mesmo indivíduo espiritual experimentava as mais diversas condições de vida no mundo material, fosse na Terra ou em outros planetas. (De Sousa, 2021, p.112)

A afirmação de Rodrigo Farias de Sousa (2021) aproxima a doutrina espiritualista estadunidense do espiritualismo kardecista e os coloca em posição de divergência com relação ao princípio de reencarnação.

O conceito aqui discutido é bastante diverso e dotado de várias similaridades e distanciamentos. Para tanto, longe de reduzir tal conceito a uma definição completa e fixa, o nosso entendimento é que o espiritualismo, nas suas formas mais gerais, admite a crença no dualismo corpo/alma, no qual a alma está para além da matéria (corpórea). Ou seja, o espiritualismo admite a existência da alma e, logo, para tal, admite também que haja um ser supremo que transcende essa relação corpo/alma e que está na base das relações entre esses espíritos, ou seja, esse ser seria um Deus. Nesse caso, as religiões espiritualistas em suma para além de acreditar na dualidade corpo alma também acreditariam que exista uma desse ser supremo que orienta vida na terra e a vida extracorpórea.

O espiritismo, por sua vez, é nas definições aqui existentes uma doutrina espiritualista, e dadas as suas peculiaridades têm como preceitos fundamentais a crença na alma, na reencarnação e na comunicação com os espíritos. Entretanto, não é só o espiritismo que pode ser considerado uma religião espiritualista e assim como define a Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã:

O Espiritismo baseia-se suas crenças em supostos contatos com os mortos, que possibilitam aos seus adeptos adquirir os conhecimentos necessários para o aperfeiçoamento moral. O nome “espiritismo” tem sido usado para se referir mais especificamente ao “kardecismo”, ou seja, ao espiritismo ocidental. As outras formas de espiritismo originários da África ou dos indígenas das Américas tem sido denominadas de “baixo espiritismo” (Umbanda, Quimbanda, Candomblé e etc) (Histórico-Teológica da Igreja Cristã, 2009, p.49)

Levando em consideração a percepção assumida pela Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã, assim como em consonância com o que afirma Arribas (2010), “o termo Espiritismo é utilizado para designar o corpo-teórico doutrinário criado inicialmente por Allan Kardec<sup>26</sup>”. Toda vez que tratarmos do termo espiritismo não se trata de outras designações que se autointitulam espíritas. Ao longo da discussão o termo só será empregado para designar o Espiritismo decodificado por Allan Kardec.

A partir das concepções apresentadas acima, o espiritualismo também pode ser aplicado ao espiritismo, e a outras religiões, visto que admite a crença em um Deus (ser supremo) e na

---

<sup>26</sup> Nascido em Lyon, em 1804, tem como nome de batismo Hippolyte Léon Denizard Rivail, mais conhecido mundialmente como Allan Kardec, estudou no Instituto de Educação Pestalozzi, em Yverdon Cantão de Vaud, na Suíça. Influenciou-se, em grande medida, pelos ideais iluministas e, a partir deles, decodifica o evangelho para a versão utilizada no espiritismo. Os dados de Hippolyte Léon Denizard Rivail estão descritos no Livro de Celia das Graças Arribas (2010).

alma. Porém, os que seguem os preceitos kardecistas preferem ser chamados de espíritas, e no caso de Tia Neiva e do Vale do Amanhecer, que adota além do Kardecismo práticas afro-brasileiras, cristãs e orientais, existe esse tipo de diferenciação.<sup>27</sup>

Ou seja, o termo espiritualismo também pode ser empregado para outras religiões, dentre elas o Kardecismo<sup>28</sup>, pois eles têm a crença em um ser supremo. Contudo, para se diferenciarem de outros segmentos religiosos, os Kardecistas<sup>29</sup> preferem ser chamados de espíritas ou spiritistas, sendo essa uma forma de se diferenciarem de outras doutrinas que combinam elementos diversos na sua formação enquanto crença religiosa. No caso do Vale do Amanhecer, para não serem “confundidos” com os espíritas kardecistas, preferem adotar a nomenclatura de espiritualistas.

Os ensinamentos do Vale do Amanhecer, apesar de estarem de certa forma ligados aos ensinamentos propostos no Evangelho de Allan Kardec, se baseiam efetivamente em três pilares que, segundo Tia Neiva e seus integrantes, são: a Tolerância, a Humildade e o Amor. “O seu evangelho é baseado unicamente na Tolerância, Humildade e Amor”.<sup>30</sup>

Em grande medida, muito mais do que os aspectos inerentes ao de outras religiões, a prática da caridade está relacionada intimamente com a forte ligação do Movimento doutrinário com os preceitos espíritas de cura e caridade, que configura para nós a base doutrinária do Vale do Amanhecer. Apesar da pluralidade no que diz respeito às representações, o movimento está pautado amplamente 45atr dogmas e ritualizações empregadas por Allan Kardec. Ele que recebeu influências iluministas e que pautou o espiritismo nos princípios de tolerância, fraternidade e universalidade. Como descreve Arribas (2010):

Assim, através da mediação de Pestalozzi, certas influências de Rousseau e da filosofia do século XVIII, vão formar o espírito de Rivail, e servir de modelo para o espiritismo entre outros pontos, os ideais de tolerância, fraternidade e universalidade. (Arribas, 2010, p. 38)

A partir das influências pautadas no espiritismo contidas no excerto acima e na mensagem de Tia Neiva, que estabelece como princípios a humildade, a tolerância e o amor, o

---

<sup>27</sup> É fato que o termo espiritualismo também pode ser aplicado à doutrina espírita. Mas aqueles que seguem exclusivamente as práticas de Kardec preferem ser chamados de *espíritas* ou *spiritistas*, em vez de espiritualistas. Para eles, o termo os distingue dos seguidores das outras doutrinas que praticam a mediunidade, mas que além dos ensinamentos de Kardec também adotam elementos culturais orientais, africanos ou indígenas. Disponível em: <http://virusdaarte.net/espiritualismo-espiritualidade-e-espiritismo/>, acessado em 31/04/2019.

<sup>28</sup> Essa corrente está ligada aos ensinamentos de Allan Kardec, por isso recebe esse nome.

<sup>29</sup> Os kardecistas são os seguidores do pedagogo francês conhecido como Allan Kardec, responsável pela decodificação do Evangelho para os espíritas.

<sup>30</sup> Trecho disponível no jornal Correio Braziliense, de 31 de outubro de 1975, acessado a partir da base de dados da Biblioteca Nacional Digital.

Vale do Amanhecer é um organismo apolítico e beneficente, sem vinculação partidária com fins próprios, de acordo com o Estatuto das Obras Sociais da Ordem Espiritualista Cristã:

Parágrafo único – É uma entidade religiosa independente de qualquer vinculação político-partidária, baseada nas revelações doutrinárias deixadas pela Clarividente Neiva Chaves Zelaya – Tia Neiva. (ESTATUTO DA OSOEC, 1964, p.2)

Sendo essa uma entidade religiosa independente, outra característica pertinente a ser destacada é que o Vale é dotado de inscrição no Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica – CNPJ, o que não isenta a instituição de pagamento de imposto. O registro em CNPJ da instituição é datado em 20 de setembro de 1970. Aproximadamente um ano depois do início das instalações do Templo-Mãe, e descrito em registro como “Atividades de organizações religiosas ou filosóficas”, ou seja, nesse sentido, o Vale do Amanhecer é uma organização religiosa, e não uma religião.

Outra característica associada ao movimento é a não cobrança por nenhum serviço oferecido ao visitante (paciente). Raul Oscar Zelaya, filho de Tia Neiva e então representante do Templo-Mãe, enfatiza em documentação disponível no IPHAN do Distrito Federal-DF o seguinte: Raul (...) “Reforçou que não há cobrança de dízimo nem de outros valores para participar das atividades do Vale.”<sup>31</sup> (Zelaya, 2021)

No próprio estatuto do Vale do Amanhecer, no seu primeiro capítulo, que trata da “Denominação, Natureza, Fins, Sede e Duração”, consta: “A Osoec fundada em 15 de abril de 1964, é uma entidade religiosa sem fins lucrativos” (Processo de Registro junto ao IPHAN do DF número 1551.000119/2018-46, p.32)

Tal fato também se observa em entrevista disponível no Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC). Mário Sassi, ao se referir a manutenção do templo, afirma: “isso se aplica à entidade como aos médiuns em particular. Tudo quanto é necessário para o Templo (...) é provido pelo Corpo Mediúnico.” (INRC, 2010, p.88)

Em matéria do *Correio Braziliense* do ano de 1972, também observamos a permanência da presença desse tipo de afirmação acerca do movimento: “Sua manutenção é custeada pelos próprios médiuns, sendo proibido o recebimento de donativos por parte de pessoas que visitam o mesmo.”<sup>32</sup>

Como observamos nos trechos acima, não existe a cobrança de nenhum valor pela visitação do espaço templário pelos pacientes (aqueles que não são membros ativos, e estão apenas para visitação), nem a contribuição com nenhuma quantia obrigatória por parte dos

<sup>31</sup> Fala do Mestre Raul Zelaya em reunião com Vale do Amanhecer, dia 20 de janeiro de 2021.

<sup>32</sup> (CORREIO BRAZILIENSE, domingo, 18 de junho de 1972)

próprios mestres (integrantes ativos da doutrina), a maioria dos templos é mantida a partir de recursos próprios, venda de lanches, artigos religiosos, rifas, e em menor número de doações feitas de forma espontânea por parte dos integrantes do movimento.

Ainda no regimento da doutrina é possível identificar que todo o trabalho empreendido dentro do movimento por parte de seus integrantes não pode ser remunerado. Ou seja, as atividades realizadas para manutenção do exercício de seus rituais não podem, em nenhuma hipótese, ser remuneradas ou gratificadas.

Nesse sentido, apesar da não cobrança de qualquer quantia aos pacientes e visitantes, Tia Neiva utilizou-se de estratégias para angariar recursos suficientes para a construção do Templo físico, como a venda de artigos e até mesmo a apresentação de filmes, do qual nos deteremos a falar um pouco mais adiante.

Tia Neiva, após assumir a responsabilidade de instituir o movimento dedicou todo o resto de sua vida a construção do espaço físico do templo, a iniciação dos médiuns, ao atendimento aos pacientes e a todas as atividades que estavam ligadas à execução de seu projeto. Ao seu lado, esteve Mário Sassi e os seus 4 filhos, que se tornaram membros e parte da hierarquia fundamental do Movimento. Assim como também seus filhos adotivos e outros membros que abraçaram juntamente com a Tia a responsabilidade de implantar a doutrina.

Com o passar dos anos, cada vez mais pessoas passam a integrar e conhecer o movimento e na correnteza de seu crescimento o movimento passa também a derivar para outros Estados, fazendo com que o número de templos e membros cresça de forma consistente, fato que se decorre mesmo após a morte de Neiva, em 1985.

Considerando o exposto até o momento desse texto sobre o desenvolvimento mediúnico de Tia Neiva a sua trajetória de vida e a um pouco da instituição do Vale do Amanhecer, ela se constitui como fio condutor do Movimento. Passaremos agora a dissertar sobre a origem transcendental<sup>33</sup> do Movimento. Qual a história por trás da criação desse movimento cheio de elementos, símbolos, insígnias, espíritos, cores e formas?

### 1.3 Histórias transcendentais: a formação espiritual do Vale do Amanhecer

A formação e a instituição do movimento se caracterizam de duas formas muito peculiares: a formação no plano espiritual e a formação, construção e instituição dos templos

---

<sup>33</sup> A formação transcendental do Vale do Amanhecer se refere a sua formação espiritual. A forma como os seus integrantes associam o panteão de seus espíritos. Trata-se da percepção da formação do que os membros acreditam ser o campo do Sagrado.

físicos, mais precisamente o Templo-Mãe, em Planaltina-DF. Nesse momento, abordaremos a sua origem nos planos espirituais.

Uma dessas origens do Movimento Doutrinário e Religioso Vale do Amanhecer está relacionada a uma espécie de passado transcendental. Ou seja, à instituição da doutrina nos planos espirituais, à forma como as histórias dos seus espíritos de luz se entrecruzam para formação do panteão de “divindades” do movimento. Ou seja, de acordo com o que afirma Reis (2008), a história do Vale do Amanhecer combina aspectos humanos e sobre-humanos na sua formação. Logo, a sua origem remota diz respeito a um forte pluralismo cultural que remonta civilizações de um período de mais de dois mil anos atrás.

No que se refere ao aspecto espiritual, Oliveira (2011) assinala que para os integrantes da doutrina, todos os aspectos inerentes a construção do Vale do Amanhecer teriam sido recebidos por parte dos planos espirituais e passados através da figura de Neiva: “Uma premissa, que perfaz a construção espacial dos templos VDA, diz respeito ao fato de que, eles reproduzem os desígnios das entidades espirituais, dos espíritos de luz, segundo os adeptos.” (Oliveira, 2011, p.106).

Tudo que se ritualiza – as preces, os cânticos, os comportamentos, por exemplo – e tudo que se materializa através das imagens, dos espaços templários, das vestimentas, das indumentárias, as insígnias, as cores e as formas teriam sido recebidas por tia Neiva a partir dos planos espirituais e deixados por ela documentados através das cartas, livros e das bibliografias que o movimento teve o cuidado de auto documentar.

Para os historiadores da Escola Italiana da História das Religiões, a constituição dos movimentos religiosos é resultado de um processo histórico-cultural intrinsecamente relacionado. Ou seja, o processo de formação dos movimentos religiosos ou do que se constitui como uma religião é fruto da ação humana. Assim como afirma Adone Agnolin:

Para o historiador das religiões as analogias e as diferenças entre as várias religiões, colocadas em evidência pela comparação, se explicam com a história. Pressuposto dessa afirmação é o reconhecimento de que também as religiões, como qualquer formação cultural, são produtos históricos, ou seja, humanos. (Agnolin, 2019, p.66)

Nesse sentido, de acordo com a afirmação de Adone Agnolin (2019), o Vale do Amanhecer como produto da ação humana de sua idealizadora, Tia Neiva, pode ser entendido como fruto das influências que ela vivenciou durante a sua vida e trajetória, bem como das influências exercidas pelas experiências dos envolvidos no processo de formação do movimento, como Mario Sassi e Mae Neném.

Tal característica pode ser observada na afirmação descrita por Carmem Luísa Chaves Cavalcante, em 2005, ao se referir a Tiãozinho ou comandante Stuart – um dos principais



espíritos da alta hierarquia do Vale do Amanhecer – a autora afirma que a figura se aproxima aos personagens de *Jornada das Estrelas*, seriado de televisão de ficção científica popular durante década de 1960 (1966).

Ou seja, todas as influências que formam o Vale do Amanhecer parecem funcionar a partir do que chamo de pequenas “engrenagens de sentido”. Essas engrenagens, que na formação do movimento estão diretamente ligadas às características culturais plurais que ele adaptou e recriou para interligar de forma peculiar e complexa os aspectos, que dão forma e identidade à doutrina.

De acordo com as informações que se encontram disponíveis nos livros elaborados pelo Vale do Amanhecer, escritos em grande medida por Mário Sassi, e nos periódicos online e boletins divulgados em sites dos templos: a origem remota do Vale do Amanhecer se dá a partir do encontro de espíritos que se dispuseram a auxiliar a vida na terra (como acreditam seus integrantes) em momentos de insegurança e fim dos ciclos civilizatórios. Contudo, esses espíritos, em algum momento, estiveram juntos a partir de um contato estabelecido entre as reencarnações, é aqui que parece haver essas engrenagens que ligam cada personagem, é onde cada ligação entre eles faz sentido dentro de um contexto mais amplo, é por esse motivo que estes espíritos estão no mesmo propósito, que para os integrantes é a lei do auxílio e do amor.

“Tia Neiva e seus médiuns não se acham filiados a qualquer tipo de corrente, sendo seguidores únicos da “corrente indiana do espaço” também conhecida como “pronto socorro universal” praticando um ritual bastante específico do qual são pioneiros.” (*Correio Braziliense* – Brasília, 18 de junho de 1972)<sup>34</sup> A matéria do *Correio Braziliense*, do ano de 1972, disponível na Hemeroteca Digital Nacional, nos apresenta a dimensão geral que se estabelece na história da formação do movimento a partir da narrativa espiritual.

A “corrente indiana do espaço” ou “ponto socorro universal”, como descreve o trecho acima e como também se referem os partícipes da doutrina diz respeito a essa corrente de auxílio a partir do amor incondicional que no plano terreno foi instituída por Tia Neiva e nos planos espirituais é liderada por espíritos os quais os integrantes do Vale do Amanhecer identificam como “grandes iniciados”, “sábios que praticavam a magia desde a mais remota Antiguidade, e a transformaram em Ciência.”<sup>35</sup> Estes são, pois, os habitantes de Capela. Capela seria uma

<sup>34</sup> Ano 1972\Edição 03843 (1) Cód.: TRB00745.019 Rótulo: 028274\_0 Nome: Correio Braziliense (DF) - 1970 a 1979 Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=028274\\_02&pasta=ano%20197&pesq=vale%20do%20amaneher&pagfis=23396](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=028274_02&pasta=ano%20197&pesq=vale%20do%20amaneher&pagfis=23396)

<sup>35</sup> Trecho disponível em: <http://valedoamanhecerporto.blogspot.com/2010/10/corrente-indiana-do-espaco.html>

espécie de planeta onde estão reunidos os espíritos responsáveis por auxiliar o planeta no que acreditam os integrantes ser a transição para o terceiro milênio.

A abordagem nessa sessão se fará a partir dos principais personagens que compõem o panteão de espíritos que são cultuados no movimento. A princípio, esses espíritos estão ligados à figura de Jesus Cristo, que para eles, assim como na lei fundamental do cristianismo, é o principal agente da salvação. Nesse sentido, a “Corrente Indiana do Espaço” é uma força atribuída ao “sistema crístico”, como se referem os médiuns do movimento.

O “Sistema Crístico” do Vale do Amanhecer é, pois, baseado no evangelho (nesse caso é o evangelho decodificado por Allan Kardec). Uma outra versão de Evangelho direcionado especificamente para os membros do Movimento está reunido no Livro “O Evangelho do Jaguar”, datado de 24 de junho de 2001, organizado por um dos membros do Movimento, chamado José Carlos do Nascimento Silva.<sup>36</sup>

O “Evangelho do Jaguar”, dividido em três partes, é, por sua vez, totalmente baseado no “Evangelho Segundo João”, que no Catolicismo integra um dos quatro evangelhos canônicos da Bíblia. “João o evangelista” é, pois, um dos principais espíritos que integram o panteão de espíritos da doutrina, sobre o qual discorreremos nos parágrafos que se seguem.

Os espíritos ligados a Cristo, como está descrito no jornal *Correio Braziliense*, são supostamente grandes iniciados, que já passaram pela terra diversas vezes através do fenômeno encarnatório, número de vezes suficiente para que estes pudessem zerar os seus carmas. Em trecho relatado no Livro “*Minha Vida, Meus amores*”, que trata da biografia de Tia Neiva e seus ensinamentos e das experiências de clarividência que ela presenciou, encontra-se um depoimento de Neiva sobre a figura de Jesus Cristo. Neiva diz:

Sempre, porém, Jesus o Caminheiro, em sua jornada evangélica iniciática, sem dor e sem sofrimento, ensinando a cura desobsessiva e colocando o espírito a caminho de Deus Pai todo poderoso. (Neiva, p.8)

---

<sup>36</sup> O mestre José Carlos do Nascimento Silva Trino Regente Triada TUMARÃ foi consagrado em 28 de março de 1981, por Tia Neiva, como Regente dos Presidentes Triada, podendo representar qualquer um deles em consagrações e trabalhos que exigem a presença de um Trino Triada. É considerado, dentro da estrutura do Vale do Amanhecer, um dos membros mais respeitados pois representa a alta hierarquia do movimento, fato que também se justifica pela sua consagração por Tia Neiva.

Figura 9 - Jesus, o caminheiro da vida.



Fonte: disponível em: <https://pt-br.facebook.com/valedoamanhecerguimaraesportugal>, acessado em 24/05/2019, às 01h42.

Na hierarquia espiritual do Vale do Amanhecer, abaixo de Jesus Cristo, que é o centro da Doutrina, está a figura de Pai Seta Branca, que atravessa temporalmente diversos períodos da história e que estabelece uma certa ligação entre Jesus e os outros espíritos através do princípio de reencarnação e de Carma.

A representação de Pai Seta Branca no Vale do Amanhecer assume uma posição ainda mais longínqua do que a própria ligação com Jesus Cristo. Ele é um espírito que, para o que acreditam os membros, tem por finalidade marcar ciclos na história da evolução planetária e supostamente há aproximadamente 32.000 anos teria sido o líder de um grupo de missionários na terra chamados de Equitumans. Após 5.000 anos do desaparecimento desse grupo, surge os Tumuchys, dando lugar aos Jaguares, o Grande Jaguar era o espírito de Pai Seta Branca. Segundo a doutrina, os traços dos Tumuchys, Equitumans e dos Jaguares se repetem nas civilizações posteriores. Marcelo Rodrigues dos Reis (2008) vem a afirmar:

Vencidas as civilizações dos Equitumans e dos Tumuchys, instalam-se na Terra os Jaguares. Daí decorre o termo Jaguar, empregado para identificar os da comunidade religiosa do Amanhecer. Como no próprio meio se ouve dizer: a *Tribo Jaguar*. São esses espíritos, agora, que vão fornecer elementos para a constituição sociedades antigas. No primeiro momento, encarnavam

coletivamente, evitando o contato com os demais focos humanos existentes na Terra. Depois, começaram a nascer em meio aos povos que haviam ajudado a formar. (Reis, 2008, p.179-180)

De acordo com o trecho acima, podemos observar que é a partir desse (re)nascimento dos espíritos antigos que se inicia o processo de formação do que os integrantes denominam de Tribo do Jaguar. Esta tribo corresponde, hoje, aos espíritos elevados e aos membros que compõem o corpo mediúnico do Vale do Amanhecer.

No sistema crístico, numa encarnação inerente à ideia de religiosidade Cristã-Católica, Pai Seta Branca está diretamente ligado à Jesus. Na reencarnação mais próxima do Cristo, Pai Seta Branca teria sido um dos apóstolos de Jesus. Aquele ao qual “Jesus Amava”, João o Evangelista. Este que de acordo com o Evangelho do Jaguar:

João não se preocupou com o relato dos milagres, mas, sim, com a filosofia de Jesus, que supera os fenômenos ocorridos para se projetar como a grande Luz que chega aos nossos corações, distantes há dois mil anos da presença física do Senhor. (Evangelho do Jaguar, 2001, p.3)

Tal fato justifica a escolha do Evangelho que foi elaborado e direcionado diretamente aos Integrantes e Partícipes da Doutrina do Amanhecer. De acordo com os apontamentos descritos por Jose Carlos:

O que nos levou a dar esta estrutura ao trabalho foi o fato de que João Evangelista era uma reencarnação do grandioso Espírito de Pai Seta Branca, mais uma vez presente naquele momento em que a Terra passava por grande transformação. Junto a Jesus – de quem é irmão espiritual – João fez o despertar das consciências para uma nova era que se iniciava, um novo ciclo na história do nosso planeta, e até hoje suas palavras nos dão forte e profundo conhecimento da natureza e da missão do Cristo. (Evangelho do Jaguar, 2001, p.3)

Pai Seta Branca também viveu em uma pequena cidade da Itália, nessa encarnação ele era São Francisco de Assis. Nessa mesma época, viveu na mesma cidade e com a mesma tendência cristã sua Alma Gêmea, Clara de Assis, que é o Espírito de Mãe Yara. Vale salientar que no catolicismo, São Francisco de Assis e Santa Clara de Assis, dão origem e nome a duas ordens religiosas: Os Franciscanos e as Clarissas.

Acredita-se que na sua última encarnação na terra, antes de se tornar um espírito evoluído e não precisar mais reencarnar, Pai Seta Branca foi um índio andino chamado Cacique Seta Branca, que viveu no século XVI, e comandava uma tribo na atual fronteira entre o Brasil e a Bolívia. Apesar de cumprir a sua missão encarnatória, Pai Seta Branca prepara um espírito para que seja capaz de transmitir a sua mensagem aos povos posteriores a eles. Nesse sentido, o espírito preparado por ele seria o de Tia Neiva. Ela receberia dos planos espirituais o compromisso de implantar a Doutrina na terra.

Figura 10 - Pai Seta Branca.



Fonte: disponível em: [http://exiliodojaguar.blogspot.com.br/2014\\_09\\_01\\_archive.html](http://exiliodojaguar.blogspot.com.br/2014_09_01_archive.html).

Assim sendo, Jesus Cristo está no Topo da hierarquia do Vale do Amanhecer, sendo ele retratado como o “Caminheiro da Vida”, aquele responsável por levar as almas a Deus, e abaixo dele, na hierarquia do Movimento, está a representação de Pai Seta Branca. Ele, por sua vez, está abaixo de Cristo na hierarquia, mas foi escolhido pelo próprio Cristo para que o movimento se desenvolva no plano terreno.

Sobre a importância de Jesus e de Pai Seta Branca, em matéria impressa no *Jornal Correio Braziliense*, em 31 de outubro de 1975, faz-se menção à semelhança do templo físico com templos Incas, de acordo com o trecho retirado do jornal “O templo do Vale do Amanhecer, lembra o dos Incas e na sua parte interior dominam o Cristo e a Figura de Seta Branca”.

Em outro momento da mesma matéria é mencionada a figura do Pai Seta Branca, chamado pelo jornal de “O guia”:

O Guia do Templo do Vale do Amanhecer é Seta Branca, um chefe guerreiro Inca que no século XVI, comandando 800 homens lutou contra a dominação espanhola. No fundo do Templo há uma grande figura de Pai Seta Branca. (CORREIO BRAZILIENSE, 1975).

Mãe Iara também integra o panteão de espíritos que compõem o Vale do Amanhecer. Ela caracteriza-se aos membros do movimento com a “roupagem”, ou seja, a representação, da

sua última encarnação. No caso de Mãe Iara, ela é a Alma Gêmea de Pai Seta Branca, e na configuração do Catolicismo foi a Santa Clara de Assis, contemporânea de São Francisco de Assis.

Além de Jesus Cristo, Pai Seta Branca e Mãe Yara, o panteão de espíritos do Vale do Amanhecer é bastante diversificado, pois ainda pode-se encontrar representações de escravos africanos, chamados de Pretos-Velhos, Médicos Espirituais alemães, A Rainha de Sabah, ciganos e ciganas, principalmente os de Andaluzia na Espanha, caboclos nativos brasileiros, dentre outros.

Entretanto, se Pai Seta Branca, como acreditam os membros do Vale do Amanhecer, é um espírito evoluído e que constitui a alta hierarquia em um plano espiritual supostamente superior à terra, como é que ele articula a implantação do movimento no plano terreno? Novamente voltamos à Tia Neiva, ela que desenvolveu a sua mediunidade para a implantação do Vale do Amanhecer e instituição física também está ligada a esse passado transcendental. Mário Sassi, ao escrever sobre Pai Seta Branca e a escolha de Tia Neiva como a responsável por implantar a sua obra na terra, descreve:

Em sua última encarnação, no século XVI, o Cacique Seta Branca comandava um povo indígena na fronteira Brasil-Bolívia. Agora a força espiritual de Seta Branca salvara os guerreiros de uma Tribo Inca, mostrando a supremacia da força do Amor sobre a força bruta. Seta Branca superava a sua faixa encarnatória mas sempre no comando de sua Missão prepara um emissário, um ser humano capaz de transmitir sua mensagem. Mais uma vez Seta Branca está em ação desta vez através da Clarividente Neiva. (Sassi *apud* Zelaya, 2009, p 11)

Tia Neiva, pela narrativa atribuída à sua vida em sua autobiografia e pelos manuais e bibliografias que ela escreveu ou até mesmo pelas fontes escritas por outros membros, em outras encarnações esteve ligada aos espíritos que compõem a hierarquia espiritual do Vale do Amanhecer.

Sua história remonta os tempos da Grécia Antiga e, como acreditam os adeptos, estava encarnada na figura de Pythia ou Pítia, uma sacerdotisa do templo de Apolo na cidade de Delfos. É ainda na Grécia que as primeiras falanges<sup>37</sup> missionárias teriam sido formadas. Tia Neiva também é conhecida nos planos espirituais com o nome de Koatay 108, por causa do seu curso com Umahã e que significa “Senhora dos 108 Mantras”.

---

<sup>37</sup> Falanges Missionárias: Mestres ou Ninfas que, por disporem de um transcendente espiritual comum, formam um grupo, com indumentária que os identifique, trazida por Tia Neiva dos Planos Espirituais e assume a tarefa de atuar de forma singular na condução de rituais específicos. São essas as falanges missionárias: Nityamas, Samaritanas, Gregas, Mayas, Magos, Príncipes Mayas, Yuricys Sol, Yuricys Lua, Dharman Oxinto, Muruaicys, Jaçanãs, Arianas da Estrela Testemunha, Madalenas, Franciscanas, Narayamas, Rochanas, Cayçaras, Tupinambás, Ciganas Aganaras, Ciganas Taganas, Agulhas Ismênicas e Nyatras. (INRC, 2010, p. 265)

As representações aqui dispostas também podem ser assumidas a partir de outra perspectiva, proposta por Roger Chartier (1990). Para ele, a realidade social é constituída de representações que estão ligadas aos interesses de determinado grupo, ou seja, essa criação de imagens e símbolos dentro do Vale do Amanhecer favorece a criação de uma identidade de seus membros.

Todos esses e muitos outros elementos compõem o panorama plural de significados que o movimento ritualiza e materializa. Ou seja, muitas são as influências de povos, culturas, religiões, aspectos societários, diversos, e isso se dá basicamente se interpretarmos que os espíritos que fomentam a estrutura fundamental do movimento trazem consigo, durante as suas reencarnações, as diversas características assumidas no tempo quando estavam encarnados, mas como já bem mencionamos, essas características podem também ter sido atribuídas por Tia Neiva a cada personagem, a partir de outros aspectos e interações.

Para a Escola Italiana de História das Religiões, os movimentos religiosos são resultado dos processos de criação humana ao longo da história. Utilizando-se dessa afirmação podemos observar que a mistura, ou seja, as hibridações entre os elementos descritos acima, assumem significados a partir da ação fundante de Tia Neiva em reatribuir novos significados aos diversos elementos estéticos retirados das mais variadas culturas. Nesse sentido, os processos de hibridação contidos na formação da doutrina é o que possibilitaria aos membros experimentarem uma religiosidade plural, que os leva a criar um ideal de identificação com o que se ritualiza no Vale do Amanhecer, dando fluxo e existência do movimento.

Carvalho (2001) afirma que:

Aqui trata-se do culto tido como o mais sincrético de toda a experiência religiosa Brasileira de sua origem colonial até os dias de hoje: O Vale do Amanhecer. Apesar de seu caráter universalista, a base doutrinal do Vale é sem dúvida o sincretismo clássico brasileiro: espiritismo, catolicismo, tradição afro-brasileira.” (Carvalho, p.80, 2001).

Apesar da importância do trabalho de José Jorge de Carvalho (2001) ao se referir ao Vale do Amanhecer, é crucial pensar a problematização do conceito de Sincretismo descrito por ele na afirmação.

O conceito de sincretismo surge no início do século XX, com vistas a analisar as religiões afro-brasileiras, em especial o Candomblé e a Umbanda. Nesse sentido, os intelectuais buscaram enxergar nessas religiões a mistura das práticas africanas, com elementos indígenas e elementos católicos. De acordo com o professor de História da Universidade Estadual de Goiás – Leo Carrer Nogueira no artigo “Superando o sincretismo: por uma história das religiões afro-brasileiras à luz dos conceitos pós-coloniais”, publicado no ano de 2021, a problemática

do conceito está em: para além de tentar enxergar as misturas das práticas dessas religiões, o sincretismo também buscava hierarquizar as relações sociais entre brancos, negros e indígenas, incidindo no discurso de condenação à mestiçagem tão recorrente na época.

Ou seja, o conceito de Sincretismo foi muito utilizado por intelectuais como forma de diferenciar as práticas africanas entendidas como “puras”, daquelas que durante muito tempo foram consideradas deturpadas. Entretanto, com o advento dos estudos pós-coloniais, o conceito acabou sendo amplamente criticado e malvisto pela academia, como afirma Sérgio Figueiredo Ferreti em seu livro “*Repensando o sincretismo*”:

Sincretismo é palavra considerada maldita que provoca mal-estar em muitos ambientes e em muitos autores. Diversos autores evitam mencioná-la, considerando seu sentido negativo, como sinônimo de mistura confusa de elementos diferentes, ou imposição do evolucionismo e do colonialismo (Ferreti, 2001, p. 15).

Além da visão associada a uma espécie de pureza ritual das religiões de matriz africana, o conceito também foi utilizado com outro sentido: o de mascaramento de seus costumes religiosos em detrimento da religião do europeu.

Muitos foram os trabalhos que articularam a ideia de que o africano mascarava a sua religião a partir de atribuições de nomes de santos católicos às suas divindades. Ou seja, o sincretismo, na análise de alguns autores, como Nina Rodrigues, serviu aos africanos escravizados como uma “máscara colonial para escapar à dominação.” (Nogueira, 2021, p. 11)

Em decorrência das críticas e da problemática gerada com o conceito de sincretismo, alguns autores pós-coloniais passaram a aplicar uma outra forma de análise a essas religiões, o conceito de sincretismo foi aos poucos sendo substituído pelo conceito de Hibridismo Cultural.

Nestor Garcia Canclini (1997), ao se debruçar nas análises das trocas entre as culturas, lança mão do conceito de Hibridação no seu livro “*Culturas híbridas: Poderes oblíquos*”, em sobreposição ao conceito de Hibridismo, e ao se referir a este termo evoca a problemática trazida com o uso do conceito nas ciências humanas. Para isso, esclarece o seu leitor que o conceito de Hibridismo é transplantado das ciências biológicas e mesmo com a problemática inicial lançada a partir desse empréstimo, algumas ressalvas ao uso do conceito devem ser levadas em consideração no momento de sua aplicação. Para ele:

De todo modo, não há por que ficar cativo a dinâmica biológica do qual toma um conceito. As ciências sociais importaram muitas noções de outras disciplinas, que não foram invalidadas por suas condições de uso na ciência de origem” (Canclini, 1997, p.21)

Ou seja, apesar da problemática da utilização do conceito de Hibridismo, este com as devidas ressalvas pode ser utilizado pelas ciências humanas. No caso da aplicação dada pelo autor, o termo adquire a grafia de *Hibridação*.



A hibridização é uma marca fundamental na estética que o Vale do Amanhecer assume. Tia Neiva consegue juntar e misturar aspectos variados na formação do Movimento e a partir desse processo atribuir novos significados a esses símbolos. Entendo que na perspectiva da formação do movimento, a intenção de Tia Neiva, para além do desenvolvimento de sua mediunidade, talvez estivesse ligada a possibilidade de chamar a atenção daqueles que viriam a se tornar membros do VA, com a possibilidade de experimentar uma religiosidade plural, já que esses primeiros membros, localizados nos arredores de Planaltina, também constituíam uma população plural e diversa.

Tia Neiva dedicou-se durante todos os últimos anos de sua vida ao seu compromisso junto ao Vale do Amanhecer. Sob a sua responsabilidade estavam todos os aspectos relacionados ao desenvolvimento da Doutrina, ao desenvolvimento dos Médiuns, a nomeação de membros da hierarquia inicial do Movimento, o atendimento a alguns pacientes mais necessitados, a elaboração das cartas, o trato com planos espirituais distintos, o cuidado com cada detalhe relacionado à doutrina que ela desenvolvera.

Nesse meio tempo, Tia Neiva passou a se tornar conhecida na região de Brasília, logo depois também em outras partes do Brasil. Era contemporânea de outros médiuns do período como o Francisco Cândido Xavier, ou Chico Xavier, um médium bastante popular no cenário Espírita Brasileiro, conhecido por suas cartas psicografadas e seus mais de 450 livros. Sobre a sua mediunidade e a sua relação com Chico Xavier, Tia Neiva “desabafa”<sup>38</sup>:

Sim, meu filho Jaguar: os conflitos aumentavam, e eu me debatia só, só... procurava alguns espíritos, porém, eles expunham exemplos, como se Allan Kardec fosse vivo e segurasse toda a evolução no mundo dos espíritos. Somente o Chico Xavier, de longe, me dava crédito. Eu era uma louca, só e insegura pelos meus pensamentos, e o pior, que dava explicações, esclarecendo o que via. (INRC, 2010, p.100)

Neiva, em seu relato, revela um pouco da relação que havia entre os dois médiuns, baseada ao nosso entender como uma relação de confiança mútua entre eles, principalmente no início de sua jornada espiritual, e em um cenário onde a sociedade já experimentava traços fortes de intolerância religiosa.

Passando cada vez mais a ser conhecida, ela recebe a visita de intelectuais e pesquisadores, como o Padre Vicente César, que foi importante instrumento de divulgação do Vale do Amanhecer, fazendo chegar ao Vaticano informações sobre a Doutrina e sobre Neiva.

Além do Padre Vicente Cesar, outro representante da igreja católica também foi fundamental para Tia Neiva. Existem diversos relatos e indícios que Tia Neiva havia recebido

---

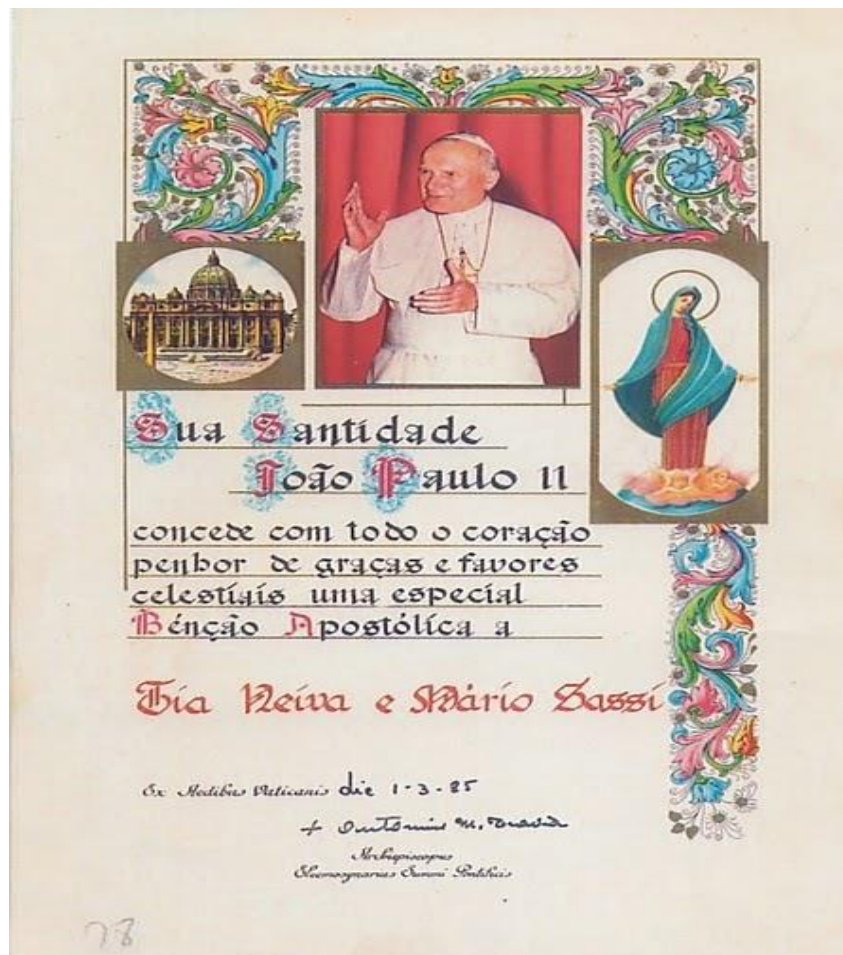
<sup>38</sup> (Zelaya, Neiva Chaves. Tia Neiva: autobiografia... Op. cit., p. 53 *apud* INRC, p.100)

do Papa João Paulo II, no dia 1º de março de 1985, uma bênção apostólica de reconhecimento. De acordo com o portal eletrônico Vale do Jaguar<sup>39</sup>

Depois de ter se inteirado de tudo que o Padre César havia dito e escrito sobre a Doutrina, o Papa João Paulo II, vendo a seriedade do trabalho realizado com o Cristianismo aplicado de forma aberta e avançada, concedeu à Tia Neiva e ao Mestre Mário Sassi, ela a fundadora da Doutrina e ele o intérprete que idealizou toda a sua obra literária, uma Bênção Apostólica conferida somente aos Grandes Missionários que erguem a Bandeira Rósea de Jesus Cristo. (VALE DO JAGUAR, 2022)

O trecho revela que a partir do trabalho realizado por Tia Neiva, o seu reconhecimento enquanto médium era um passo importante para a afirmação de seu trabalho espiritual, realizado junto ao Vale do Amanhecer. A imagem abaixo, também disponível no portal eletrônico acima citado, é a suposta imagem do documento concedido por João Paulo II no dia 1 de março de 1985 à Tia Neiva:

Figura 11 - Honraria concedida pelo Papa João Paulo II à Tia Neiva no dia 01 de março de 1985.



Fonte: disponível em <https://valedojaguar.home.blog/2019/12/22/bencao-apostolica-ao-vale-do-amanhecer/>, acessado às 23h49.

<sup>39</sup> VALE DO JAGUAR, disponível em: <https://valedojaguar.home.blog/2019/12/22/bencao-apostolica-ao-vale-doamanhecer/>, acessado em 12/01/2022, às 23h49.

Além de constar em diversos endereços eletrônicos, tal documento tem uma versão disponível para visualização no acervo da Casa Grande, localizada ao lado do Templo-Mãe. Contudo, não observamos e nem foi possível verificarmos a veracidade de tal documento junto ao Vaticano no momento da elaboração dessa pesquisa. O que nos chama atenção é a disponibilidade de tal versão que tem, conforme o trecho mencionado acima, uma importância significativa para Tia Neiva e para, de alguma forma, a visibilidade de sua obra.

Além desse, podemos observar a popularidade de Tia Neiva em outros documentos. Algumas das mensagens de Tia Neiva eram veiculadas em forma de matérias jornalísticas no *Correio Braziliense*, conforme pode ser observado em matérias disponíveis de forma digitalizada na Biblioteca Nacional Digital. Uma delas intitulada “Tia Neiva recebe e divulga a mensagem de Pai Seta Branca”, datada de 12 de janeiro de 1976. Outra, por sua vez, tem o seguinte título: “Cataclismas vão abalar a terra”, de 4 de junho de 1973, que trata de aspectos de desenvolvimento socioambiental e do combate à poluição a partir da percepção de uso do meio ambiente para o Vale do Amanhecer.

A partir da recorrência com a qual o Jornal *Correio Braziliense* aborda o Vale do Amanhecer, podemos constatar que o tema era vendável para a época, ou seja, o jornal não faria tal abordagem se não houvesse muitos leitores interessados no seu conteúdo. Aqui trata-se de um dos mais importantes jornais da época e da região, que para nós constitui um dos instrumentos mais importantes de divulgação da Doutrina e da figura de Tia Neiva.

Para além do aspecto mercadológico com relação a ampla publicação das matérias de jornais sobre o VA, também levantamos possibilidades de algum dos membros da redação do jornal integrar o movimento, entretanto, para tal, não encontramos até o momento da elaboração desse trabalho, nenhum registro que indicasse com clareza tal afirmação.

Ainda, uma outra possibilidade é admitida no caso da recorrência das matérias veiculadas no *Correio Brasiliense* que trazem como manchete o Vale do Amanhecer: essas podem ter sido financiadas com recursos do próprio Movimento, ou de pessoas ligadas ao Vale do Amanhecer. O *Correio Brasiliense* era um dos mais importantes jornais da época e da região próxima ao Vale, logo, a veiculação dessas matérias, sejam financiadas ou não por parte do Movimento atrairia um número significativo para visitação no Templo-Mãe, o que levaria a um maior número de adeptos e até mesmo uma maior circulação de recursos financeiros para o local.

Outro aspecto importante de ser mencionado é a presença da imagem de Tia Neiva na Galeria de Personalidades da Legião da Boa Vontade em Brasília – a LBV, como é mais

conhecida, é uma associação civil de direito privado, beneficente, filantrópica, educacional, cultural, filosófica, ecumênica, sem fins econômicos que é reconhecida tanto no Brasil quanto no exterior por seu trabalho nas áreas da educação e da assistência social para pessoas em situação de vulnerabilidade. Atua em prol de famílias de baixa renda, somando o auxílio material aos valores da Espiritualidade Ecumênica.<sup>40</sup>

Ou seja, esses dados levantados acima revelam que tanto a Tia Neiva quanto o trabalho por ela desenvolvido são reconhecidamente legítimos e considerados importantes pelas mais diversas designações religiosas e até mesmo pela população do Distrito Federal, onde Neiva se tornou um pouco mais conhecida do que no restante do país. Nesse contexto, Neiva se torna peça fundamental no prisma religioso brasileiro, primeiramente a partir da sua presença no Vale do Amanhecer e logo depois a partir de outros mecanismos. Ela, que em muitos dos casos, autorizou ser fotografada ou até mesmo permitiu a gravação de alguns de seus direcionamentos que hoje estão disponíveis nos meios digitais e podem ser encontrados com bastante facilidade.

Incontestavelmente, quando viva, Tia Neiva parece ter ocupado os espaços que almejou e que, para meados da década de 1960 e 1970, pareciam ainda mais incomuns que nos dias atuais, seja na estrada, na religião, nos jornais. A partir de Neiva, toda uma doutrina se formou. E ano após ano pessoas das mais variadas partes do Brasil e do mundo passam a reproduzir, integrar, visitar e conhecer o que veio a se tornar o Vale do Amanhecer.

---

<sup>40</sup> Informações disponíveis no endereço eletrônico da Legião da Boa Vontade: <https://www.lbv.org/quem-somos>, acessado em 25/05/2023, às 18h29.

## **Capítulo 2: A instituição física e arquitetônica do espaço templário no Templo-Mãe do Vale do Amanhecer de Planaltina – DF**

Nesse segundo capítulo, o objeto de análise é a construção física do Templo-Mãe. Aqui seguem análises das estratégias que Tia Neiva utilizou para angariar fundos destinados a estruturação do Templo, bem como a disposição dos espaços ritualísticos e as representações presentes em toda a extensão de tudo que forma o espaço templário do Vale do Amanhecer. Nele podemos observar a construção do templo a partir das fotografias, dos mapas e das matérias de jornais veiculadas sobre o Vale do Amanhecer na região.

No segundo tópico desse capítulo, podemos observar os aspectos relativos a economia e às características da cidade do Amanhecer, comunidade que se forma aos entornos do Templo-Mãe. Nesse momento dispomos de parte da análise da pesquisa de campo realizada na comunidade do Vale do Amanhecer de Planaltina, no ano de 2021.

No terceiro tópico, por sua vez, a análise empreendida se direciona à elaboração do Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC), realizado pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e o pleito de tornar o Vale do Amanhecer um patrimônio oficial do mesmo órgão. Para a composição desse tópico, as análises partem do documento de Registro de Bem disponibilizado pelo IPHAN.

### **2.1 A Construção do Templo-Mãe**

Com o deslocamento de Tia Neiva, motivado pela construção da nova Capital do Brasil, o Templo, que anteriormente foi criado na Cidade de Alexânia, no Goiás, fora transferido e ganha um novo espaço de instalação, agora na cidade satélite de Planaltina – DF, na zona rural. A instalação física da instituição religiosa na região assim como os outros aspectos relativos à construção.

O Templo-Mãe, que recebe esse nome por ser o primeiro templo da Doutrina do Amanhecer, foi construído provisoriamente em 46 dias, como indica a matéria de destaque no *Correio Braziliense* datado de 18 de junho de 1972. Em sessão acerca da construção do Templo, o jornal se refere da seguinte forma: “O templo, único no mundo ocidental na sua forma, foi projetado por um arquiteto ‘sideral’ e construído em 46 dias.”<sup>41</sup> (*Correio Braziliense*, 18 de junho de 1972) O primeiro templo tratava-se de um templo de madeira, mas que dentro

---

<sup>41</sup> Imagem do *Correio Braziliense* de 18 de junho de 1972 disponível para acesso no site da Hemeroteca da Biblioteca Nacional e disponibilizado por meio de pagamento das diretrizes autorais feitos a empresa Dapress.

integrava toda a simbologia e os aspectos necessários à feitura e realização de seus rituais (trabalhos espirituais).

Figura 12 – O Vale do Amanhecer: matéria do jornal Correio Brasiliense.



Fonte: matéria veiculada no Jornal Correio Braziliense, dia 18 de junho de 1972, disponível para acesso no site da Hemeroteca da Biblioteca Nacional e disponibilizado por meio de pagamento das diretrizes autorais feitos a empresa Dapress.

Sem muitos recursos Tia Neiva utilizou diversas estratégias de arrecadação de dinheiro para a construção do templo de alvenaria – o Templo permanente – que ainda nos dias atuais se encontra ativo. De acordo com dados encontrados no Jornal *Correio Braziliense*, entre as estratégias estavam: a realização de rifas e sorteios, a exibição de filmes em sessões de cinema anunciadas no Jornal *Correio Braziliense*, a venda de livros e a criação, por parte de Tia Neiva, de uma espécie de associação onde os sócios contribuíam com determinado valor e participavam de certa forma das decisões relativas ao templo e a doutrina, em menor número elenca-se doações destinadas a angariar recursos para a construção.

Nesse sentido, indicando que havia de fato uma associação de Sócios Fundadores, no que diz respeito ao Conselho Fiscal e Sócios Contribuintes, em nota que consta no Jornal *Correio Braziliense* no dia 17 de maio de 1973, na sessão de anúncios, aparece uma nota sobre a convocação do Conselho Fiscal para os sócios fundadores do Vale, conforme texto descrito abaixo retirado do Jornal:

**OBRAS SOCIAIS DA ORDEM ESPIRITUALISTA CRISTÃ/ Assembleia Geral Extraordinária:** ‘O conselho fiscal da Obras Sociais da Ordem Espiritualista Cristã’ de acordo com o artigo 17, parágrafo segundo, dos Estatutos, convoca os Sócios

Fundadores e os Sócios Contribuintes para assembleia geral extraordinária a ser realizada no dia 25 as 20:30 horas, na Sede Social da Entidade no Vale do Amanhecer, para eleição de novos membros da Diretoria. **Brasília, 15 de maio de 1973, Ademar Inácio de Farias. Presidente do Conselho Fiscal. Grifo nosso** (Correio Braziliense, 1973)

O trecho acima indica que havia de fato uma associação de Sócios Fundadores, um Conselho Fiscal e Sócios Contribuintes, que cooperavam para a construção do templo e para as decisões relativas ao movimento, que objetivavam auxiliar Tia Neiva, líder do movimento.

**O TEMPLO DO VALE-** Está sendo construído, no Vale do Amanhecer, o novo templo, que se assemelha, na fachada à antiga Porta do Sol dos Incas. O responsável pela administração do Vale, informa que o Templo contará com instalações reservadas a intelectuais que desejarem, a qualquer momento, entregarem-se à meditação ou escrever em ambiente de silêncio. **O velho templo de madeira continuará aberto ao público, e só será desmontado depois que o novo estiver funcionando plenamente.** (Correio Braziliense, 1973, grifo nosso)

É possível observar a preocupação e o empenho para que a obra fique pronta o quanto antes, e também é possível identificar a preocupação na manutenção dos rituais que compõem a doutrina, e do funcionamento do Templo, visto que as instalações antigas estavam assegurando o funcionamento até que o novo templo estivesse em funcionamento por completo.

Aqui se faz pertinente uma breve análise da veiculação das notícias no Jornal Correio Brasiliense, com a temática do Vale do Amanhecer. Apesar da relevância do Movimento e de Tia Neiva, na década de 1970 o movimento estava em seus primeiros anos, e parecia se encontrar em processo de consolidação. Entretanto, o Jornal Correio Brasiliense o coloca sempre em posição de destaque em suas matérias. Nesse sentido, a veiculação desse tipo de matéria nos parece uma forma de divulgar o movimento, dar notoriedade, fazê-lo ser visto pela população local que consumia as notícias do referido jornal.

O Templo-Mãe é, pois, uma edificação erguida em pedra e alvenaria. Tem a dimensão de 1400m<sup>2</sup> de área construída, seu formato é elíptico e foi construído sob a orientação de Tia Neiva. Acredita-se que para a construção desses espaços, ela – Tia Neiva – recebia orientações dos planos espirituais. Mais precisamente do espírito de Tiãozinho, uma espécie de “arquiteto sideral”. Além disso, a obra também contou com a participação dos adeptos, estes responsáveis por erguer a construção.



Figura 13 – Construção do Templo-Mãe.  
Imagem da construção do Templo-Mãe de Alvenaria.



Fonte: disponível no INRC, 2010, p.147.



Figura 14 - Templo-Mãe na década de 1970.



Fonte: disponível em INRC, 2010, p.128.

Figura 15 - Templo-Mãe na primeira década dos anos 2000. Vista do Templo-Mãe no final dos anos 2000 e início dos anos 2010.



Fonte: disponível em INRC, 2010, p.129.

A construção do Templo-Mãe é resultado da ação de Tia Neiva e de seus membros. Assim como sinalizam os historiadores da Escola Italiana das Religiões, são, portanto, resultado da ação humana em um dado contexto histórico, que, nesse caso, é a construção de Brasília-DF, acontecimento que recebeu pessoas das mais variadas partes do país, reforçando aquilo que já citamos a partir de Agnolin (2019), os membros do Vale do Amanhecer, orientados por Tia Neiva, parecem construir a si mesmo no mundo e, para fazer isso, constroem o mundo.

O Templo-Mãe configura-se como a principal edificação do Movimento, pois é nesse espaço que acontecem a maior parte dos rituais que são efetuados pela Doutrina, como também é utilizado para reuniões entre os membros do movimento e para aulas de desenvolvimento mediúnico. É frequentado todos os dias pelos médiuns, que se alternam para dar andamento aos trabalhos espirituais, visitado também por pacientes que procuram auxílio. A seguir podemos observar a divisão do Templo-Mãe juntamente com a representação em imagem elaborada por Mário Sassi <sup>42</sup>, que representa com mais exatidão como é dividida a estrutura dentro do Templo:

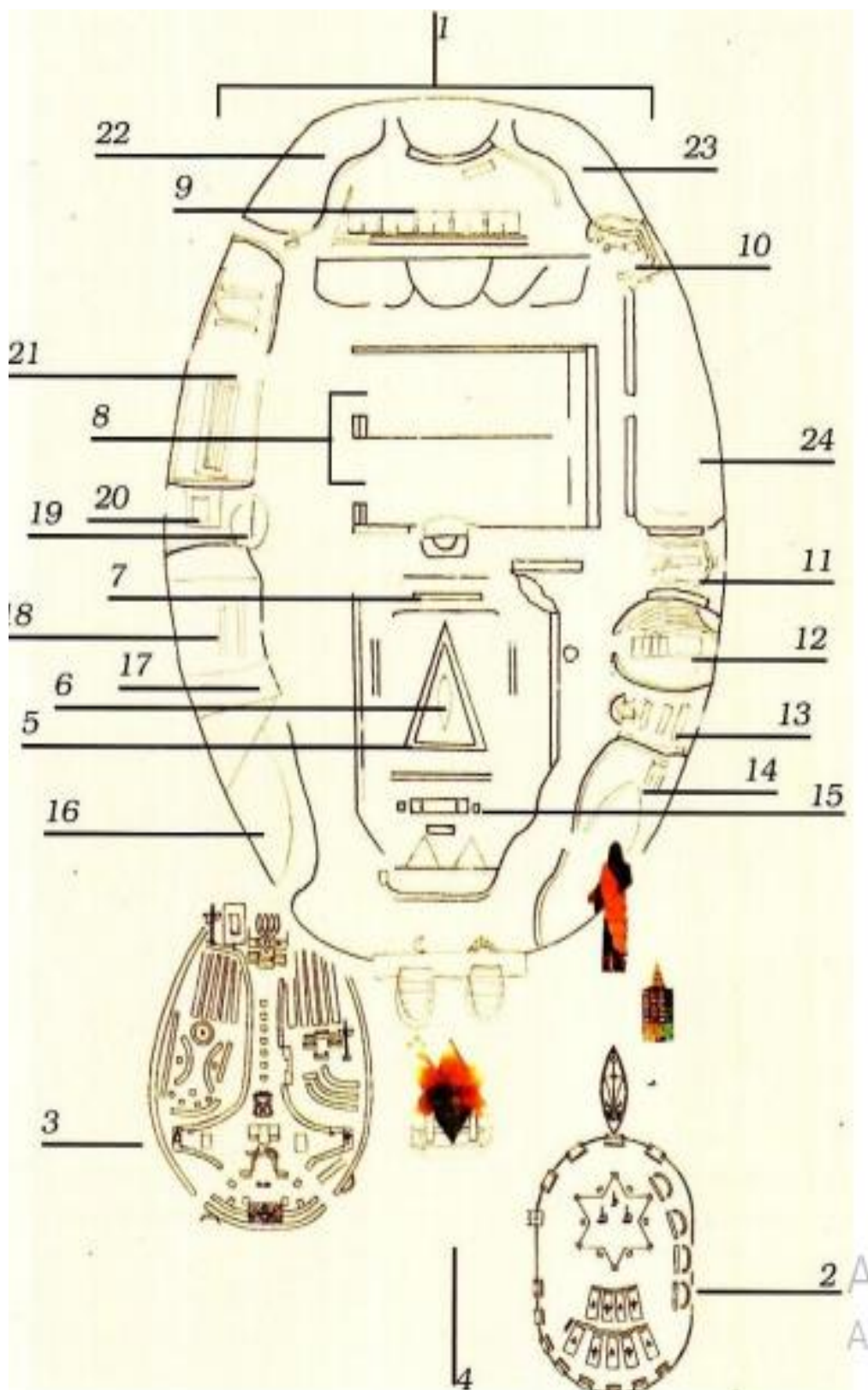
#### **Divisão<sup>43</sup> do Templo-Mãe do Vale do Amanhecer – Planaltina-DF:**

- |  |   |
|--|---|
| 1. O Templo do Amanhecer;                                | 15. Randy;  |
| 2. A estrela de Sublimação;                              | 16. Castelo de Autorização;                         |
| 3. Turigano;   | 17. Castelo de Instrutores;                         |
| 4. Estrela em mosaico de Espelhos;                       | 18. Castelo dos Mestres Devas;                      |
| 5. Mesa Evangélica;                                      | 19. Radar;  |
| 6. Elipse;   | 20. Castelo do Cochicho;                            |
| 7. Representação de Jesus Cristo (o Caminheiro da Vida); | 21. Castelo do Silêncio;                            |
| 8. Tronos Vermelhos e Amarelos;                          | 22. Castelo de Iniciação dos médiuns Aparás;        |
| 9. Ritual de Cura;                                       | 23. Castelo de Iniciação dos médiuns Doutrinadores; |
| 10. Ritual de Junção;                                    | 24. Castelo dos Doutrinadores.                      |
| 11. Indução;   |   |
| 12. Oráculo de Pai Seta Branca;                          |   |
| 13. Linha de Passe;                                      |   |
| 14. Oráculo da Cruz do Caminho.                          |   |

<sup>42</sup> Sassi, 1999, p. 45 *apud* Marques, 2009.

<sup>43</sup> A base da divisão aqui representada está disponível no trabalho de dissertação de Erich Gomes Marques, intitulado “Os poderes do estado no Vale do Amanhecer: percursos religiosos, práticas espirituais e cura”, do ano de 2009, a qual ele atribui a Mario Sassi. Na divisão que disponibilizamos acima foram realizadas algumas adaptações que entendemos como pertinentes para uma maior compreensão por parte do leitor.

Figura 16 - Divisão do Templo-Mãe do Vale do Amanhecer – Planaltina – DF. Ilustração do interior do Templo-Mãe com autoria atribuída à Mário Sassi,



O espaço não qual está localizado o Templo-Mãe do Vale do Amanhecer dispõe de outros dispositivos e espaços ritualísticos, que são utilizados para a realização dos “rituais espirituais” que compõem o arcabouço ritualístico e simbólico do movimento. Tais espaços ajudam a caracterizar e criar a identidade própria do Vale do Amanhecer.

Vale salientar que a relativa rapidez com que o Primeiro Templo de madeira foi construído não constitui a realidade empreendida por Tia Neiva e seus membros na construção do Templo-Mãe (em seu formato que assume nos dias atuais) e de seus outros dispositivos ritualísticos. Toda a área do templo e todas as outras construções que compõem o espaço do Vale do Amanhecer foram gradativamente sendo construídas por Tia Neiva e pelos membros do Movimento. Aqui é pertinente destacar que o próprio corpo de membros do movimento foi quem constituiu a massa de trabalhadores empregados na construção.

O espaço do Templo do Vale do Amanhecer é onde todos os rituais mediúnicos são desenvolvidos. Ou seja, é no espaço templário que os membros do Vale do Amanhecer, bem como os seus visitantes acreditam manter o contato com o que para o movimento é o plano espiritual, onde estão espíritos da mais alta hierarquia ligados à figura de Jesus Cristo. É por meio desse dispositivo que os planos espirituais podem se fazer presentes por meios dos rituais e a partir de então passar suas mensagens e dar suas bênçãos.

Considerando a importância do espaço templário do movimento, se faz necessário entender o que constitui cada uma das edificações que foram construídas e que formam o complexo espaço templário, destinado aos rituais do Movimento. Salientamos que são muitos espaços, mas para facilitar a compreensão, abordaremos alguns dos dispositivos que consideramos de maior importância no que se refere a análise do lugar.

Anexo ao Templo-Mãe, está o Turigano. Essa é uma edificação que comporta ao centro uma escultura em forma de cálice, que recebe o nome de “Chama da Vida” e em torno do cálice há um corredor que dá acesso ao templo. Nessa edificação acontecem alguns rituais, como o ritual que dá nome a edificação – Ritual de Turigano – e rituais de reclassificação (onde os membros adquirem hierarquia necessária ao momento de sua trajetória na doutrina, bem como também recebem o nome de uma parte de seus mentores).



Nos entornos do Templo-Mãe, nos chama bastante atenção o Morro “Salve Deus”, uma espécie de colina com uma vegetação rasteira onde estão os dizeres “Salve Deus”<sup>44</sup>, também no lugar está instalado uma Elipse. O Morro “Salve Deus” situa-se nas proximidades do Solar dos Médiuns e parece funcionar como plano de fundo natural para os rituais que funcionam no Solar dos médiuns.

O Solar dos médiuns, por sua vez, é um grande espaço a céu aberto próximo ao Morro “Salve Deus”, que compreende várias outras edificações do Movimento. No Solar dos Médiuns estão presentes a Estrela Candente, a Pirâmide, o Lago de Iemanjá, e a Cachoeira do Jaguar, por exemplo.

Figura 17 - Vista do solar dos médiuns.

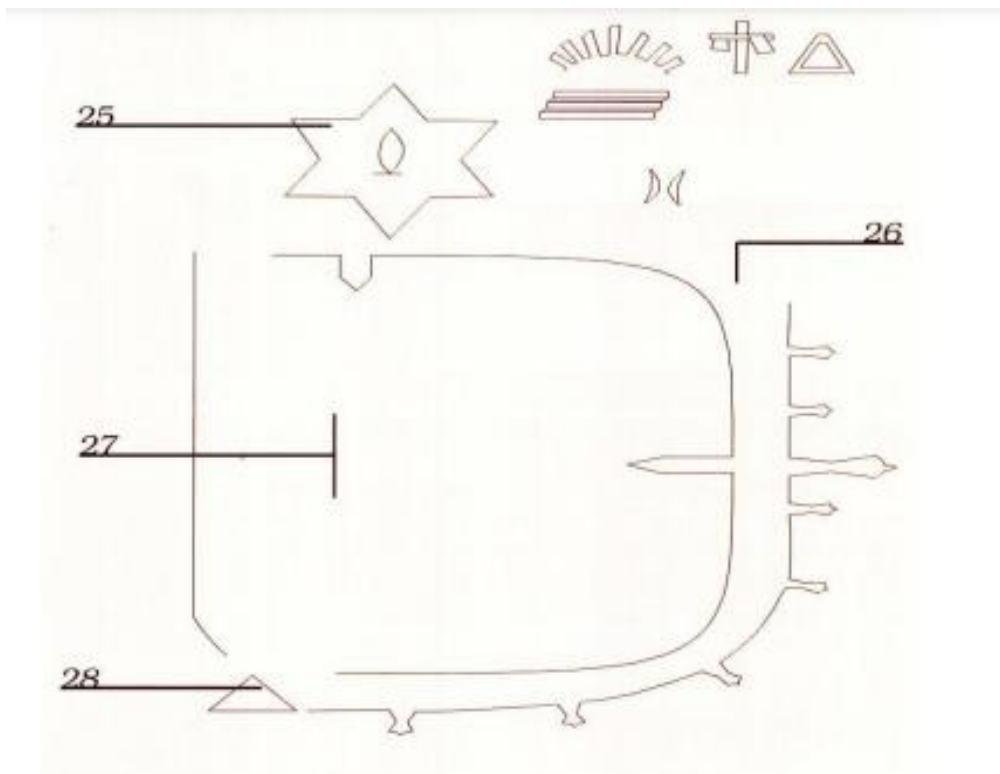


Fonte: disponível no processo de registro de Bens no IPHAN do Distrito Federal.

---

<sup>44</sup> Salve Deus é uma expressão utilizada pelos médiuns desde o recebimento dos visitantes até mesmo em rituais. A expressão também dá nome ao Morro “Salve Deus” e está presente em algumas das insígnias do movimento.

Figura 18 - Mapa do solar dos médiuns. De autoria atribuída a Mário Sassi.



Fonte: Mário Sassi *apud* Marques, 2009, p.147.

- 25. Estrela Candente;
- 26. Quadrantes;
- 27. Lago da Mãe Iemanjá
- 28. Pirâmide.

No mapa acima, podemos observar a divisão das edificações que compõem o Solar dos Médiuns. Dentre as descritas encontramos: Os quadrantes, A pirâmide, O lago de Iemanjá e A Estrela Candente.

A Estrela Candente é, segundo o INRC (2010), a construção mais importante que está presente no Solar dos Médiuns, pois é nela que acontecem importantes rituais de consagração. A edificação é caracterizada por um pequeno lago com formato de uma estrela de seis pontas. No Centro desse lago encontra-se uma Elipse<sup>45</sup> de ferro. Esse

<sup>45</sup> A elipse é um dos símbolos mais utilizados na doutrina do Vale do Amanhecer. Segundo o glossário do INRC, a Elipse representa a queda e a ascensão do espírito que se volta para Deus. É também a representação do sagrado feminino, “Segundo relatos, Tia Neiva dizia que seria a “cruz do terceiro milênio, representando a fase científica do Cristianismo”. Grandes elipses de metal estão presentes em vários pontos do Vale, como no cume do Morro do Salve Deus, referência para todos que visitam o Vale.” (INRC, 2010, p. 262)

dispositivo foi construído sob as orientações de Tia Neiva, em novembro de 1975. Fato interessante é que durante a construção da Estrela, Tia Neiva se deslocou em caravana para a realização do ritual em uma praia da cidade do Prado, na Bahia.

Integrando também o espaço que compreende ao Solar dos Médiuns, está o Lago de Iemanjá, que foi construído entre agosto de 1977 e 1978 e demarcado pela própria Tia Neiva. Em torno do lago estão diversas outras edificações que integram o espaço ritualístico do solar dos médiuns.

Além do Lago, da Estrela Candente e dos demais dispositivos ritualísticos da área do Solar dos Médiuns, podemos observar a Unificação, mais conhecida como Pirâmide. Essa edificação foi inaugurada por Tia Neiva, em 1ª de maio de 1979. É considerada um dos pontos mais visitados no Solar dos Médiuns e em seu interior são realizados alguns rituais de consagração e meditação.

Essa edificação foi construída em volta do Lago de Iemanjá e tem um formato piramidal de aproximadamente seis metros de altura. Em seu interior está uma fonte de Água Fluidificada, ou seja, abençoada, por um cristal que está preso ao cume da estrutura.

Essa edificação é entendida como uma herança dos espíritos dos Tumuchys que foram responsáveis – segundo narrativa dos integrantes do Vale do Amanhecer – pelas construções das pirâmides, inclusive as pirâmides do Egito, em Gizé. Tanto as pirâmides do Egito quanto a pirâmide do Vale do Amanhecer funcionariam como um instrumento de captação de energias cósmicas.

Posteriormente esses gigantescos edifícios foram utilizados pelos povos que vieram depois com outras finalidades. E **os métodos científicos se transformaram em tabus e religiões**. Mas a energia armazenada até hoje se conserva preenchendo os propósitos a que foi destinada. (Reis, 2008, p.176)

Na Pirâmide estão disponíveis ainda as obras originais dos quadros de Pai Seta Branca e Mãe Iara. Vale salientar também que esta edificação é a única Pirâmide do Movimento. Ela, por sua vez, não foi reproduzida em nenhum outro Templo do Vale do Amanhecer, diferentemente do Turigano e da Estrela Candente, que já foram reproduzidas e são bastante comuns na estrutura dos demais templos espalhados pelo país.

Figura 19 - Pirâmide de unificação. Imagem da Pirâmide de Unificação, refletida do lago de Iemanjá.



Fonte: disponível no INRC, 2010, p. 165.

Recentemente, a Pirâmide foi incrementada com as representações de Akhenaton e Nefertiti, duas representações de espíritos que estão ligados à raiz 72a trimônializa do movimento. Conforme a imagem abaixo, podemos identificar o incremento dessas duas representações na edificação da Pirâmide.



Figura 20 - Pirâmide de unificação com as representações de Akhenaton e Nefertiti. Imagem adaptada da Pirâmide de Unificação com as representações de Akhenaton e Nefertiti.



Fonte: os arquivos originais estão disponíveis em: <https://br.pinterest.com/pin/337629303310073659/> e <https://br.pinterest.com/pin/502151427197515369/> acessados em 11/11/2021, às 23h57.

Na composição de cada um desses espaços podemos observar a presença dos diversos elementos que compõem todo o arcabouço simbólico do movimento. Logo, uma das principais características da formulação desses espaços é a Híbridação dos elementos.

A noção de Híbridação, de Nestor Garcia Canclini (1997), pode ser entendida da seguinte forma:

Entendo por hibridação processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas que existam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas” (Canclini, 1997, p.19)

Ou seja, nesse sentido, os processos de hibridação contidos no Vale do Amanhecer são retirados de outras estruturas religiosas que existiam, cada uma de forma separada, ou até mesmo em alguns casos de forma assemelhada, mas que ao se misturar geram novas estruturas, como pode ser observado em tudo que se ritualiza no Vale do Amanhecer e conforme nos referimos nos parágrafos anteriores no lago de Iemanjá.

No lago de Iemanjá ainda está presente a Cachoeira do Jaguar, uma cachoeira artificial. É uma edificação que permite a visita pública, na qual muitos visitantes e adeptos se servem da água que brota da cachoeira alegando o uso principalmente destinado a fins que supostamente são terapêuticos.

Ou seja, para os membros do Vale do Amanhecer, a água que passa pela cachoeira do Jaguar, apesar de tubulações simples e de não receber nenhuma substância ou preparo,

é considerada sagrada e com poderes curativos. Característica também assumida por outros movimentos religiosos e religiões, desde as mais antigas até as mais recentes.

Na Bíblia, por exemplo, que é a base dogmática de muitos movimentos religiosos, a água é assumida como elemento fundamental na construção de diversas narrativas ligadas ao que os seguidores consideram sagrado, desde a passagem da criação dos céus e da terra, descrita no livro de Gênesis ainda em seu primeiro capítulo, ou na passagem que descreve a realização de uma cerimônia de Batismo do qual Jesus participou.<sup>46</sup>

Outro exemplo da utilização da água nos movimentos religiosos pode ser observado no Candomblé, no qual cada Orixá representa uma força da natureza (terra, fogo, ar e água) e quando não representa é influenciado ou regido por ela. Podemos citar como orixás ligados às águas, no Candomblé: Oxum, ligada às águas doces e Iemanjá ligada às águas do mar. Nos rituais do candomblé a água pode ser utilizada para os mais diversos fins, como: elemento importante no “processo de higiene, os quais são realizados por meio de banhos de ervas” (Silva, 2021, p. 13).

Com esses exemplos, podemos observar que a água, substância de valiosa importância para as sociedades desde os tempos longínquos, para os mais diversos fins, também assume uma importância singular na estrutura ritual de diversas expressões religiosas.

Na imagem abaixo é possível identificar um pouco do andamento das obras de construção dos dispositivos arquitetônicos que estão descritos acima, e também ter uma breve noção do tamanho de todo o espaço que compreende o Solar dos médiuns que abriga a Estrela Candente, A Pirâmide, o Lago de Iemanjá, a Cachoeira do Jaguar, entre outras edificações. Também é possível identificar na imagem a presença da diversidade das cores e a representação de Iemanjá.

---

<sup>46</sup> Texto retirado da bíblia no endereço eletrônico: [Mateus 3:16; 2 Néfi 31:7-9](#), acessado em 25/05/2023, às 19h.

Figura 21 - Construção do Lago de Iemanjá no Solar dos médiuns, em 1976.



Fonte: Imagem adaptada a partir de duas imagens disponíveis nas páginas 146 e 147 do Inventário Nacional de Referências Culturais (2010).

No acervo doutrinário presente na Casa Grande (que se caracteriza por ser a Casa onde Tia Neiva morava e fazia alguns de seus atendimentos) estão presentes algumas fotografias que revelam o processo pelo qual os espaços vão sendo construídos ao passar dos anos, muitas dessas fotografias utilizadas para compor esse trabalho inclusive, que estão disponíveis no Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) elaborado no ano de 2010, foram dele reproduzidos. A utilização das imagens a partir do inventário se justifica pelo fato de que no lugar não é permitido a feitura de fotografias.

Entretanto, essa edificação que, atualmente, encontra-se conservada e que constitui hoje o maior acervo de fotografias, indumentárias, pertences, objetos e mobílias de Tia Neiva, funcionando como uma espécie de museu, teve uma importância fundamental para a constituição do espaço templário que cerca o movimento.

A Casa Grande foi a casa que Tia Neiva morou durante a sua instituição do Movimento e o estabelecimento da doutrina no local. Nela, como já anteriormente citado, Tia Neiva recebia alguns de seus pacientes, e fazia seus atendimentos. Serviu ainda como sede do orfanato que Tia Neiva manteve durante muito tempo na região. Este orfanato, conhecido como Orfanato Lar das Crianças de Mãe Tildes, foi transferido para o CR – 8 (Conjunto Residencial 8) Vale do Amanhecer. A edificação do Orfanato existe até os dias

atuais, entretanto, encerrou as suas atividades no ano de 1988 por falta de infraestrutura para funcionar.

Quando nos referimos ao espaço do Templo do Vale do Amanhecer podemos observar que o espaço é amplamente visitado desde os primórdios de sua formação. Em matéria do jornal *Correio Braziliense*, do ano de 1975, cerca de 6 anos após a fundação, o templo de Tia Neiva já atraía uma grande quantidade de pessoas, tanto por membros que participavam ativamente do funcionamento do templo como por pessoas que visitavam o templo sem a responsabilidade efetiva de se tornarem membros.

Figura 22 - Correio brasileiro “multidão lota templo no Vale do Amanhecer”. Matéria veiculada no Jornal Correio Braziliense, no ano de 1975, que fala sobre a quantidade de pessoas que visitaram o templo no dia do Doutrinador, Aniversário de Tia Neiva.



Fonte: Jornal utilizado dentro das políticas de direitos autorais descritos na Constituição Federal de 1988.

Em outra matéria do mesmo jornal, de setembro de 1977, Tia Neiva assinala alguns aspectos que tratam do ambiente templário do Movimento Vale do Amanhecer, bem como da utilização do espaço ritualístico e de como ela, enquanto idealizadora do movimento, instituiu a doutrina. Além disso, ainda nessa matéria, podemos observar a menção ao grande número de pessoas que visitam o movimento já em 1977.

Para além dos espaços ritualísticos, nos arredores do Templo-Mãe se formou uma cidade que a princípio foi ocupada por Tia Neiva e os seus primeiros “filhos”, ou seja, os primeiros integrantes/seguidores do Movimento. Essa cidade soma, nos dias atuais, um número de aproximadamente 25 mil pessoas e conta com infraestrutura como: linhas de ônibus que interligam a cidade do Vale do Amanhecer à cidade de Planaltina, saneamento

básico, calçamento, escolas, padarias, as casas dos mestres que integram o movimento, e até outras designações religiosas.

Novamente nos chama a atenção a forma como as matérias do Correio Brasiliense parecem ser veiculadas para enaltecer a presença do movimento na região e dar legitimidade à figura de sua fundadora – Tia Neiva. As matérias não fazem menção a presença dos dados do editor, nesse sentido não há indícios diretos de que se tratava de algum membro do movimento que trabalhava no jornal, nem mesmo há a informação que tais matérias poderiam ser veiculadas mediante algum tipo de pagamento, já que se trata de um jornal de grande circulação na região.

No que se refere a formação da comunidade do Vale do Amanhecer, no documento do processo de Registro de Bem do Vale do Amanhecer junto ao IPHAN do Distrito Federal – DF, Rogério Carvalho, que é membro do Vale do Amanhecer desde o ano de 1989, enfatiza que alguns anos após a implantação do Templo-Mãe e até aproximadamente a década de 1990, a comunidade do Vale do Amanhecer situava-se afastada do centro urbano de Planaltina – DF, mas alguns fatores como o crescimento do corpo de membros e a especulação imobiliária fizeram com que o lugar crescesse e se tornasse “A cidade do Vale do Amanhecer”:

Quando o Vale foi instalado naquele lugar, os primeiros moradores começaram a construir casas em torno do templo, que, até 1990, era bastante isolado. Após a década de 90, a pressão imobiliária e o crescimento fizeram com que essa comunidade inicial se tornasse uma “cidade Vale do Amanhecer “. Parte da comunidade está ligada à Ordem (como paciente, como médium etc.) (Rogério Carvalho em reunião realizada em 1º de outubro de 2020, 10h entre o Iphan e os Membros do Vale do Amanhecer)

O trecho acima demonstra os aspectos que estão relacionados ao povoamento da região onde está localizado o templo. Esses que foram fundamentais para o alargamento da região e da comunidade que hoje é conhecida como a cidade do Vale do Amanhecer. Ainda quando se trata da infraestrutura da cidade, o Inventário Nacional de Referências Culturais (2010) afirma:

Quanto aos serviços públicos e a existência de infraestrutura urbana relacionados ao Vale diferente de duas décadas atrás, tempo em que a comunidade contava apenas com uma rede de telefonia fixa, energia elétrica e uma única escola pública (construída em caráter provisório), hoje, água encanada, redes de água pluviais, pequenas obras de urbanização, linhas de ônibus regulares, quadra poliesportiva comunitária, Posto Comunitário de Segurança (PCS) dois centros de ensino fundamental, área de lazer e ONG's já se somam ao cotidiano de seus moradores. (INRC, 2010, p.89)

Assim como nas religiões e doutrinas religiosas e filosóficas, o espaço físico do Vale do Amanhecer é bastante característico. O templo físico, as pinturas, as esculturas, as imediações, todos os locais que compõem o espaço templário caracterizam e formam o movimento, fazendo com que o lugar onde está situado seja facilmente identificado.

Todos esses espaços que constituem o espaço físico do Vale do Amanhecer de Planaltina-DF e tudo que o VA ritualiza são produtos históricos da ação humana de seus membros a partir das diretrizes de Tia Neiva, sua fundadora. Nesse caso, Tia Neiva e os seus seguidores, membros da doutrina, transformam o “mundo” ao seu modo para a ele habitarem, e dele se sentirem pertencentes. Ao citar o trabalho de De Martino (1973), Agnolin (2019) afirma que esse fazer revela que:

A presença atuante do homem no mundo não é um dado, mas uma realidade condenada (“fundante”: do verbo latino *condere*, “fundar”. Nós diríamos que o homem não é/está no mundo, mas constrói a si mesmo no mundo e, para fazer isso, constrói o mundo. (De Martino *apud* Agnolin, 2019, p.57)

Ou seja, ao modificarem o espaço geográfico ao qual o Templo-Mãe foi fundado e instalado, Tia Neiva e seus seguidores criaram – construíram – o “mundo” para nele habitarem e a partir dele, e das relações ali, existentes passaram a construir a realidade que iriam vivenciar e pertencer.

A criação desse espaço possibilita àqueles que frequentam o Templo-Mãe como visitantes, condições necessárias de experimentar uma cultura diferente que, por sua vez, pode interferir diretamente na construção de novos valores, que conseqüentemente passam a circular e tendem a formar outras hibridações culturais.

Os aspectos inerentes ao desenvolvimento da cidade que se forma nos arredores do Templo-Mãe serão tratados com mais afinco no tópico abaixo, destinado a análise dos aspectos relacionados a comunidade do Vale do Amanhecer na cidade de Planaltina-DF.

## 2.2 A cidade do Vale do amanhecer: aspectos comunitários dos entornos ao Templo-Mãe

Até a escolha e implantação do Templo do Vale do Amanhecer de Planaltina – DF, chamado pelos integrantes do movimento e pelos membros da comunidade de Templo – Mãe, houve um processo percorrido por Tia Neiva de aproximadamente 10 anos. O templo, que teve suas instalações provisórias em várias cidades no início da caminhada espiritual de Tia Neiva, é, em 1969, instalado definitivamente, encontrando-se em funcionamento até os dias atuais e sendo considerado referência, com práticas



reproduzidas por todos os outros templos do VA espalhados pelo Brasil e pelo mundo, por ter sido aquele pelo qual Tia Neiva cristalizou tudo o que deve ser ritualizado dentro da Doutrina a qual criou.

Nos arredores desse templo, com o tempo, forma-se uma cidade. Esta que é uma comunidade massivamente habitada por membros do Movimento e que, com o passar dos anos, recebe toda uma infraestrutura de ruas pavimentadas, esgotamento sanitário, energia elétrica e outras obras de infraestrutura.

Ao longo do tempo, desde a sua implantação, a cidade também passou a receber outras expressões religiosas, principalmente cristãs protestantes, e neoprotestantes que, de certa forma, convivem em harmonia com os membros do Vale do Amanhecer e respeitam as práticas religiosas.

É perceptível, assim, como reforçam os residentes, a presença de instituições religiosas outras que não somente a do Vale do Amanhecer. Segundo relato dos moradores: há mais evangélicos do que católicos. Há um bom número de templos evangélicos e uma igreja católica pontuando o cenário da Vila Pacheco. (INRC, 2010, p.92)

O mapa a seguir<sup>47</sup> apresenta a vista aérea da cidade de Planaltina e a localização do Vale do Amanhecer e a sua comunidade. Observamos que a comunidade que se forma em torno do templo, destacada de Amarelo no mapa, se espalha por uma ampla área da cidade de Planaltina (DF).

Podemos observar ainda como os espaços ritualísticos estão espalhados por toda a comunidade, fazendo com que a área que os membros consideram consagrada seja ampliada. A narrativa presente na comunidade, inclusive, denota que as ruas próximas ao Templo-Mãe são consideradas consagradas, existindo a livre circulação dos membros do movimento entre elas com suas indumentárias e até mesmo a prática de rituais que acontecem em seus entornos. Nos aprofundaremos um pouco mais sobre o cotidiano dos mestres no terceiro capítulo desse trabalho.

---

<sup>47</sup> O mapa utilizado e disponibilizado abaixo é uma adaptação do mapa da vista aérea de Planaltina e do Vale do Amanhecer, que está no processo de registro disponível para consulta Sistema Eletrônico de Informações – SEI – IPHAN no endereço: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1564>

Figura 23 - Imagem aérea do Vale do Amanhecer e de Planaltina. (adaptado)



Fonte: Mapa disponível no processo de Registro no IPHAN.

Alguns aspectos precisam ser mencionados e descritos com relação ao mapa da vista aérea da comunidade do Vale do Amanhecer. Toda a área em amarelo no mapa compreende o espaço do templo e os conjuntos residenciais que fazem parte da área consagrada ao templo. Os elementos especificados em números são:

1. O portal de entrada na comunidade;
2. Rua principal da comunidade, dotada de asfaltamento;
3. Templo-Mãe e Casa Grande;
4. Solar dos Médiuns;
5. A pirâmide;
6. O lago de Iemanjá;
7. A estrela Candente;
8. Morro Salve Deus.

No entorno dos espaços onde acontecem os descritos no mapa estão espalhadas praças, casas, supermercados, mercearias, lanchonetes, pousadas e hotéis, lojas de artigos, como livros, indumentárias e joias, que são frequentados por membros da comunidade e até mesmo por visitantes de todas as partes do Brasil, já que muitos dos demais templos espalhados nos Estados brasileiros revendem para seus membros e integrantes peças que



são elaboradas na cidade de Planaltina – DF, que são confeccionadas por também membros da comunidade religiosa.

Caminhando na rua principal do Templo, encontramos várias casas e comércios, além de barracas onde comerciantes vendem artigos relacionados ao movimento como fotografias, indumentárias, incensos, velas, etc. Ainda nessa mesma rua nos deparamos com um orfanato desativado, que segundo relatos funcionou alguns anos após a morte de Tia Neiva. Um pouco mais a frente, está localizado o Solar dos Médiuns, local onde é realizada outra parte dos trabalhos espirituais e da mesma rua podemos observar o morro “Salve Deus”.

Destacamos aqui a importância do Movimento Doutrinário para a economia do lugar, ou seja, da comunidade, que está basicamente associada à visita no Templo-Mãe. Em visita à cidade de Planaltina – DF e ao Templo-Mãe, efetuada entre os dias 01/07/2021 e 04/07/2021 para nossa pesquisa de campo, foi possível observar que muitas são as lojas e ateliês de costura espalhadas na cidade que vendem artigos da doutrina, venda que se faz até mesmo em brechós.

Figura 24 - Indumentárias à venda em ateliê de costura e loja de artigos para a doutrina Vale do Amanhecer – Planaltina – DF.

Indumentárias à venda em Ateliê de costura e loja de artigos para a doutrina Vale do Amanhecer.



Fonte: reprodução de acervo próprio, registro efetuado em pesquisa de campo ao Templo-Mãe do Vale do Amanhecer de Planaltina – DF, entre os dias 01/04/2021 e 04/07/2021.

Figura 25 - Brechó com venda de artigos religiosos do Vale do Amanhecer – Planaltina – DF. Brechó nos entornos do Templo-Mãe – Planaltina-DF, com indumentárias do Vale do Amanhecer à venda.



–Fonte: reprodução de acervo próprio, registro efetuado em pesquisa de campo ao Templo-Mãe do Vale do Amanhecer de Planaltina – DF, entre os dias 01/04/2021 e 04/07/2021.

Nos horários dos rituais, em frente ao Templo-Mãe, são montadas barracas que vendem pedras, amuletos, insígnias, indumentárias, fitas, coletes, capas, joias de pouco valor, fotografias e pinturas de parte do panteão de espíritos do movimento. Não só em frente e ao lado do Templo-Mãe, nos arredores do Solar dos médiuns, do Lago de Iemanjá e da Estrela Candente, também podem ser encontrados lanchonetes e barracas que vendem água, picolés, almoços e os mais variados lanches. Esses pequenos comércios visam os horários dos trabalhos espirituais e a grande concentração de membros após a sua realização e que conseqüentemente acabam consumindo no local.

O que pretendemos trazer com esses dados é demonstrar que o Templo não só assume uma posição religiosa, mas também assume uma papel importante no desenvolvimento da economia local, dentro da categoria de turismo religioso. Como afirma De Almeida (2019):

Percebe-se que o turismo religioso se caracteriza por seu considerável impacto no país e essa realidade, por sua vez, origina transformações na dinâmica local, gerando empregabilidade e movimentando vários setores da economia, como o hoteleiro e o alimentício, além de estimular o consumo de artigos religiosos e artesanais, tendo em vista que cada localidade possui produtos característicos comercializados no contexto dessa atividade. (De Almeida *et al*, 2019, p.4)

Figura 26 - Barracas de comércio de artigos religiosos em frente ao Templo-Mãe do Vale do Amanhecer em Planaltina- DF.

Barracas montadas em frente ao Templo-Mãe no início da manhã de domingo, dia 04/07/2021.



Fonte: reprodução de acervo próprio. Registro efetuado em pesquisa de campo ao Templo-Mãe do Vale do Amanhecer de Planaltina – DF.

No que se refere ao comércio existente nos arredores do Templo-Mãe, o INRC (2010) traz um depoimento de Mário Sassi, que se refere a esse tipo de atividade como uma “troca Natural de Valores”, que nada impede o trabalho mediúnico:

Cumpra mencionar, ainda, que ao visitante não passa despercebida a presença de lanchonetes, restaurantes, lojas de lembranças e artigos do Vale inscritos na área religiosa, para o que Sassi responde: “nesse caso, existe uma troca natural de valores que nada afeta o trabalho mediúnico. (Mário Sassi In: INRC, 2010, p.87)

Logo, a cidade, que recebe uma ampla visitação de membros da doutrina de outras partes do país, também recebe uma ampla gama de visitantes e turistas que ao visitarem o plano piloto de Brasília se dirigem às mais diversas expressões doutrinárias e religiosas que se espalham pela cidade, bem como os movimentos religiosos de seu entorno, como é o caso do Vale do Amanhecer.

Esse tipo de turismo, por sua vez, é intitulado de turismo religioso, que acontece em diversas cidades do país. Dentre os exemplos mais expressivos no Brasil podem ser citados: a Catedral Basílica Santuário Nacional de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, atual padroeira do país, localizada na cidade de Aparecida, no

interior de São Paulo, bem como a cidade do Juazeiro do Norte, no interior do Ceará, que atrai diversos turistas que reverenciam o Padre Cicero Romão Batista. De acordo com Carlos Alberto Maio, o turismo religioso pode ser entendido como:

O turismo religioso pode ser entendido como uma atividade desenvolvida por pessoas que se deslocam por motivos religiosos ou para participar de eventos de significado religioso. Compreendem peregrinações, romarias, visitas a locais de caráter histórico/religioso, festas e espetáculos de cunho . É um segmento que pode contribuir para a valorização e a preservação das práticas espirituais, enquanto manifestações culturais e de fé que identificam determinados grupos humanos. (Maio, 2003, p.1)

No caso do Vale do Amanhecer, o turismo religioso seria, então, praticado por seus seguidores em sua maioria, que motivados pelo desejo de conhecerem um pouco mais da doutrina que praticam, organizam visitas ao Templo-Mãe, local onde toda a ritualística fundamental do movimento fora criada por sua idealizadora, Tia Neiva.

Em documentação presente no SEI do IPHAN, em memória da reunião realizada em outubro de 2020. O Instituto de Patrimônio Histórico Artístico Nacional, ao falar da representação do Vale do Amanhecer enquanto ponto turístico, destaca:

O Vale é considerado pela Secretaria de Turismo do Distrito Federal como um ponto turístico por excelência. Por semana, apenas no Templo-mãe, são recebidos 5 mil turistas. Em Portugal, há 11 templos. Esse surgimento de outros templos está relacionado ao fluxo de turistas e de visitantes na comunidade (Processo de Registro junto ao IPHAN do DF número 1551.000119/2018-46 p.661)

Tal afirmação revela que o Vale do Amanhecer, apesar de não estar dentro de uma rota de turismo religioso bem delineada, também recebe a visita de pessoas por curiosidade e/ou motivadas pelo desejo/necessidade de comparecer ao templo, fato que, segundo o trecho acima, parece também estar relacionado a ampliação do movimento.

Parece-nos ainda mais preciso as considerações do Antropólogo Emerson da Silveira:

O turismo religioso, antiga prática social renomeada agora, em tempos de globalização e desterritorialização, constitui-se em visitar lugares considerados sagrados, usando-se estrutura de hospedagem. Acaba sendo adjetivado de turismo esotérico ou místico. (Silveira, 2007, p.36)

A própria mística e esoterismo presente no Movimento doutrinário são aspectos que devem ser levados em consideração para que este seja visitado, já que ele possui aspectos culturais e religiosos muito diversos e plurais, que chamam atenção de seus visitantes. O quão diverso é chegar em um centro religioso e encontrar um pouco da cultura dos mais variados povos?

Os incas, os maias, astecas, egípcios, todos reunidos em um único lugar, na arquitetura, no colorido das indumentárias, nas preces. Esse é um dos aspectos que devem ser levados em conta na análise dessa visitação. A promessa de “alívio” para as dores espirituais também é importante para a construção da imagem da ampla visitação ao Movimento. Outra característica que deve ser atribuída à visitação ao Templo é a narrativa de auxílio espiritual sem responsabilidades de contribuição ou até mesmo de permanência ou reincidência de visitas.

O proselitismo, entendido como o esforço de fazer prosélitos, ou seja, converter pessoas a uma determinada religião parece não preocupar os membros do Vale do Amanhecer em sua maioria. Estes, que parecem não estar preocupados com a conversão de novos fiéis à doutrina, fazem os atendimentos espirituais no templo muitas vezes sem que haja “pacientes”. Segundo os integrantes, os atendimentos espirituais aos desencarnados acontece mesmo que não haja pessoas encarnadas para participar dos rituais.

Essa razão nos parece amplamente complexa: o movimento doutrinário Vale do Amanhecer não está preocupado em converter amplamente novos fiéis, entretanto, os números de templos e membros espalhados tanto no Brasil, como fora do país, só aumenta. Os dados que tomamos por parâmetro para elaboração dessa pesquisa indicam que existem aproximadamente 728 templos<sup>48</sup> espalhados no Brasil e fora dele. O Inventário Nacional de Referências Culturais (INRCO), elaborado no ano de 2010, lista o número de 600 templos:

Atualmente, a Doutrina do Amanhecer tem cerca de 800 mil médiuns ativos no Templo-Mãe e em mais de 600 templos localizados em todos os estados da federação e em outros países, como Estados Unidos, Portugal, Espanha, Alemanha, Japão e Bolívia. (INRC, 2010, p.11)

No início dos anos 2000, a dissertação de mestrado da pesquisadora Carmem Luiza Cavalcante, traz um número de 200 templos do Vale do Amanhecer (Cavalcanti, 2000, p.18), o que revela um crescimento de mais de 250% em 20 anos.

O INRC ainda traz um número de aproximadamente 800 mil adeptos do movimento no momento de sua elaboração. Essa informação é contrastada com o relato de Rogério Carvalho, membro do Vale do Amanhecer desde o fim da década de 1980, que em reunião pelos meios virtuais realizada juntamente com a equipe do Instituto do

---

<sup>48</sup> Dados retirados do portal: <https://valedoamanhecer.com/templos/index.php?link=1>, acessado em 02/11/2021, às 22h22.

Patrimônio Artístico Nacional -IPHAN – DF relatou: “atualmente, já são um milhão de praticantes da doutrina em todo o mundo.” (Rogério Carvalho, em reunião via plataforma digital com a equipe técnica do IPHAN-DF, às 10h, do dia 01 de outubro de 2020).

Apesar de não constarmos documentação específica que possa contabilizar o número de mestres do Vale do Amanhecer, os indícios de crescimento do Movimento se dão justamente nos registros de Templos que ultrapassam as fronteiras da “cidade do Vale do Amanhecer” e chegam aos demais Estados do país, como também na implantação de templos em outros países.

O fato que mais nos chama atenção com relação a esse crescimento é: em nenhum momento da nossa pesquisa encontramos diretrizes, depoimentos ou até mesmo indícios de que haja, por parte dos membros e integrantes do Vale do Amanhecer, grupos que saem dos templos com o intuito de evangelizar, pregar e converter novos fiéis, como acontece de forma explícita com os missionários católicos, ou protestantes, por exemplo.

Se não existe a pregação, a evangelização e a publicização do Movimento de forma ampla e expressiva, o que leva as pessoas a integrarem o movimento? A narrativa comum entre os membros no que se refere a este ponto indica que a maioria destes chega ao movimento por conta de dificuldades em sua vida, destas que podem ser espirituais, problemas com familiares, doenças e desengano com tratamentos médicos, ou as mais variadas causas físicas, como a curiosidade, por exemplo.

Outro fator bastante característico que se refere à comunidade do Vale do Amanhecer de Planaltina – DF e que nos parece importante de ser mencionado é a insatisfação por parte de seus moradores e integrantes do Movimento com relação à falta de infraestrutura e atendimento a algumas demandas da comunidade e de seus arredores.

Nos dias de hoje, as demandas relacionadas pela comunidade se somam muitas. Algumas delas: esquecimento por parte das autoridades, com ênfase para a Administração Regional de Planaltina; urgência da implementação de uma política pública de segurança mais efetiva, capaz de designar à comunidade, por exemplo, uma companhia da polícia militar instalada em seus limites; a definição de estratégias que possam promover melhorias urbanas à área; ações políticas interessadas na ampliação das ofertas de lazer, especialmente direcionadas ao público adolescente. (INRC, 2010, p.92)

Nos atentaremos apenas a uma dessas demandas: “a falta de uma política pública de segurança mais efetiva”. O impacto da falta de policiamento e de rondas policiais no local faz com que a comunidade se sinta insegura. Tal situação é ainda mais acentuada nas áreas do Condomínio Pacheco.



O Condomínio Pacheco é o nome que compreende a Antiga Vila Pacheco, região que acabou se fundindo com a cidade do Vale do Amanhecer, dada a sua proximidade. Anteriormente, a região (que recebe esse nome porque o seu antigo proprietário era conhecido como Senhor Pacheco) estava separada por um acidente geográfico (uma depressão funda entre elevações alcantiladas), por onde corriam as águas das chuvas, conhecido como Grotão. Hoje, como afirmam os moradores da comunidade do Vale do Amanhecer: “Hoje, reforçam os moradores, ‘o Vale é tudo’” (INRC, 2010, p.91).

Sobre os arredores do Templo-Mãe e a região da Villa Pacheco, relatos dos moradores e integrantes do Movimento destacam os casos de violência, como descrito no INRC:

No que diz respeito à violência, confiam os moradores que existem locais mais perigosos, mas não deixam de citar a ocorrência de assaltos, ainda que os depoentes tenham enfatizado que todos os da comunidade se conheçam. (INRC, 2010, p.92)

Tal fato pode ser observado em matéria disponível virtualmente no Portal do Jornal Correio Braziliense<sup>49</sup>, postada em 01 de março de 2014. A matéria que traz a seguinte manchete “**Rituais no Vale do Amanhecer são cancelados após onda de crimes**” descreve a necessidade de se interromper um dos trabalhos espirituais – o Trabalho de Estrela Candente – que ocorre ao ar livre por causa das ondas de assaltos constantes na região naquele ano. Segundo a secretária Executiva do Movimento Érica Pimentel, esta foi a primeira vez que o ritual foi interrompido no local. Segue abaixo trecho da matéria:

A doutrina religiosa do Vale do Amanhecer surgiu há mais de 40 anos e se espalhou pelo mundo. Hoje, tem mais de 250 mil integrantes no DF e atrai turistas de todos os países. De acordo com Érica Pimentel, secretária executiva e moradora do local, esta é a primeira vez que os rituais serão cancelados. Em apenas três dias, tivemos 14 ocorrências de assaltos e furtos a veículos. O único posto policial instalado no Vale está fechado e o local é de difícil acesso. Por isso, o dirigente da doutrina decidiu suspender os rituais durante a semana; ressaltou. (Correio Braziliense, 2014).

As cidades satélites do Distrito Federal, assim como demais cidades do país, enfrentam uma série de problemas estruturais na distribuição de renda, e na qualidade de vida das pessoas que as habitam. Porém, o que nos chama atenção com relação aos casos

---

<sup>49</sup> Disponível em:

[https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2014/03/01/interna\\_cidadesdf.415377/rituais-no-vale-do-amanhecer-sao-cancelados-apos-onda-de-crimes.shtml](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2014/03/01/interna_cidadesdf.415377/rituais-no-vale-do-amanhecer-sao-cancelados-apos-onda-de-crimes.shtml), acessado às 21h34 do dia 04/11/2021.

de violência e falta de segurança pública na comunidade do Vale do Amanhecer é a ausência de relatos e até mesmo de registros de vandalismo, furtos ou até mesmo roubos realizados na área templária do Movimento.

Entretanto, até o momento da elaboração dessa pesquisa, não nos deparamos com nenhum relato nem mesmo registro por parte dos integrantes do Movimento de que tenha havido qualquer tipo de incidente nas áreas templárias do Templo-Mãe do Vale do Amanhecer. Muito pelo contrário, parece-nos haver um certo respeito da comunidade à obra de Tia Neiva e a sua continuidade até os dias atuais.

No caso do Vale do Amanhecer, apesar de estar presente em todos os Estado brasileiros e em outros países, e ter um número bastante significativo de membros, o que se observa é que o movimento não é amplamente divulgado e conhecido, até mesmo nos arredores de Brasília – DF, onde o Templo-Mãe tem bastante visitas. É possível identificar que o grau de desconhecimento sobre o que é o movimento e suas práticas consiste em um certo tabu. Não só ao movimento VA, mas ao reconhecimento da diversidade religiosa brasileira e a ampliação do conhecimento sobre essa diversidade vêm a favorecer a relação de tolerância e respeito entre as mais variadas expressões religiosas presentes no nosso país. Mas para que isso de fato aconteça é necessário o investimento em políticas públicas que possam garantir a efetiva ampliação da rede de compreensão da diversidade religiosa em nosso território.

Logo, a elaboração do Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) sobre o Vale do Amanhecer é um dos passos que podem ser admitidos como um dos mecanismos para que o movimento passe a ser mais conhecido, o que favorece a diminuição das formas de preconceito que estão a ele direcionadas. Nesse sentido, passaremos a formular algumas questões pertinentes à elaboração do Inventário Nacional de Referências Culturais – INRC – do Vale do Amanhecer e do seu processo de Registro enquanto Patrimônio Imaterial Brasileiro no momento seguinte.

### 2.3 O Inventário Nacional de Referências Culturais e o processo de patrimonialização do Movimento VA

Um bem cultural é entendido como patrimônio quando este possui sentidos e significados atribuídos a ele que dizem respeito a criação de referência para um determinado grupo, que se identifica com este bem, com toda a sua carga simbólica e que



tem laços significativos com essa carga simbólica. Muitos são os debates que se inserem no campo dessa temática.

Debates que se inserem no âmbito internacional, que fomentam o processo de Registro de um bem, como os evidenciados pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO, em documentos como a Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Imaterial, em 2003. A UNESCO é uma instituição que em todo o mundo se propõe a promover a identificação, catalogação, proteção e preservação do patrimônio cultural e natural considerado especialmente valioso para a humanidade.

Além de debates incitados por autores como Maria Cecília Fonseca, com seu trabalho intitulado “Para além da pedra-e-cal: por uma concepção ampla de patrimônio”, que é considerado um trabalho com referências fundamentais para as reflexões acerca da temática de patrimônio e trabalhos da autora Marcia Chuva, que evocam essa discussão para traçar um panorama da história da preservação, principalmente no Brasil.

No caso brasileiro, as políticas de Conservação e Patrimônios atuais estão contidas e são norteadas pela própria Constituição Federal da República do ano de 1988<sup>50</sup> e por resoluções específicas como a Resolução IPHAN nº 1/2006. A constituição aponta em seu artigo de número 216 quais são os patrimônios culturais a serem considerados brasileiros:

Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I – as formas de expressão;

II – os modos de criar, fazer e viver;

III – as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV – as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V – os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico. (BRASIL [CONSTITUIÇÃO], 1988)

Seguindo a lógica pré-estabelecida nos termos da Constituição em seu art.216, o Movimento Doutrinário e Religioso Vale do Amanhecer – VA figura como objeto em potencial na constituição do patrimônio cultural brasileiro, já que se refere a uma comunidade religiosa, portadora de identidade e 89atrimon do grupo de integrantes e

---

<sup>50</sup> PLANALTO, CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL DE 1988, disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm), acessado em 20/10/2021, às 18h09.

90atrimonia, que se manifestam a partir dos objetos, dos documentos, do espaço urbanístico e arquitetônico, bem como das demais expressões culturais atreladas a religiosidade praticada por seus membros.

Ainda em seu inciso primeiro, a Constituição de 1988 estabelece que: “§ 1º O Poder Público, com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação, e de outras formas de acautelamento e preservação). (BRASIL [CONSTITUIÇÃO], 1988)

Nesse caso, o órgão responsável no Brasil por promover a proteção desse patrimônio cultural, assegurar a sua permanência e usufruto para as gerações presentes e futuras, é o Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN – uma autarquia federal vinculada ao Ministério do Turismo, que responde pela preservação do Patrimônio Cultural Brasileiro. O Órgão também se responsabiliza pela salvaguarda e monitoramento dos bens culturais brasileiros inscritos na Lista do Patrimônio Mundial e na Lista o Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade.

Em resolução própria, de número 01/2006, o IPHAN<sup>51</sup> – estabelece as diretrizes necessárias e os procedimentos a serem observados para instrução dos processos Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial, que devem ser seguidos por todos aqueles requerem o registro de determinado bem e que foram seguidas no processo de Registro de Bem Imaterial – Vale do Amanhecer no protocolo de registro que analisaremos nos parágrafos que se seguem a nossa análise.

A Constituição Brasileira (1988), além de estabelecer o que de fato constitui o Patrimônio Cultural Brasileiro, também estabelece as formas de preservação desse patrimônio, sendo estes feitos em forma de: Registro, Inventário e Tombamento. Todas as formas de preservação aqui citadas são elaboradas e executadas diretamente pelo seu órgão responsável – o Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN.

De acordo com documentos produzidos pelo Departamento de Patrimônio Imaterial do Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN desde o ano de 2004 foram fomentados, ou seja, patrocinados, a execução de projetos de inventário de referências culturais em todos os Estados e no Distrito Federal – DF, que priorizaram contextos que abrigam situações de multiculturalismo urbano, comunidades indígenas

---

<sup>51</sup> Resolução disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Resolucao\\_n\\_001\\_de\\_2006.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Resolucao_n_001_de_2006.pdf), acessada em 20/10/2021, às 18h45.

afrodescendentes e quilombolas e contextos de comunidades impactadas por projetos de infraestrutura ou deslocadas devido a ações de preservação ambiental. (INRC, 2010)

Seguindo a lógica de priorização de execução desses projetos, incluído no contexto urbano de situação de multiculturalismo, no ano de 2010, foi publicado um volume do Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) sobre o Vale do Amanhecer. O livro, que foi elaborado pela Superintendência do Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN do Distrito Federal – DF, contou com a colaboração de uma ampla equipe técnica formada por pesquisadores e membros administrativos.

A publicação foi elaborada, à época, no governo do então Presidente da República Luís Inácio Lula da Silva e esteve sob a coordenação de publicação dos antropólogos Rodrigo Martins Ramassote e George Bessoni. Para elaboração da pesquisa também esteve responsável a figura do Doutor em História Marcelo Rodrigues dos Reis, que também serve como referência bibliográfica desta tese, já que o objeto de pesquisa do então pesquisador é a figura xamânica de Tia Neiva, que já explicitamos nos capítulos anteriores.

Além dos citados acima, a elaboração do inventário contou com a participação de Jairo Zelaya Leite, advogado e neto da fundadora da doutrina, Tia Neiva, e membro do movimento. Esse dado revela certa influência da família de Tia Neiva nos processos que visam legitimar o Vale do Amanhecer como patrimônio Material e Imaterial brasileiro, bem como também revela que o Inventário sofreu, assim como qualquer fonte (apesar das premissas burocráticas de sua elaboração), influências diretas e até mesmo afetivas na sua elaboração.

O livro, que conta com cerca de 280 páginas, está dividido em 6 partes: Apresentação, Introdução; 3 capítulos; Apontamentos sobre a salvaguarda do Vale do Amanhecer; Referências e Glossário. Muitas das informações e problematizações trazidas no documento se aproximam da escrita de Marcelo Rodrigues dos Reis, que também podem ser observadas na sua tese de doutorado.

Os três capítulos do inventário versam sobre a “Brasília Mística”, presente no capítulo I, que traz aspectos associados a formação cultural e religiosa de Brasília desde os aspectos místicos de sua fundação até mesmo a diversidade religiosa presente na cidade e nas suas cidades satélites. O capítulo II, por sua vez, intitulado “Vale do Amanhecer: aspectos de sua dimensão cultural” conta um pouco da história de formação do

movimento e de seus elementos culturais e religiosos. O terceiro capítulo fala sobre a trajetória pessoal de Tia Neiva, da sua vida e das dimensões associadas à implantação do Movimento, que conta com adeptos espalhados por várias partes do mundo, este capítulo intitula-se “Tia Neiva: traços de um itinerário existencial”.

No quarto momento do inventário, como já mencionado acima, são feitas algumas considerações sobre ações que podem ser tomadas no processo de salvaguarda do Movimento Vale do Amanhecer e informações pertinentes sobre o processo de feitura do inventário.

Os inventários consistem em ferramentas judiciais ou extrajudiciais que fazem levantamentos detalhados de um determinado patrimônio. No caso dos inventários culturais o IPHAN define-os como:

Instrumentos de preservação que buscam identificar as diversas manifestações culturais e bens de interesse de preservação, de natureza imaterial e material. O principal objetivo é compor um banco de dados que possibilite a valorização e salvaguarda, planejamento e pesquisa, conhecimento de potencialidades e educação patrimonial<sup>52</sup>. (IPHAN, 2021)

Ou seja, a elaboração do Inventário Nacional de Referências sobre o Vale do Amanhecer, assim como os demais inventários produzidos pela mesma entidade, tem como principais objetivos incentivar a preservação através de um rico banco de informações sobre esse movimento religioso, tomando como referência as características identitárias de determinado território, nesse caso a comunidade do Vale do Amanhecer, localizada na cidade satélite de Planaltina – DF.

Os inventários elaborados pelo Iphan se caracterizam como métodos de pesquisa que visam produzir conhecimento sobre domínios da vida social e valores de determinado grupo e constituem marcos e referências de identidade coletiva para este mesmo grupo social. Outra questão associada a essa elaboração e também levantada no próprio documento de inventário sobre o movimento é a possibilidade deste abrir espaço nas esferas públicas para ações de preservação e conservação do patrimônio.

A autora Marcia Sant’anna (2009) afirma que, no Brasil, a noção de patrimônio não está associada apenas aos edifícios e obras, mas sim a produtos de alma popular. Logo, nesse sentido, a noção levantada pela autora se aplica perfeitamente ao Vale do

---

<sup>52</sup> IPHAN Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/421>, acessado em 27/10/2021, às 18h09.

Amanhecer, que se configura como uma doutrina popular, incrementada a partir das mais variadas formas culturais. A autora afirma ainda:

Os bens culturais de natureza imaterial são dotados de uma dinâmica de desenvolvimento e transformação que não cabem nesses conceitos (de permanência e autenticidade), sendo mais importante, nesses casos, registros e documentação, do que intervenção e restauração. (Sant’anna, 2009, p.55).

O próprio inventário ao que trata das ações de salvaguarda do bem cultural Vale do Amanhece, lista as seguintes ações:

- a) formulação de material de divulgação do bem cultural direcionado a segmentos diversos, tais como imprensa, pesquisadores e visitantes (publicações impressas e eletrônicas, CDs e DVDs de divulgação, exposições etc.);
- b) ampliação da pesquisa, considerado o Distrito Federal e as demais unidades templárias do Vale do Amanhecer;
- c) confecção de plantas de seus principais marcos edificados, mediante o apoio técnico de profissionais especializados;
- d) implementação de melhorias nas instalações e na acomodação do acervo referentes ao memorial da Casa Grande;
- e) definição e efetivação de ações interessadas na guarda, no adequado acondicionamento físico, na sistematização e na conseqüente preservação, considerados seus variados suportes, dos originais que constituem o acervo da doutrina do Amanhecer, particularmente as cartas manuscritas por Tia Neiva e o farto banco de imagens indicativo da história do movimento. (INRC, 2010, p.236)

De acordo com o INRC (2010), no caso do Vale do Amanhecer, apesar da sua recente implantação e datação de apenas quatro décadas, aproximadamente, à época da elaboração do documento, ele se constitui como um espaço urbano multicultural e figura como núcleo concentrador de referências culturais diversas e, sobretudo, singulares em sua manifestação.

Nesse caso, não se descarta a possibilidade de o Vale do Amanhecer constituir um dos movimentos religiosos mais conhecidos e destacados lugares de turismo religioso do Distrito Federal – DF. Fato que também levaria a possuir uma importância significativa no contexto religioso local, bem como no contexto nacional, já que várias unidades do Vale do Amanhecer se espalham pelo território, mesmo que nesses demais templos não haja a visitação em massa como no Templo-Mãe.

As características elencadas acima possibilitam a patrimonialização do Movimento Vale do Amanhecer. Entretanto, o fato de o VA ter sido contemplado pelo Inventário, por sua vez, pode não estar diretamente relacionado à sua importância enquanto movimento religioso, mas sim a ação direta dos seus membros, e da própria família de Tia Neiva.

Sendo, pois, um instrumento jurídico, a participação de Jairo Zelaya Leite, neto de Tia Neiva, juntamente com outros familiares, pode ter dado início a esse processo de elaboração do documento, bem como do processo de registro do bem no livro de registros de bem do IPHAN, já que nesses casos o processo de Registro de Bem Material e Imaterial pode ser protocolado junto ao IPHAN por qualquer associação da sociedade civil, como é possível verificar no trecho retirado do endereço eletrônico do IPHAN na *internet*<sup>53</sup>.

Para registrar um bem cultural, o pedido pode ser apresentado por associações da sociedade civil ou por instituições governamentais, mas deve ser encaminhado à Presidência do Iphan. Assim como acontece no tombamento, o Iphan também promove a notificação para o registro do bem cultural que o protege até à decisão do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural e a homologação publicada no Diário Oficial da União (DOU). O processo termina com a inscrição do bem imaterial no Livro de Registro e a entrega do certificado à comunidade detentora do bem. (IPHAN, 2023)

Ou seja, a premissa inicial para o registro de um bem material e imaterial é a manifestação de uma associação de pessoas, nesse caso que pertençam ou não àquele bem que pleiteia o registro. No caso do Vale do Amanhecer, após esse primeiro movimento, que foi a elaboração do Volume do Inventário, a comunidade deu início a um processo que visa transformar o referido movimento em patrimônio material e imaterial do povo brasileiro e que transita no IPHAN do Distrito Federal. Para Martins (2009), Patrimônio Cultural pode ser definido como:

A expressão patrimônio cultural designa o conjunto de bens oficialmente protegidos, tangíveis e intangíveis, que participam da construção de pertencimento, das identidades, da continuidade da experiência social no âmbito dos processos de formação e transformação das nações contemporâneas e das relações internacionais. (Martins, 2009, p.281)

Entendemos aqui como Patrimônio Cultural todos os aspectos que possuem relevância histórica e cultural, seja de um país, cidade, estado ou comunidade. Nesse caso, inclui-se as formas imateriais como a sociabilidade da comunidade, a fé, as ritualísticas, todas as manifestações culturais e a culinária, por exemplo, bem como tudo que de material esse mesmo espaço geográfico produz, como a documentação, fotografias, iconografias, a arquitetura e os mais variados bens materiais que podem ser atribuídos para geração de uma identidade coletiva. Entendemos que no sentido de proteger esse

---

<sup>53</sup><http://portal.iphan.gov.br/perguntasFrequentes?pagina=3#:~:text=Para%20registrar%20um%20bem%20cultural,encaminhado%20%C3%A0%20Presid%C3%Aancia%20do%20Iphan.>

patrimônio foi levado até o Instituto de Patrimônio Histórico Artístico Nacional – do Distrito Federal a solicitação de Registro de Bem Imaterial.

Em contato com a superintendência do IPHAN do Distrito Federal, por meio do endereço eletrônico do Núcleo de Atendimento ao Cidadão ([faleconosco@iphan.gov.br](mailto:faleconosco@iphan.gov.br)), em resposta a nossa solicitação a Coordenação Técnica, nas pessoas de Ana Carolina Lessa Dantas e Vinicius Prado Januzzi, ambos da Superintendência do IPHAN no Distrito Federal, informaram que o processo de Registro do Vale do Amanhecer está em “fase de instrução administrativa” e que após reuniões com a comunidade do Vale do Amanhecer ele foi enviado ao Departamento de Patrimônio Imaterial (sob a coordenação de Rodrigo Ramassote), que participou da elaboração do INRC, no dia 16/03/2021.

Passaremos agora para alguns pontos de análise do processo de Registro de Bem Imaterial a partir dos dados de parte do processo, disponibilizado via e-mail, pelos coordenadores técnicos. Primeiramente, o processo encontra-se disponível para consulta no Sistema Eletrônico de Informações – SEI – IPHAN, no endereço: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1564>. Logo após a entrada é possível visualizar a opção de consulta e ser direcionado para a página de inserção de dados.

A pesquisa nos aponta que o processo é da natureza de Registro de Bem Imaterial, que foi protocolado pelo IPHAN do Distrito Federal na data de 22/03/2018. Anteriormente a esse protocolo a primeira documentação para registro aconteceu em 09/09/2017. O primeiro protocolo de 2017 foi encaminhado pela comunidade do Templo-Mãe, com liderança de Raul Zelaya, e meses antes da morte de seu irmão Gilberto Zelaya, também filho de Tia Neiva, que estava a cargo de uma parte dos templos à época – os templos externos –, já que anos antes haviam brigado e dividido a liderança do movimento. O segundo protocolo, que de fato dá início ao processo de registro, foi encaminhado poucos meses após a morte de Gilberto, também por parte da comunidade do Templo-Mãe e encabeçado por Raul.

A formalização do processo de registro de bem no IPHAN do Distrito Federal, entre 2017 e 2018, parece ser resultado de uma certa preocupação de parte dos membros e de Raul Zelaya, na figura de principal liderança do movimento, após a morte de seu irmão em preservar aquilo que sua mãe, Tia Neiva, havia construído.

A consulta ao processo fornecido pelo IPHAN revela cerca de 44 protocolos, entre solicitações, despachos e ofícios, no andamento do Registro de Bem Imaterial, bem como cerca de 67 registros de andamento entre processos de anexação e desanexação de

documentação e seus recebimentos. Dentro dessa variedade de documentação presente nesse relatório que tem um somatório de aproximadamente 713 páginas<sup>54</sup> e da impossibilidade de análise de todos eles, faremos uso apenas de alguns dados para nossa análise.

O ofício de abertura do processo que mencionamos, datado de 09 de setembro de 2017, elaborado pelo presidente das Obras Sociais da Ordem Espiritualista Cristã – OSOEC, mais conhecida como Templo-Mãe do Vale do Amanhecer de Planaltina – DF, o senhor Raul Oscar Zelaya Chaves, revela que o pedido de inclusão do Movimento no grupo de bens culturais imateriais já se manifestou anteriormente, na data de 05 de dezembro de 2006. Desses primeiros ofícios de pedido de registro resultaram a elaboração do Inventário, que já anteriormente mencionamos aqui, e que serve como fonte durante todo o nosso processo de pesquisa.

Já no ano de 2017, no pedido de registro novamente encaminhado, juntamente com o ofício consta como prova da vontade da comunidade em que nesse processo de registro se faça a presença de um abaixo-assinado com cerca de 120 assinaturas, e dados como o número do Registro Geral – RG/ Identidade.

Outro ofício, datado do ano de 06 de junho de 2020, solicita novamente à superintendência do IPHAN do Distrito Federal – DF a inclusão de Registro de Bem Imaterial. Neste, por sua vez, Raul Zelaya faz uso de argumentação das datações de pedido de inclusão e tramitação de processos que se dão nos anos de 2006 – Pedido de Inclusão, 2009 – Elaboração do Inventário, 2018 – Reincidência de Pedido de Inclusão como Bem Imaterial, contestando que até a data de elaboração do documento não houve resposta ao pedido, totalizando cerca de 14 anos de espera. Nas palavras do ofício emitido por Raul Oscar Zelaya<sup>55</sup>:

Em 5 de dezembro de 2006, a Doutrina do Vale do Amanhecer bem como a sua comunidade e corpo mediúnico, solicitaram providências no sentido que fosse analisada a possibilidade de reconhecimento, por este instituto, da cultura e das tradições religiosas do Vale do Amanhecer, como Patrimônio Imaterial do povo brasileiro. (...) Posteriormente em 2009, essa superintendência procedeu o Inventário Nacional de Referências Culturais – INRC – Vale do Amanhecer, publicando inclusive o resultado em Livro, produzido e editado por técnicos que compõem os vossos quadros. (...) Em 2 de fevereiro de 2018, houve uma manifestação desta Ordem solicitando o registro do Vale do Amanhecer como PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DO BRASIL

---

<sup>54</sup> Esse é o número total do documento, mas todas as partes podem ser baixadas e observadas separadamente no endereço disponível para consulta do Registro no SEI.

<sup>55</sup> (RAUL OSCAR CHAVES ZELAYA, 2020 em ofício enviado a superintendência do IPHAN do DF).



(...) Até o presente momento, não recebemos resposta ao nosso pleito, causando grande expectativa na comunidade. Gostaríamos de salientar que já são 14 anos de espera. (Zelaya, 2020)

Após este contato, a superintendência do IPHAN-DF retorna à solicitação da presidência da OSOEC o contato que foi mantido por e-mail, da ciência do encaminhamento da documentação para que seja protocolado. Após este pedido, observa-se que o andamento do processo de registro tem mais etapas cumpridas, é quando devidamente as etapas para o reconhecimento do patrimônio se fazem com maior celeridade.

Em nota técnica emitida em 08 de setembro de 2020, o IPHAN faz as seguintes considerações sobre o processo de Registro:

Consideradas as exigências da Resolução nº 1/2006, cumpre mencionar que a documentação mínima encaminhada pela comunidade do Vale do Amanhecer está de acordo com o exigido no art. 4º, referente à documentação necessária para o início do processo de registro.<sup>56</sup> (IPHAN, 2020)

Cabe destacar ainda que dentre uma das movimentações sobre o processo de Registro de Bem Imaterial – sendo este o Vale do Amanhecer – se deu em reunião por meio de ferramentas virtuais onde encontraram-se membros da Comunidade do Vale do Amanhecer de Planaltina – DF, bem como funcionários e representantes do Instituto Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, que procederam acerca das informações relevantes no processo de registro do Vale do Amanhecer como bem imaterial. Em resposta, posteriormente foram emitidas notas técnicas favoráveis ao cumprimento das ações que visam tornar o objeto Patrimônio Imaterial – inscrito no Livro dos lugares. Como afirma a nota de 16 de março de 2021:

Diante destas considerações, aprovo a Nota Técnica nº 5/2021/COTEC IPHAN-DF/IPHAN-DF (2530552), manifesto-me favoravelmente ao prosseguimento do processo de registro do Vale do Amanhecer, no livro dos Lugares, motivo pelo qual encaminho o processo para avaliação e providências deste Departamento. (IPHAN, 2021).

Após o exposto acima sobre o processo de Registro de Bem Imaterial, que foi formalizado junto aos órgãos responsáveis, nesse caso, o IPHAN do Distrito Federal – DF, pudemos observar as dificuldades encontradas por parte da comunidade e dos membros 97atrimonia do Movimento para que o processo fosse verdadeiramente reconhecido e protocolado.

---

<sup>56</sup> Nota técnica emitida pelo IPHAN- DF sobre o processo de registro de bem imaterial.

Com relação a sua inclusão nos Livros de Registro do IPHAN, o Decreto nº 3551/2000, art. 1º, § 1º, inciso IV determina: Livro de Registro dos Lugares, onde serão inscritos mercados, feiras, santuários, praças e demais espaços onde se concentram e reproduzem práticas culturais coletivas. Entretanto, uma outra discussão foi lançada em reunião com os membros do Movimento que pleiteiam o Registro do Bem Imaterial.

Em reunião no dia 01 de outubro de 2020, a qual já mencionamos aqui, os integrantes e membros da Doutrina do Amanhecer indicaram que a inscrição do Vale do Amanhecer no Livro dos Lugares não se faz suficiente, indicaram, porém, que o Registro do Movimento também se fizesse no Livro dos Celebrações.

A possibilidade de inclusão do Movimento também no Livro das Celebrações, se dá principalmente pela vivência coletiva de seus membros com os rituais praticados e pela complexidade associada a esses mesmos rituais. Tal característica se consolida a partir da definição do que constitui o Livro de Registro das Celebrações, presente no INRC, sobre o Vale do Amanhecer (2010):

Livro de Registro das Celebrações, “onde serão inscritos rituais e festas que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas de vida social”; (INRC, 2010, p 22)

Entretanto, a inclusão precisa dos bens culturais no livro característico é bastante complexa. Thiago Pereira Perpétuo – Coordenador Técnico (IPHAN-DF) mencionou, no processo de Registro de Bem do Vale do Amanhecer, o seguinte: os Livros de Registro, frisando que os bens culturais imateriais são, geralmente, complexos, o que dificulta o “encaixe” perfeito em apenas um dos Livros.

A análise que empreendemos sobre a elaboração do Inventário de Referências Culturais – Vale do Amanhecer e a consequente abertura do processo de Registro de Bem Imaterial constituem, assim, como já bem mencionamos, elementos fundamentais no que se refere a salvaguarda do movimento e da memória coletiva dos indivíduos que o integram. Nesse sentido, passamos agora a discorrer sobre o cotidiano dos mestres, as experiências doutrinárias e a identidade coletiva do movimento vistas a partir de depoimentos de seus integrantes.

### **Capítulo 3. As experiências doutrinárias dos Médiuns do Amanhecer: processo de desenvolvimento mediúnico, cotidiano e (In)tolerância religiosa, e o Vale do Amanhecer nos dias atuais**

A análise empregada ao longo do capítulo que se delinea a partir de então tem como focos centrais as experiências dos integrantes do Vale do Amanhecer, a convivência dentro do templo, a sua relação com a Doutrina, com os demais partícipes, a mudança de cotidiano e os demais aspectos que se relacionam com a prática religiosa presente no Movimento. Todo esse processo está associado a utilização das indumentárias e das insígnias, dos espaços ritualísticos, da convivência com os membros que frequentam o templo. Nesse sentido, esse capítulo traz à tona depoimentos e transcrições que remetem a vivência religiosa praticada pelos seus membros.

Ainda nesse capítulo, abordaremos as relações do Vale do Amanhecer com as demais comunidades religiosas, e as relações de tolerância e intolerância religiosa vivenciadas pelos seus membros, bem como o sentimento de pertencimento e de identidade coletiva que está associado aos praticantes da doutrina.

Para a composição desse capítulo, assim como nos demais capítulos que já se seguiram na discussão desse trabalho, utilizaremos das mais variadas fontes e bibliografias, as quais algumas estão dispostas em livros do acervo do próprio movimento doutrinário, assim como também o Inventário Nacional de Referências Culturais do ano de 2010, elaborado como parte do processo de registro de Patrimônio no Instituto de Patrimônio Histórico Nacional – IPHAN.

A partir da História Oral como fonte podemos analisar depoimentos dos integrantes da Doutrina que retratam um pouco do seu cotidiano e as suas experiências enquanto membros efetivos do Movimento, que tanto estão disponíveis em alguns jornais como o Correio Braziliense e o Diário de Pernambuco, portais no meio virtual, e até mesmo nas bibliografias que já citamos como embasamento bibliográfico para composição da tese. Há também a possibilidade de análise de algumas falas em documentários que têm como temática o Vale do Amanhecer e que foram veiculados em emissoras de TV abertas e canais fechados e estão disponíveis na internet.

Passaremos, nesse momento de análise, a tratar das experiências doutrinárias do Médiun integrante da Doutrina do Amanhecer a partir do seu cotidiano e das estratégias que o integrante passa a estabelecer para tornar a doutrina parte de sua vida.

### 3.1 A chegada ao universo do Vale do Amanhecer e as experiências doutrinárias

As experiências doutrinárias que cercam toda a composição da doutrina do Vale do Amanhecer são inicialmente estabelecidas a partir da visitação (despretensiosa) a um Templo do movimento, seja ele o Templo-Mãe, no caso da região próxima ao Distrito Federal, ou nos Templos do Vale do Amanhecer espalhados por todos os estados brasileiros ou até mesmo em templos fora do Brasil.

Essa visitação inicial, que aqui nomeio de despretensiosa, acontece, como observamos em alguns relatos, a partir do convite de um membro do Vale do Amanhecer, sem estabelecimento de maiores compromissos. É importante observar que, como já bem mencionamos, não percebemos a existência dentro do Vale do Amanhecer de um movimento de conversão de novos fiéis, como pode ser observado a partir das missões que são estabelecidas em outros movimentos religiosos.

Logo, observando esse dado, a visita no Vale do Amanhecer por parte de um não integrante acontece, como mencionamos, pelo convite de um membro, essa que muitas vezes é motivada principalmente pela curiosidade do não membro em conhecer o que é o movimento e tudo que nele se ritualiza.

Outro dado, ainda mais relevante no que se refere a visitação de não membros ao Vale do Amanhecer, está contida na narrativa coletiva dos Mestres, que vez ou outra, quando questionados sobre a sua própria chegada ao Movimento disparam: “Quem não chega ao Vale do Amanhecer pelo amor, chega pela dor”. Em muitos casos, durante as visitas ao movimento, realizadas durante a pesquisa de campo, que foi etapa essencial na elaboração dessa análise, foi possível observar os partícipes repetirem mais ou menos ao mesmo modo essa concepção.

A ida a um Templo do Vale do Amanhecer de um visitante que possivelmente pode vir a se tornar um partícipe é caracterizada pela busca da resolução de problemas geralmente associados a dores físicas ou a cura espiritual de doenças, ou até por problemas familiares, financeiros, problemas relativos à mediunidade. Conforme nos deparamos em depoimento dado a Morais (2016), no qual ele menciona ser de uma jovem de vinte e cinco anos, com escolaridade média e com renda mensal de um salário mínimo, sem identificação nominal:

Eu vim pra o Vale do Amanhecer mais pela dor, cheguei aqui pela dor, eu via coisas dentro de casa, meio que incorporava dentro de casa, e era meia perturbada, então eu conheci uma amiga que me trouxe até aqui, e aí eu fiquei participando como paciente e vi que era onde eu precisava ficar e tô até hoje,

faz quatro anos. Graças a Deus tudo mudou na minha vida depois que eu vim pra cá, tipo... minha estabilidade familiar mudou porque minha mãe era meia... não sei... acho que ela tinha era medo, raiva, não sei, então tipo assim, eles tão vendo a minha melhora, então graças a Deus tudo tá mudando, eu tô conquistando as coisas que eu quero, antes era meio uma viravolta na minha vida e agora tá meio que estabilizando... Eu me sinto totalmente realizada exercendo a minha religião, bem fisicamente e espiritualmente, graças a Deus me sinto ótima. (Morais, 2016, p. 43)

Esse aspecto relacionado à chegada dos membros e dos pacientes, em grande medida a partir dos problemas citados acima, principalmente ao que se refere aos problemas de mediunidade, também pode ser observado no trabalho de Santos (2017), no depoimento do Mestre Chagas, conforme trecho transcrito abaixo:

Bem o motivo foi(...) é (...)problema meu mesmo, né. Eu a partir dos 12 anos passei a ter muitos problemas e de um certo tempo pra cá, passou a me prejudicar bastante, até que um dia surgiu a namorada o meu filho, que faz parte da igreja do Vale do Amanhecer, me chamou, me convidou e eu fui até lá no primeiro domingo, terminando os trabalhos eu falei com a direção, e no outro domingo eu retornei e já comecei a fazer os testes indicados. (Chagas, 2017)

Como já mencionamos, essa narrativa é bastante comum entre os membros do movimento. Nesse sentido, um questionamento nos parece pertinente: Tia Neiva estaria certa ao afirmar que as pessoas estavam ligadas a uma vida anterior, ou a um passado transcendental ou a um Carma?

Longe de responder tal questão, o fato é que são muitos os relatos que nos induzem a esse tipo de discurso coletivo: há sempre um doente sem cura, um desacreditado da medicina que encontra no Vale do Amanhecer alívio para a sua dor física; há sempre uma pessoa que manifesta a sua mediunidade, mas não sabe lidar com ela, e que ao chegar ao Vale do Amanhecer passa a desenvolvê-la. Parece-nos equivocado e longe das pretensões desse trabalho questionar a fé de seus participantes. O que para nós é um ponto essencial está em torno da repetição desse discurso entre seus membros.

A repetição de parte dos membros sobre a capacidade mediúnica também pode ser entendida pelos estudos já mencionados na página 33, do professor de Alexander Moreira de Almeida, da USP, em sua Tese de Doutorado, que atribui a capacidade mediúnica dos indivíduos a partir da influência de contextos socioculturais, nesse caso ao ambiente espírita. Para ele, o ambiente espírita fornece um contexto social no qual estas experiências são aceitas e valorizadas, tornando mais fácil o ato de tornar públicas tais vivências. (Almeida, 2004, p.37)

Nesse sentido, o discurso coletivo que se relaciona ao desenvolvimento da mediunidade também está associado à popularização do movimento e o seu crescimento em números no passar dos anos, apesar do caráter não proselitista, ou seja, apesar dos integrantes não tentarem converter de fato os visitantes ao movimento, o que se observa é que os templos são sempre movimentados, cheios, com uma grande circulação de membros e não membros e como resultado parte desses visitantes se tornam Mestres ativos posteriormente.

Ainda no que diz respeito às visitas, elas que são gratuitas, feitas sem muitas exigências e recomendações. A maioria dos templos funcionam apenas aos fins de semana, outros em mais dias, com a composição de mais mestres e de mais rituais a serem realizados, outros, como no caso do Templo-Mãe de Planaltina, têm atendimentos todos os dias. Mas, como esses templos conseguem manter suas portas abertas todos esses dias? Como é possível fazer atendimento a tanta gente nos casos dos templos maiores? Como os integrantes do movimento adaptam as suas rotinas para participar dos rituais, ou até mesmo realizar as suas preces em horários diversos durante o dia? A que os mestres e pacientes precisam renunciar para integrar ao movimento? Existe preconceito com quem se diz da Doutrina do Amanhecer? Esses e outros questionamentos são algumas das análises que tentaremos abordar nesse capítulo.

Para visitar um Templo do Vale do Amanhecer são feitas ao 'paciente' algumas poucas recomendações para que ele possa ir ao templo e participar dos rituais. Dentre as recomendações mais frequentes e que se repetem na maior parte dos templos é o de não usar roupas curtas ou decotadas no momento de participação nos trabalhos. Outra recomendação que se faz para quem participa como visitante é a restrição ao uso de bebida alcoólica com no mínimo 24 horas antecedentes à ida ao templo. A imagem abaixo consiste em um quadro com essas recomendações aos pacientes. É bastante comum que estes avisos estejam dentro e nas áreas em torno dos templos, ou até mesmo nas postagens das páginas de rede social de cada templo.

Figura 27 - Placa que contém algumas recomendações de como os pacientes devem se vestir dentro do templo. Recomendações deixadas por tia Neiva.



Fonte: acervo próprio.

No caso dos visitantes, as recomendações após passar nos rituais é de levar água fluidificada, que em analogia simples é uma “água benta”, com propriedades curativas, mas isso acontece de acordo com o atendimento individualizado que é dado a cada visitante. Em casos que precisam de um cuidado espiritual maior, os visitantes são convidados a ir ao templo mais vezes, fazer uma espécie de tratamento espiritual, mas não se exige a obrigatoriedade da realização dele.

No caso dos mestres, as recomendações são um pouco mais precisas. A doutrina afeta um pouco mais a sua vida, a forma como o mestre se porta no mundo extra Vale do Amanhecer a partir de sua entrada no movimento se modifica a partir de suas ações, que se caracteriza como sendo a sua conduta doutrinária, algo que nos deteremos a falar um pouco mais adiante. Resgatando a recomendação feita aos visitantes quanto ao uso de bebidas alcoólicas, essa se estende aos seus membros e integrantes, nesse caso, muito mais como um cumprimento de uma obrigação. Não é comum, apesar do livre arbítrio do mestre, fazer parte da “conduta doutrinária” a ingestão de bebidas alcólicas. Raul Zelaya explana o seguinte: “A única proibição do Vale é a bebida alcólica.” (Memória da Reunião com o IPHAN do Distrito Federal – DF no dia 13 de novembro de 2020) Essa proibição/recomendação, feita desde o princípio da doutrina, quando ainda estava sobre a direção de Tia Neiva, se faz no sentido de o médium não prejudicar a sua mediunidade, de manter a qualidade de seu padrão vibratório e de sua conduta doutrinária.

Como mencionado algumas vezes ao longo do trabalho (mas sem o aprofundamento necessário), para ser membro ativo do Vale do Amanhecer, a pessoa que se dispõe a se tornar integrante precisa passar por um processo de iniciação, que inicialmente consiste em uma preparação para que se descubra a mediunidade que o membro possui.

Conforme descreve Oliveira (2011):

É durante esse processo de instrução, que o tipo de mediunidade é descoberta, ainda que não acarrete nenhuma relação estática, como já demonstramos. Findo este processo o médium é *emplacado*, passando a portar a sua indumentária ritualística bem como se utilizando sua fita, sempre amarela e roxa, ostentando o símbolo do tipo de sua mediunidade, sendo o símbolo do doutrinador, uma cruz negra envolta de um tecido branco, e do *apará* um livro aberto. Também passam a utilizar uma plaqueta, que no caso do *apará* possui o nome da entidade responsável pelo seu desenvolvimento, e no caso do doutrinador indicará a princesa doutrinária que o acompanhará na vida religiosa e secular. (Oliveira, 2011, p.96)

A fita que o mestre utiliza desde momentos antes ao seu “emplacamento” e que continua a utilizar durante toda a sua vida doutrinária, se constitui como a primeira arma do uniforme do médium, composta nas cores roxa e amarela. No imaginário da doutrina o roxo significa a cura e o amarelo a sabedoria.

Figura 28 - Da esquerda para a direita fita do *apará* e fita do doutrinador.



Fonte: REIS, 2008, p.116.

A primeira indumentária utilizada pelo recém-chegado integrante desde o momento de seu desenvolvimento mediúnico consiste, para os homens, em calça preta, e camisa marrom, juntamente com a fita. Para as mulheres, um vestido na cor branca, juntamente com a fita, ambas as indumentárias em modelo próprio atribuído e confeccionado de acordo com as instruções do movimento.



Abaixo segue imagem que corresponde a essa indumentária:

Figura 29 - Roupa dos médiuns no processo de desenvolvimento e iniciação no Vale do Amanhecer.



Fonte: (Santos, 2019 p.86), disponível em:

<http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/bitstream/riufcg/10629/1/JESSICA%20KALINE%20EIRA%20ANTOS%20DISSERTA%20c3%87%20c3%83%20%28PPGH%29%202019.pdf> acessado em 16/12/2021 às 08h15.

Depois dessa preparação, ou seja, do desenvolvimento mediúnico, o adepto é iniciado de fato na doutrina a partir de um ritual chamado de “Iniciação Dharman-Oxinto”. Segundo o INRC, esse ritual consiste no seguinte:

Ritual de Consagração que simboliza o ingresso do médium na Doutrina do Amanhecer. É o 1º passo iniciático do adepto, marcando o início da sua jornada espiritual como um Jaguar. Ocorre após o Emplacamento e as instruções específicas da Iniciação. Dharman-Oxinto significa “a caminho de Deus”. (INRC, 2010, p.266)

Após o ritual de Iniciação Dharman-Oxinto, o mestre está habilitado a participar dos rituais como membro ativo da doutrina, a partir de então ele recebe uma “placa” que é sempre mantida no peito quando ele está dentro do espaço do templo, e que simboliza a presença dos seus mentores, com o nome de Seu Preto Velho ou sua Preta Velha. Passado algum tempo, o mestre que inicia no Vale do Amanhecer participa do ritual de “Elevação de Espadas”, que simboliza o segundo passo iniciático dentro da doutrina do Amanhecer:

Ritual de Consagração equivalente ao 2º passo iniciático do médium e desenvolvimento. Após ser consagrado, ele se torna um **Mestre** (grifo nosso), ingressando no mestrado do Amanhecer, tornando-se apto a participar da Estrela Candente e dos trabalhos de Prisão. (INRC, 2010, p.261)

Os rituais conferem graus de elevação na evolução doutrinária dos mestres. Com a “Elevação de Espadas”, a indumentária do Mestre passa agora a ser para os homens a calça marrom e a camisa preta e para as mulheres a camisa preta e a saia marrom,

juntamente com as demais insígnias que ele passará a carregar no corpo/roupa durante a realização dos trabalhos. Essa indumentária é comumente chamada de “Roupa do Jaguar”. A junção desses simbolismos confere ao mestre nesse momento de desenvolvimento dentro da doutrina certos níveis hierárquicos e de responsabilidades.

Para o uso da Indumentária, por sua vez, a explicação de suas cores e de seu formato, até mesmo de seu uso específico é explicada pelos adeptos da seguinte forma: a cor marrom da calça/saia significa a ligação do Vale do Amanhecer com São Francisco de Assis, simbolizando, em grande medida, a simplicidade. A camisa com as mangas dobradas na altura dos antebraços.

Figura 30 - Roupa dos médiuns centuriões.  
Indumentária do Mestre do Vale do Amanhecer após a Elevação de Espadas.



Fonte: Santos, 2019, p.86, disponível em:  
<http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/bitstream/riufcg/10629/1/JESSICA%20KALINE%20SANTOS%20%20DISSERTA%C3%87%C3%83%20%28PPGH%29%202019.pdf>, acessado em 16/12/2021 às 08h15.

É importante destacar que a habilitação de uso de mais uma indumentária consiste em mais um grau evolutivo na doutrina. Em uma analogia muito simples, a conferência desses novos símbolos associados aos rituais pelos quais os indivíduos se disponibilizam a se submeter, nos parecem aproximar de ritos de passagem nesse grau de uma certa hierarquia que o mestre confere ao longo do seu desenvolvimento.

Após os rituais de Iniciação Darman-Oxinto e o Ritual de Elevação de e Espadas, o mestre está habilitado a realizar quase todos os rituais pelo qual um mestre do Vale do Amanhecer pode participar. Logo depois, ainda no sentido de preparar o indivíduo dentro da doutrina, é feito uma espécie de curso, chamado “Curso de Centúria”, no qual são transmitidos aos mestres alguns ensinamentos norteados pelas cartas de Tia Neiva, e pelos manuais da doutrina. Esse curso, por sua vez, tem como objetivo nortear o mestre sobre

aspectos inerentes à doutrina, à mediunidade e aos preceitos que norteiam o movimento e que o preparam para o ritual de Centúria.

Classificação do Médiun na Doutrina, correspondente ao 3º passo iniciático. O médiun centurião é considerado apto para resolver qualquer problema espiritual, dado o seu conhecimento da vida fora da matéria. Nas palavras de Tia Neiva é um médiun que vale por cem (INRC, 2010, p. 257)

Como trecho acima, o ritual de Centúria habilita o mestre a participar e resolver qualquer problema espiritual. Esses correspondem aos três passos principais para que o membro ativo do Vale do Amanhecer passe a realizar qualquer trabalho espiritual dentro do movimento. Esses rituais são feitos por todos aqueles mestres, sendo homens ou mulheres, que queiram integrar o movimento. Em grande medida esses rituais são realizados em templos iniciáticos, de 2º e 3º estágio, aqueles com maior número de membros ativos e com cabedal espiritual para a realização desses trabalhos.

A Centúria completa o ciclo de conhecimentos do Jaguar, tornando-o apto a exercer a sua mediunidade com segurança. Com o conteúdo das cartas de Tia Neiva, principalmente entre 1977 a 1979, formou-se a estrutura dos cursos de Centúria, e aquele acervo, especialmente as Cartas Abertas, tornou-se fonte permanente de instrução e consulta para os médiuns centuriões. (Oliveira, 2011, p.99)

Esses são os três principais passos para quem integra a Doutrina do Amanhecer. Outras “classificações” ainda podem ser adquiridas e realizadas pelos mestres, mas, em grande medida, é a partir do ritual de Centúria que o Mestre é um integrante que pode participar ativamente dos rituais realizados na doutrina.

### 3.2 O pertencer à doutrina: adaptações possíveis de um cotidiano ritualístico

Toda a prática ritualística dos membros do Vale do Amanhecer ultrapassa os limites da estrutura templária. O mestre que decide, por sua vez, se tornar um médiun do Vale do Amanhecer, recebe em todos os processos de desenvolvimento uma série de recomendações a serem cumpridas com relação a sua vida a partir de então.

Não é obrigatório que cada um dos integrantes pratique tais recomendações pelo princípio de Livre Arbítrio, que é pregado e ensinado na doutrina. Entretanto, nos parece que faz parte da identidade coletiva fomentada a partir das práticas de seus partícipes que cada um dos membros passe cada vez mais a modificar um pouco do seu comportamento por se sentirem integrantes da Doutrina. O que caracteriza uma prática bastante comum aos membros de qualquer grupo religioso.

Pentecostais e Neopentecostais espalhados por todos os continentes, por exemplo, também assumem uma nova postura ao passarem a integrar o grupo religioso que escolheu. No caso da Igreja Universal do Reino de Deus também são relatados casos de melhora na vida física e material ou até mesmo a cura de enfermidades e vícios.

Em seus testemunhos de vida, durante os cultos, os pastores declaram ter sido “libertos” de vícios e de entidades demoníacas, curados de enfermidades físicas e emocionais, ter abandonado outras Igrejas ou suas vidas “mundanas”, dissolutas. Seus testemunhos são utilizados para ilustrar e exemplificar durante os cultos, os seus exemplos de vida e de transformação e libertação após terem ingressados na IURD.

(Alencar, 2020, p.104)

Após a entrada do médium na doutrina e no universo do Vale do Amanhecer, com os ensinamentos adquiridos no Curso de Desenvolvimento, e no decorrer de sua prática religiosa, e com o convívio com os demais membros da doutrina, os membros passam a integrar no seu cotidiano e na sua rotina tal conhecimento adquirido, as preces passam a ser realizadas no decorrer do dia mesmo que o mestre não esteja dentro do templo.

Assim como os outros elementos que permeiam a estética simbólica do Vale do Amanhecer, as preces também foram adaptadas e criadas por Tia Neiva, levando em consideração elementos que estão presentes em outras expressões religiosas. Um exemplo claro do processo de Híbridação presente nas preces está na adaptação do Pai Nosso cristão, utilizado no catolicismo e em boa parte das igrejas protestantes, e que no Vale do Amanhecer apresenta em algumas partes frases distintas da forma comumente propagada.

O pai nosso católico, que tomamos para o exemplo dessa análise, se constitui da seguinte forma:

Pai Nosso que estais nos Céus, santificado seja o vosso Nome, venha a nós o vosso Reino, seja feita a vossa vontade, assim na terra como no Céu. O pão nosso de cada dia nos dai hoje, perdoai-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido, e não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do Mal. (<https://www.vaticannews.va/pt/108atrimo/pai-nosso.html>, acessado em 09/05/2023, às 10h24).

O Pai nosso do Vale do Amanhecer, por sua vez, se apresenta como falamos acima, com algumas adaptações, entre elas podemos observar a presença de elementos ligados a ideia de existência de planos espirituais distintos como a partícula “Como nos círculos espirituais”:

Pai nosso que estás no céu e em toda parte, santificado seja o teu santo nome. Venha a nós o teu reino, seja feita a tua vontade assim na terra como nos **círculos espirituais**. O pão nosso de cada dia, dai-nos hoje, senhor, perdoa as nossas dividas, **se nós perdoarmos aos nossos devedores**. Não nos deixeis

cair em tentação e livra-nos do mal, **porque só em ti brilha a luz eterna, a luz do reino, da glória e do poder por todos os séculos sem fim! Salve Deus!** (<http://valedoamanhecerpe.blogspot.com/2016/11/pai-nosso-prece-universal.html>, acessado em 09/05/2023, às 10h09, grifos nossos)

Ainda constituem aspectos que denotam uma mistura entre os elementos, ou seja, hibridação entre as preces do catolicismo e as particularidades presentes nas preces do Vale do Amanhecer, o trecho “perdoarmos os nossos devedores”, que remonta uma ideia de dívida decorrente da noção de Carma, que é um dos preceitos dogmáticos fundamentais do Vale do Amanhecer.

A aproximação entre esses elementos pode ser entendida como uma estratégia de Tia Neiva para, de certa forma, conquistar fiéis cristãos e afastar a ideia do Vale do Amanhecer ser um culto ligado às origens de matriz africana na sua totalidade. Tal estratégia poderia, até mesmo, funcionar como forma de atenuar o preconceito do qual o movimento poderia ser alvo, se em sua composição houvesse a reprodução e a exaltação de elementos do cristianismo.

Para além das preces, entendemos todo esse conjunto de práticas realizadas fora do escopo templário como o que para Certeau são caracterizadas da seguinte forma: “As práticas cotidianas estão na dependência de um grande conjunto, difícil de delimitar e que a título provisório, pode ser designado como o de procedimentos.” (Certeau, 1998, p.109).

Ou seja, nesse “grande conjunto”, as preces, que podem ser realizadas de forma individual ou coletiva, quando o mestre está integrando os rituais dentro do templo, tem como principais funções estabelecer conexões entre o médium e os planos espirituais, entre elas está o Pai Nosso, por exemplo.

As recomendações feitas aos integrantes, que já citamos anteriormente, são chamadas pelos integrantes do VA de “Conduta Doutrinária”, uma espécie de conduta moral que não obrigatoriamente deve ser seguida, mas que é recomendada para que haja a prosperidade do campo espiritual, que de alguma forma, se reflete na vida pessoal e na vida financeira do médium.

A “conduta doutrinária” para os adeptos do movimento consiste, basicamente, em equilibrar a sua vida, controlar a sua personalidade, e seguir e aplicar os ensinamentos que recebeu também na sua vida fora do templo, na sua casa, na sociedade. Em trecho retirado do endereço eletrônico <http://jcmarinho.no.comunidades.net/conduta-doutrinaria>, em informativo criado pelo Vale do Amanhecer de Propriá-SE, consta o seguinte sobre a conduta doutrinária:

A Conduta Doutrinária é realmente todo o conjunto da vida da pessoa, em relação a uma Doutrina que é completa e que é perfeita. Isso que é preciso entender, e eu tive essa oportunidade de responder a essa pergunta ao pessoal de um Templo, que me fizeram essa pergunta dividida em várias perguntas, e eu vi que havia muita confusão. Conduta Doutrinária não é só marchar direitinho, ter o Uniforme, feito um Soldado, mas é conduzir sua vida de acordo com uma Doutrina que existe, certo?

E uma Doutrina que ensina, inclusive dentro da Doutrina e da própria Conduta Doutrinária, a não corrigir ninguém, não olhar o comportamento dos outros, mas olhar o seu comportamento, não olhar o cisco que está no olho do seu irmão, e não enxergar o pau que está no seu olho, a tora que está no seu olho, isso é Conduta Doutrinária. Conduta Doutrinária é que ensina você a diferença que há entre Amor e Desamor, você sabe perfeitamente o que é Amor, porque a Doutrina te ensina com toda clareza.<sup>57</sup> (Marinho, 2019)

Mário Sassi descreve a Conduta Doutrinária como sendo o mecanismo que leva os médiuns ao seu progresso espiritual, sendo esta atribuída, segundo ele, a todo o conjunto das práticas realizadas na vida do mestre e do integrante da doutrina, não é, pois, a busca da perfeição como ele mesmo afirma. Ainda para se referir à Conduta Doutrinária, Mário Sassi, em trecho reproduzido no INRC, afirma:

Somente dentro da conduta doutrinária, trabalhando na Lei do Auxílio, com amor, tolerância e humildade, poderemos corresponder e estar sempre à disposição dessa força grandiosa dos Arcanos, que nos ditarão seus planos na medida do nosso progresso espiritual” (INRC, 2010 p.252).

Ou seja, para os adeptos, a Conduta Doutrinária permeia a vida, o cotidiano e as ações praticadas pelos membros, desde o seu ingresso na doutrina até a sua saída, desde a sua vida dentro de casa e a sua ida ao templo.

Entendemos o que os adeptos chamam de Conduta Doutrinária não como parte isolada da vida do membro do movimento. Nesse caso, não existe uma distinção entre o que seria uma vida religiosa e outra secular, na verdade, ambas fazem referência a uma espécie de sistema de vida completo que está contido na afirmação da conduta doutrinária.

Para os membros, a conduta consiste em aplicar a “Lei do Amor e do Auxílio”, em fazer a caridade, em se comportar racionalmente, em conduzir uma vida que a partir das ações traga paz e prosperidade. Podemos observar mais claramente em depoimento constante no trabalho de Moraes (2016) um exemplo prático de como funciona a questão da Conduta Doutrinária para os mestres:

Mudou meu casamento melhorou muito porque meu marido deixou de mentir...o relacionamento da gente é como se a gente todo dia tivesse se casado, essa doutrina mexeu muito com o meu casamento porque meu marido era evangélico mas me traía, meu marido era católico mas me traía, e essa daqui

<sup>57</sup> Disponível em: <http://jcmarinho.no.comunidades.net/conduta-doutrinaria>, acessado em 01/06/2019.

ele não pode, não pode de forma alguma porque essa doutrina ela requer muito conduta da pessoa, se você não tiver conduta você se tora e todo mundo vê, então isso que me deixou também em paz né, porque a gente tem um casamento sólido, a gente quer ser amigo quer ser companheiro né, a traição eu não aceito, então eu acho que isso foi bom mudou a minha vida (Morais, 2016, p.47)

Nesse caso exposto acima, a doutrina mudou a estrutura do casamento da depoente, quando a partir do ingresso do casal no movimento doutrinário, o marido passa a se “policar” e a ser fiel à sua esposa. Entende-se a partir desse relato a preocupação em conduzir a sua vida da forma mais correta possível, a pena de ficar sob julgo de quem vê. A “Conduta Doutrinária” afeta a vida cotidiana dos adeptos do Vale do Amanhecer e contida dentro do panorama do que é a conduta está a realização das preces e a participação nos trabalhos espirituais.

No início do acervo doutrinário, com documentos recolhidos pelo Mestre Caldeira, nos deparamos com o que está descrito da seguinte forma: “o Relógio do meu Sol Interior”, onde Tia Neiva fala da reação do corpo dos médiuns e os horários do dia. Conforme documento consta:

**06 horas:** Às 06 horas da manhã começa o nosso relógio. Se quisermos ter ou viver, firmes com as nossas vibrações, saiba que as 06 horas da manhã, teremos que nos levantar da cama, mesmo que seja por dois minutos para reunirmos os três reinos de nossa natureza e voltar a alma ao corpo, sem qualquer prejuízo do sistema nervoso. Não importa se volte a dormir.

**09 horas:** as 09 horas da manhã precisamos de cuidados. Sim, é um horário, é um horário significativo, às forças que estão dentro de nós, estamos expostos a qualquer tipo de negócio, bom ou ruim.

**09 às 10 horas:** Horário Inicial Evangélico, bom para acertos sentimentais. Horário dos encontros Amorosos, negócios e tudo sob a energia do Prana que, nesse horário já emitiu os seus fluidos, por todo o Universo.

**11 às 12 horas:** este é um período Neutro.

**14 as 16 horas:** Este é um período para qualquer negócio, no campo sentimental, emocional, nos negócios nas profissões. Sim, é um período governado pelo planeta Marte. Note-se bem, desprende-se uma Amancê, e distribui os seus fluídos, deixando a terra bem harmonizada.

**19 as 21 horas:** é um período normal, não tem contratemplos. É bom para amores e negócios, família, enfim as coisas de suas realizações. Coisas de suas realizações que estão em sua harmonia. (Neiva *apud* Caldeira, SD)

Figura 31 - Recomendações de Tia Neiva sobre os horários de prece.

RELÓGIO DO MEU SOL INTERIOR

SALVE DEUS!

Meu Filho Jozuar, quando dormimos, os três reinos de nossa natureza, na totalidade, ficam para atender às exigências do corpo. De vez em quando a nossa alma sai a vagarear e, conforme a sua mediunidade, chega mesmo a demorar-se fora do corpo. Passa, vai e adquire ilustrações, muitas vezes em busca da cura do próprio corpo físico.

Então, vamos seguir o relógio do nosso Sol Interior :

06 horas

Às 06 horas da manhã começa o nosso relógio. Se quisermos ter ou viver firmes com as nossas vibrações, saiba que às 06 horas da manhã, teremos que nos levantar da cama, mesmo que seja por dois minutos para reunirmos os três reinos de nossa natureza e voltar a alma ao corpo, sem qualquer prejuízo do sistema nervoso. Não importa se o mesmo volte a dormir.

09 horas

Às 09 horas da manhã precisamos de cuidados. Sim, é um horário significativo. As forças que estão dentro de nós. Estamos expostos a qualquer tipo de negócios, bons ou maus.

Maus, porque pedimos e não é impossível e dificilmente sabemos o que pedimos.

Retífico: - Sim, porque a força pode nos oferecer o que precisamos. É uma força manipulada que penetra em nosso Sol Interior e que se faz vida, pensamentos, inteligência. É a força Universal. É a Força Absoluta de Deus Pai Todo Poderoso. É a realização do Plano, forças reunidas dos três reinos de nossa natureza; Força que realiza nosso Sol Interior.

Precisamos de muita cautela, precisamos de muito amor.

Digo, o que está dentro de nós, o que temos fora do dentro do nosso Sol interior. Sendo ou não Iniciados, o horário da vida é um só.

Digo, período das 06 às 09 horas, porque se não temos alguém em nossa vigília, corremos o perigo dos pedidos e das doenças. Muita gente consiste as suas vibrações no ódio, eis o perigo.

09 às 10 horas

Horário Iniciático Evangélico, bom para acordos sentimentais. Horário dos encontros amorosos, negócios e, tudo sob a energia do Plano que, neste horário já emitiu os seus eflúvios por todo este Universo.

*Tia Neiva*

Fonte: acervo doutrinário do Mestre Caldeira, p.0001.

Observa-se que Tia Neiva dá indícios dos horários apropriados para a realização de negócios e até mesmo indicando características do emocional e sentimental. A escolha desses horários se deu pois eles indicam, em grande medida, os horários das preces realizadas pelos integrantes.

Sobre as preces, muitas são as que os membros realizam no decorrer dos rituais, bem como fora deles. Durante o seu cotidiano, no decorrer do dia, são realizadas em horários precisos, indicados por Tia Neiva nos manuais, e que são numerosamente replicados através dos portais, das mensagens dos presidentes, do próprio mestrado. Em informação contida no endereço eletrônico



<https://valedoamanhecporto.blogspot.com/2011/10/prece-das-12h-15h-20h.html>,

datado de 10 de outubro de 2011, os mestres efetuam uma prece às 12h, às 15h e às 20h. Ou seja, muitos dos integrantes, nesses horários, estão no ambiente de trabalho ou em horário de aula, por exemplo. O que revela certa estratégia em integrar essa prática ao cotidiano.

Prece das 12h, 15h e 20h: Em três momentos, durante o dia – as 12, as 15 e às 20 horas – entramos em sintonia com o Oraculo de Simiromba. É a hora do Jaguar, nas quais trabalhamos para nós mesmos, emitindo o que o plexo físico gera. Onde estiver, o jaguar mentaliza o que quiser, o que precisar. A energia gerada naquele instante, alcança aquela pessoa mentalizada, e é elevada aos Himalaias. A prece: “O Senhor teu seu templo em meu íntimo! Nenhum poder é demasiado ao poder dinâmico do meu espírito, o amor e a chama branca da vida reside em mim! Salve Deus!” é uma chave. Pode dependendo do momento, ser complementada por outra prece. Mas é preciso que se faça com muito amor.<sup>58</sup>(AMANHECER, 2011)

Como o trecho acima menciona, onde o “jaguar”, o membro do Amanhecero estiver, ele emite a prece. Tanto nesse exemplo, quando no exemplo descrito através dos direcionamentos de Tia Neiva com relação aos horários do dia, percebemos como se faz necessário o ajuste da rotina por parte do integrante para que faça a prática ritual.

Naquilo que para Certeau são os procedimentos, em grande medida, e que dependem de um grande conjunto de ações e situações, nesse caso, a dependência desses procedimentos se dá a partir das recomendações de Tia Neiva, e até mesmo da reprodução “em massa” por parte dos adeptos desses mesmos costumes. “As práticas cotidianas estão na dependência de um grande conjunto, difícil de delimitar e que a título provisório, pode ser designado com o dos procedimentos. São esquemas de operações e manipulações técnicas.” (Certeau, 1990, p.109)

Ainda no que se refere às preces, e até mesmo na linguagem do grupo, identificamos que existe uma certa adequação de termos que são próprios do movimento e que só são utilizados pelos membros e partícipes ou até mesmo por algum visitante que já está habituado com a ida ao movimento. É comum, por exemplo, que nas emissões de cada médium ou mesmo nas chaves de abertura dos trabalhos encontramos termos que são utilizados apenas na doutrina e têm um significado muito próprio, atribuído ao mundo ritualístico que é construído a partir das práticas de seus membros.

---

<sup>58</sup> Acessado em 01/05/2019, disponível em: <https://valedoamanhecporto.blogspot.com/2011/10/prece-das-12h-15h-20h.html> de 10 de outubro de 2011.

Conceitua-se como Emissão o conjunto de chaves ritualísticas que expressam a classificação de cada médium, que são recebidas no decorrer de seu desenvolvimento doutrinário. Estas, por sua vez, têm como objetivo estabelecer conexões entre os médiuns e os planos espirituais. Em depoimento proferido em reunião com o IPHAN – DF, Rogério Carvalho, membro do Vale do Amanhecer, destaca: “há um linguajar próprio do Vale, usado apenas ali (ex: “barra-barra”, “barra-zero-barra”) e que tem uma função de comunicação com os planos espirituais.” (Memória da Reunião com o IPHAN do Distrito Federal – DF no dia 13 de novembro de 2020)

Rogério, que nesse momento se refere a parte da Emissão de um membro do Vale Amanhecer, destaca o uso desse tipo de linguagem que é comumente utilizado nas emissões, que são, muitas das vezes, proferidas nos rituais do movimento e até mesmo dentro de seus horários de preces, que já mencionamos aqui anteriormente. Nas palavras de Tia Neiva, expressas no Inventário Nacional de Referências Culturais: “onde está contido o “-0-” (lê-se “barra zero barra”), significa “Atenção! Estou a postos com todas as armas e estou consciente” (INRC, 2010, p.158).

No livro de Leis e chaves Ritualísticas do Vale do Amanhecer tanto na 3ª edição, que nos parece ter sido elaborada no ano de 1977, como na sua edição mais recente, do ano de 1999, constam algumas das práticas ritualísticas ensinadas por Tia Neiva aos membros, é uma espécie de manual de como os trabalhos e rituais devem ser conduzidos. Segundo descrito consta, pois, um exemplo da aplicação do uso da linguagem própria utilizada no movimento “Ilumina Meus Olhos, Minha Boca E Meus Ouvidos, Com **-0-0-X//**, Em Teu Santo Nome, A Ti Jesus Querido. Salve Deus!” (Neiva, 1977, s.n).

Ainda ao que se refere às práticas que são admitidas cotidianamente na vida dos mestres e membros da doutrina, assinala-se a ida aos templos. Estas se fazem, principalmente, nos fins de semana, contudo, existem alguns rituais que se realizam na doutrina em dias da semana, eventualmente, nos templos menores, e nos templos de porte maior, trabalhos que se realizam todos os dias.

A exemplo estão os trabalhos de “Benção de Pai Seta Branca”, estabelecidos para serem feitos no primeiro domingo de cada mês, bem como a “Benção do Adjunto”, trabalho no qual, no caso do Templo-Mãe, é feita a incorporação de Pai Seta Branca e nos templos externos, o Ministro de cada templo. No caso desses trabalhos e dos demais trabalhos, é possível que os médiuns sejam escalados, devendo cumprir com a sua escala, adaptando a qualquer outro compromisso que venha a ter nesse dia. Outros rituais, como

o trabalho de “Angical<sup>59</sup>”, realizado apenas uma vez por mês, com horário para abertura entre 21h30/22h e para encerramento entre às 00h/01h. Assim, os mestres se preparam antecipadamente para a participação, visto que além de ser realizado apenas um dia durante o mês, ele adentra pela madrugada, fazendo com que os mestres se organizem para o retorno às suas residências.

Além desses rituais, os rituais iniciáticos geralmente também seguem a mesma lógica, pois, como mencionado brevemente no capítulo anterior, nem todos os templos do Vale do Amanhecer são templos iniciáticos, ou seja, autorizados a realizar os rituais de iniciação dos mestres. Nesse sentido, quando esses rituais estão marcados para acontecer, vários templos de menor porte levam os seus mestres no início do processo de ingresso na doutrina para fazer a realização de suas iniciações.

Um outro caso bem característico diz respeito ao ritual de Estrela Candente, Quadrante e Anodização, que são realizados nas edificações do Lago da Estrela Candente, da Pirâmide, da Cachoeira do Jaguar, da Cabala de Delfos, edificações que compõem o “Solar dos Médiuns”, como observa-se, apenas templos de terceiro estágio possuem essas edificações. Principalmente porque essas edificações precisam de um grande espaço para serem construídas.

Figura 32 - Ritual de estrela candente.



Fonte: Oliveira, 2013, p.10.

---

<sup>59</sup> De acordo com o Livro de Leis do Vale do Amanhecer: “O nome Angical deriva de um arraial que existia no sul da Bahia, primeiramente chamado Abóboras, neste arraial, e redondezas, no período compreendido pelo Brasil império, milhares de espíritos(...) encarnaram provocando grandes desatinos, consequentemente gerando tristes carmas, haja visto os inúmeros dramas envolvidos no palco da Vida escrava...” 1999, p.69.

Nesse sentido, é comum que os “jaguares” dos templos menores adaptem as suas rotinas para participarem desses rituais, ou até mesmo saiam em caravana para realização deles. Como descrito em Oliveira (2011):

Este ritual marca-se por ser o mais elaborado, dentre os existentes do VDA, também é conhecido, entre os adeptos, pelo fato de que manipula, a maior quantia de energia. Em termos práticos, sua realização demanda uma grande quantia de médiuns, cerca de cem, para um atendimento limitado de pacientes, no máximo doze. Além do mais, os médiuns precisam estar organizados em pares, formando duplas de doutrinador e um apará, preferencialmente homens e mulheres, aparentemente. Destaca-se ainda a necessidade da construção de um lago artificial no formato de uma estrela de seis pontas, delimitado externamente, e marcado por inúmeros leitos ao longo das pontas da estrela, nos quais os médiuns permanecem posicionados durante o ritual. Fora do templo-mãe, este ritual ocorre apenas em Olinda e em São Lourenço da Mata, o que leva a ocorrência de caravanas de médiuns, que se deslocam de diversos templos do nordeste, apenas para a realização do trabalho de Estrela Candente. (Oliveira, 2011, p. 107-108)

Aqui nos recordamos de quando Tia Neiva também saiu em Caravana para realizar o ritual de Estrela Candente na cidade do Prado, na Bahia, no ano de 1978. Semelhante ao que Tia Neiva já fazia, os mestres passam a se deslocar para outros templos com o objetivo de desenvolver as suas atividades mediúnicas que, de alguma forma, também se refletem na vida pessoal de cada médium.

Também no Dia do Doutrinador, comemorado em 1º de Maio, é comum que os templos de 3º estágio ou até mesmo o Templo-Mãe receba muitos visitantes de outros templos menores em muitas caravanas que se deslocam para fazer seus trabalhos espirituais:

No dia 1º de maio, Dia do Trabalhador, comemora-se o Dia do Doutrinador no Vale do Amanhecer. Nesta data, ao nascer do sol, é realizada a celebração máxima da Doutrina, onde comparece todo o corpo mediúnico, inclusive caravanas de adeptos oriundos dos Templos-Externos. (INRC, 2010, p.261)

O dia 01 de maio é um dia bastante importante para o movimento, comemorado desde a implantação do Templo por Tia Neiva, recebendo, principalmente no Templo-Mãe, turistas, visitantes e até mesmo jornalistas que fazem a cobertura desse dia que congrega muitos mestres e ninfas do Amanhecer em suas atividades doutrinárias. Abaixo podemos observar uma fotografia que retrata parte da celebração do Dia do Doutrinador.

Figura 35- Celebração do Dia do Doutrinador.



Fonte: apud INRC, 2010, p.133.

É, pois, um jogo de adaptação do cotidiano ao que se ritualiza dentro e fora do templo, analogamente ao que Certeau (1990) afirma:

As estratégias são, portanto, ações que, graças ao postulado de um lugar de poder (a propriedade de um próprio), elaboram lugares teóricos (sistemas e discursos totalizantes) capazes de articular um conjunto de lugares físicos onde as forças se distribuem. (...) Privilegiam portanto, as relações espaciais. (Certeau, 1990, p.102)

Para fazer com que os rituais tenham maior expressividade, principalmente os realizados em dias e horários com mais dificuldade de acesso e retorno para as residências, uma das estratégias utilizadas pelos administradores dos templos é a compra de um transporte próprio, que faz a rota para os templos, em horários específicos, visto que a maioria dos templos se localizam na zona rural das cidades onde estão implantadas. Outro tipo de estratégia utilizada são as caronas colaborativas entre membros e não membros, principalmente no que se refere ao retorno das atividades ritualísticas, na volta para suas residências.

É muito comum que nas residências dos médiuns sejam elaborados o que para os integrantes são chamados de Aledás, que se constituem em pequenos altares montados em espaços dentro de suas casas, onde os mestres podem se concentrar para o momento da realização de suas preces “Na residência do médium, o Aledá corresponde a um altar e se revela um ponto de concentração e prece, onde o jaguar manipula as energias que dispõe” (INRC, 2010, p. 253). Ainda o INRC acerca do Aledá afirma:

Mestres e ninfas, por exemplo, nomeiam Aledá o espaço reservado em suas casas responsável por concentrar seus artefatos e motivos doutrinários: tal qual um Vale do Amanhecer em escala reduzida, presentificado na residência dos adeptos. (INRC, 2010, p.122)

O *Aledá* é composto pela representação imagética/pictórica dos mentores do Amanhecer, que o mestre tem mais afinidade, ou até mesmo dos próprios mentores individuais deles. Podemos comparar analogicamente o *Aledá*, que é reproduzido nas residências dos mestres, com os Oratórios dos membros do catolicismo, que também reproduzem as representações imagéticas dos Santos, e Anjos e da figura de Jesus, como exemplificaremos abaixo. Contudo, o *Aledá* também está presente na umbanda e no candomblé, principalmente como forma de se conhecer o (Ori = em Yorubá significa Guardião Ancestral) Orixá de Cabeça.

Figura 33 - Oratório católico.  
Oratórios em exposição na mostra, em Tiradentes.



Fonte: Cíntia Paes/G1, disponível em: <http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2013/08/mostra-de-oratorios-lembra-tradicao-religiosa-de-minas-em-tiradentes.html>

Figura 34 - Aledá do Vale do Amanhecer.



Fonte: disponível em: <http://ministroabazo.blogspot.com/2013/12/aleda-tia-neiva.html>

Com a implantação do Aledá, a casa do mestre passa a ter um pequeno espaço que simboliza a presença daquilo que ritualiza no templo dentro de sua casa. Nesse lugar o membro pratica a prece em ritual doméstico, assim como realizam também essa mesma prática partícipes de outras religiões, como é o caso dos católicos, que também realizam essa prática, como analisado por Tavares (2013):

Normalmente o espaço reservado para o culto doméstico é o oratório presentes nas casas. O oratório doméstico ou em algumas vezes uma pequena capela, é o local de devoção da família. Ali as pessoas realizam a forma mais simples de culto aos santos que é a oferta de um dom. Esse dom pode ser uma coisa – enfeites ou velas – ou um dom simbólico como a oração. O oratório ou a capelinha são adornados em prol do santo ou dos santos. Ali o dom é colocado na forma de estampas coloridas, enfeites, fotografias e onde são acesas as velas na intenção de louvor ao santo ou no momento da oração. (Tavares, 2013, p.38)

Nesse sentido, a aproximação da forma como o participante do Vale do Amanhecer leva a sua religiosidade para sua residência, em comparação com a mesma prática realizada pelos católicos é entendida como um processo de Híbridação, descrito por Canclini (1997). Nesse caso em específico, a aproximação com o catolicismo se dá pelo fato de Tia Neiva ter sido criada em ambiente católico durante boa parte de sua vida. Aqui, no entanto, o significado da prática se assemelha ao que é reproduzido não só no catolicismo, mas também em outras religiões. É, pois, uma forma de aproximação com a fé ritualizada dentro dos templos.

Nesse caso, a Híbridação trazida na implantação do Aledá, que se assemelha ao oratório parece-nos constituir uma forma que a idealizadora do movimento, Tia Neiva, encontrou de manter a aproximação da prática religiosa que é ritualizada no Vale do



Amanhecer aos seus antigos costumes católicos. O que, de alguma forma, pode ter auxiliado membros ex-católicos a permanecerem e se sentirem mais confortáveis nesse processo de conversão ao movimento.

O *Aledá* também faz parte da composição do espaço templário, está presente no interior dos templos, onde são realizados alguns rituais, consistindo na parte posterior da Pira. Representa um local que, como acreditam os integrantes, dispõe de uma grande concentração de energia, onde estão contidas as representações dos mentores.

Localizado no Templo, é a parte posterior da Pira. Ali são entregues as forças da Estrela Candente, e as do Quadrante, e é onde Pai Seta Branca incorpora para dar sua benção mensal. Ali também se posiciona o comandante do trabalho de Leito Magnético. No *Aledá* se fazem consagrações tais como a Elevação de Espadas e de Centúria, assim como os Casamentos. O cortejo da Cruz do Caminho por ali passa, onde a divina é coberta com véu e recebe as atacas. (INRC, 2010, p. 253)

Ou seja, a integração do *Aledá* dentro da residência do médium, corresponde a uma adaptação nos seus costumes na utilização do espaço da sua casa. Tornando um pedaço de sua residência em um ambiente aproximado ao que é encontrado no templo e pode ser utilizado para a prática das preces, na súplica de benções aos seus mentores, e na representação física por meio visual da presença de seus mentores.

Passaremos agora para outro ponto que nos chama bastante atenção: o cotidiano dos Mestres se modifica a partir da sua vivência doutrinária dentro do Vale do Amanhecer e se estabelece também na vida dos filhos dos médiuns. As crianças filhas dos médiuns, que desde muito cedo também frequentam os templos juntamente com seus pais, passam também por um processo de adaptação de sua vida. Nesse sentido, a prática não é estabelecida a partir das escolhas das crianças, mas sim de seus pais.

Não é do nosso interesse fazer nenhum juízo de valor com relação a esse aspecto. Até porque tal prática acontece nas mais variadas formas de celebração da fé, como, por exemplo, no catolicismo, protestantismo, no espiritismo, dentre outros. Também em outras formas de religiosidade existem espaços destinados à evangelização de crianças e de catequese, no caso do catolicismo, por exemplo. O que nos interessa nessa análise, no entanto, é perceber como a simbologia e como as práticas ritualizadas no movimento influenciam de alguma forma a vida das crianças que também frequentam o movimento.

Nesse sentido, o Pequeno Pajé é o espaço destinado às crianças no Vale do Amanhecer, tratando-se de uma atividade voltada para as crianças, principalmente os



filhos dos médiuns que integram o movimento. Nele acontecem brincadeiras, momentos lúdicos e contação de histórias.

Sobre o Pequeno Pajé é comum que seja propagada entre os membros a narrativa de que o momento não se direciona à evangelização e a conversão dessas crianças ao movimento. O Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) sobre o Vale do Amanhecer ao que trata do trabalho destinado às crianças também sinaliza nesse sentido:

**PEQUENO PAJÉ.** Trabalho composto de atividades recreativas e evangélicas para as crianças, que aprendem e se divertem sem comprometimento mediúnico ou doutrinário. Ocorre nas manhãs de domingo, na Cabana do Pequeno Pajé, na Área do Templo. (INRC, 2010, p.269)

Para participação no Pequeno Pajé as crianças podem vir a utilizar uma indumentária específica, que para os meninos consiste na calça preta e a camisa branca aos moldes da indumentária utilizada pelos adultos no seu processo de desenvolvimento inicial, e para as meninas, o vestido branco também utilizado pelas médiuns mulheres no seu período de desenvolvimento inicial (vide figura da roupa do médium iniciante). Ambas as indumentárias são acompanhadas pela Fita do Pequeno Pajé.

Figura 35 - Fita do pequeno pajé.



Fonte: INRC, 2010, p.269.

Ou seja, as crianças no Vale do Amanhecer apesar de participarem do Pequeno Pajé e até mesmo de outras atividades dentro do movimento doutrinário, inclusive como pacientes, não podem desenvolver as suas capacidades mediúnicas antes dos 12 anos de idade. Logo após os 12 anos as crianças podem ingressar ao Grupo de Jovens. Entretanto, antes dessa idade, principalmente filhos de mestres e ninfas do movimento, estão em

alguns casos autorizadas a participar de alguns rituais específicos, respeitando os horários permitidos para a sua circulação acompanhados de seus responsáveis.

Muitas dessas crianças, mesmo não podendo desenvolver sua mediunidade até os 12 anos de idade, como já bem mencionamos, podem participar de alguns rituais específicos, inclusive podem até mesmo fazer uso das indumentárias de Falanges Missionárias (Nityamas, Gregas, Mayas, Príncipes Mayas e Magos).

As Falanges Missionárias do Vale do Amanhecer constituem grupos de médiuns do Movimento, sejam eles Mestres e Ninfas, que por possuírem um passado transcendental em comum, utilizam das mesmas indumentárias que os identifique – as falanges missionárias trazidas por Tia Neiva têm como principal função atuar na condução de rituais específicos.

Observa-se, pois, que as falanges missionárias no Vale do Amanhecer constituem uma visão diferente da associada a outras religiões de matriz africana, como é o caso da Umbanda e da Jurema, por exemplo.

Na umbanda, falange significa um conjunto de espíritos que exercem influência em outros espíritos de sua faixa vibratória. De acordo com Cristiane Amaral de Barros (2006):

Falange na umbanda significaria o conjunto de espíritos “que exercem influência dentro de uma mesma linha”. Ou de um mesmo grupo, que possuem afinidades em termos vibratórios ou, ainda, quanto à sua origem, se considerados seres humanos desencarnados. As linhas seriam faixas vibratórias na Umbanda. Cada linha corresponde a um elemento da Natureza e é simbolizada por um orixá específico, que exerce a função de chefia dos espíritos que atuam nessa mesma “faixa vibratória”. (Barros, 2006, p.18)

Ou seja, as falanges na Umbanda estão associadas apenas aos espíritos que atuam na mesma faixa vibratória e que exercem influência nesse mesmo grupo de espíritos. Reginaldo Prandi (1996) nomeia falange como orixás personificados e sincretizados com os santos católicos que são reverenciados nos rituais umbandistas e pouco participam nos trabalhos:

Assim estão do lado “direito” os orixás, sincretizados com os santos católicos, e que ocupam no panteão o posto de chefes de linhas e de falange que são reverenciados, mas que pouco ou nada participam do “trabalho” da umbanda, isto é, da intervenção mágica no mundo dos homens para a solução de todos os seus problemas, que é o objetivo primeiro da umbanda enquanto religião ritual. Ainda do lado do “bem” estão o caboclo (que representa a origem brasileira autêntica, o antepassado indígena) e o preto-velho (símbolo da raiz africana e marca do passado escravista e de uma vida de sofrimentos e purgação de pecados). (Prandi, 1996, p.140)

No caso das falanges missionárias do Vale do Amanhecer, os agrupamentos simbolizam muito mais a sua história remota que dão noção de pertencimento aos indivíduos que decidem integrar tal falange do que a influência da intervenção mágica, como nomeia Reginaldo Prandi (1996), dos espíritos ligados a elas.

As Falanges Missionárias, ao todo, somam-se em 22. Para as mulheres, o número total de falanges é 20 e cada Ninfa escolhe apenas uma a qual integrará. Estas que podem ser divididas em Sol e Lua. As ninfas Sol representam a força energética atribuída ao doutrinador, ou seja, o médium que não incorpora. Já as ninfas Lua representam a força energética do Apará, ou seja, são as médiuns que têm a capacidade de incorporação. São elas:

. Quadro 1. Falanges doutrinárias femininas.

<b>Falanges Missionárias para Mulheres</b>	<b>Características</b>
Nytiamas	Responsáveis pela organização das filas, fazem as côrtes em rituais, fazem Côrte para a abertura do Oráculo e Cruz do Caminho (espaços rituais dispostos dentro do templo), atendem os trabalhos realizados no Turigano, na Estrela Sublimação, Tronos, ornamentam o Templo onde estiverem, conduzindo a beleza nos trajes e no seu porte no Templo. As Nityamas são responsáveis, também, pelas aulas do Pequeno Pajé. Trabalho destinado às crianças. <sup>60</sup>
Samaritanas	Fazem referência às mulheres de Samaria, aquelas que na passagem descrita na Bíblia dão de beber a Jesus. No Vale do Amanhecer são responsáveis pela distribuição de água aos pacientes.
Gregas	As gregas simbolizam a Grécia e o seu povo, herança transcendental a qual se faz referência no Vale do amanhecer. Nos rituais elas participam das côrtes para abertura dos trabalhos e são responsáveis pela abertura dos portões e oráculos.
Mayas	Representam o povo Maia e estão associadas ao passado transcendental do Vale do Amanhecer.

<sup>60</sup> Disponível em: <http://lucenodoamanhecer.comunidades.net/nityamas>.

Yuricys	A sua história está relacionada a história de Pítia (uma das reencarnações de Tia Neiva, em seu passado transcendental). Seu nome significa flor do campo. <sup>61</sup> As Yuricys são as mestres responsáveis pela recepção. Ou seja, o cuidado com os pacientes e com os membros é feito pelas yuricys, como o encaminhamento aos rituais.
Muruaicys	As muruaicys têm como funções específicas abrir e fechar os portões das Cabalas e dos Sandays, e permanecem nos locais de honra e guarda. Também são essenciais nos rituais de casamento. <sup>62</sup>
Dharman-Oxintos	Simbolizam a ligação com o Egito antigo. São responsáveis pelos rituais de iniciação dos mestres e pelo acolhimento de novos membros.
Arianas	São responsáveis pelos trabalhos iniciáticos e pela Cruz do Caminho.
Jaçanãs	Juntamente com as Darman-Oxinto são escaladas para os trabalhos de iniciação. <sup>63</sup>
Franciscanas	Seu nome faz menção à São Francisco de Assis. No passado transcendental sua história remonta o tempo das Clarissas (1182). Trabalhos específicos das falanges de Franciscanas: Cura; Oráculo de Pai Seta Branca; Cruz do Caminho; <sup>64</sup>
Ciganas Aganaras/Taganas	As ciganas aganaras representam o espírito nômade, o Jaguar. As ciganas taganas são necessárias ao trabalho de Prisão, onde acontece uma espécie de julgamento espiritual dos médiuns que participam dele. Mas também integram as côrtes e outros trabalhos espirituais. <sup>65</sup>
	As madalenas têm como função a participação nos trabalhos de Turigano e Casamentos, entretanto podem

<sup>61</sup> Disponível em: <http://lucenodoamanhecer.comunidades.net/jacana> acessado às 16h25 de 19/06/2022.

<sup>62</sup> Disponível em: <http://templogalero.blogspot.com/2011/12/falange-missionaria-muruaiicy.html>, acessado às 00h06 de 22/06/2022.

<sup>63</sup> Disponível em: <http://lucenodoamanhecer.comunidades.net/jacana> acessado às 17h18 de 19/06/2022

<sup>64</sup> Informações sobre as franciscanas disponíveis em: <https://docplayer.com.br/106917926-Franciscanas-missionarias-dos-templos-do-amanhecer.html> acessado às 17h28 de 19/06/2022

<sup>65</sup> Informações disponíveis em: <http://lucenodoamanhecer.comunidades.net/cigana-tagana> Acessado em: 19/06/2022 às 17h35.

Madalenas	ser solicitadas pelos mestres comandantes para participar de vários outros trabalhos, tais como: Cruz do Caminho; Abatá da Missionária; Leito Magnético; Estrela Sublimação; Estrela da Missionária.
Tupinambás	As Tupinambás são responsáveis pelos trabalhos sociais, as crianças desamparadas, aos pacientes que chegavam bêbados e aos drogados.
Rochanas	Sua história remonta os tempos da Grécia Antiga. Estão presentes nos rituais de Estrela de Nerhu, a Estrela Sublimação <sup>66</sup>
Cayçaras	A Falange das Cayçaras tem missão específica no trabalho de Estrela. Na Indumentária existe uma miniatura da Estrela Candente.
Agulhas Ismênicas	Seu trabalho é o ritual de estrela de sublimação. <sup>67</sup>
Madalenas	As madalenas estão associadas aos rituais de Abatá, Turigano, e Casamentos, sua história remonta a Idade Média.
Narayamas	A presença das Narayamas é de grande necessidade nas consagrações, nos Sandays e nos rituais de Leito Magnético, Imantração e Estrela de Nerú. <sup>68</sup>
Niatras	Têm função específica na Estrela Sublimação, também se fazem presentes no trabalho de Turigano e de leito Magnético.
Aponaras	A Falange de Aponaras é composta pelas Ninfas Coordenadoras / Escravas dos Adjuntos, o que deu a essas Ninfas a condição de Coordenadoras de todas as demais falanges nos Templos do Amanhecer

Já para os homens são duas as falanges aos quais os membros podem pertencer:

Quadro 2. Falanges doutrinárias masculinas.

<b>Falanges Missionárias para homens</b>	<b>Características</b>
Príncipes Mayas	Representam o conhecimento e a ciência e o passado transcendental do povo Maia. No Vale do Amanhecer

<sup>66</sup> Disponível em: <http://valedoamanhecerbrasil.blogspot.com/2009/09/falange-missionaria-rochana.html> acessado em 19/06/2022, às 17h57.

<sup>67</sup> Disponível em: <https://www.raydoamanhecer.com.br/multimedia-archive/agulha-ismenia/> acessado às 18h04 de 19/06/2022.

<sup>68</sup> <https://valedosdeuses.com.br/Apostilas/todasasfalanges.pdf>

	estão presentes nos rituais de casamento, quadrante, na benção de Pai Seta Branca, como também são responsáveis pelo trabalho do Pequeno Pajé. <sup>69</sup>
Magos	Simbolizam a força mediúnica. São responsáveis por fazer corte na maioria dos rituais. (Chama da vida comandante da estrela e quadrante. Recepção da escalada, Trabalho de Turigano, Julgamento, Aramê, Abatá, Alabá, Côrte do quadrante, Anodização, Consagração de Cavaleiro.) <sup>70</sup>

Como observado no quadro acima, as falanges missionárias são responsáveis por trabalhos específicos, que de alguma forma denotam a divisão de tarefas existentes entre os rituais, o que colabora para a boa manutenção e funcionamento deles. Mesmo com a divisão, existem outros trabalhos que os integrantes podem trabalhar sem o uso da indumentária. Elas, no entanto, não se constituem classificações fixas, ou estanques. Ou seja, os integrantes podem fazer a mudança delas.

Abaixo podemos observar a composição das indumentárias utilizadas por algumas dessas falanges missionárias. Nelas é possível identificar as simbologias, insígnias e representações presentes no imaginário do Vale do Amanhecer:

<sup>69</sup> Disponível em: <https://salvedeus.com.br/?p=253>

<sup>70</sup> Informação sobre os magos disponível em: <https://acervoespíritualista.blogspot.com/2015/08/manual-dos-magos.html>, acessado em: 19/06/2022, às 17h29.

Figura 39 - Falange das gregas.



Fonte: disponível em: <http://valedoamanheceringlaterra.blogspot.com/2013/04/falange-das-gregas.html>,  
acessado em 16/12/2021, às 11h45

Figura 40 - Falange das muruaicys.



Fonte: disponível em: <https://aspirantevalelasaro.no.comunidades.net/as-falanges-de-missionarias-os2>,  
acessado em 16/12/2021, às 11h45.



Figura 41 - Falange das samaritanas.



Fonte: disponível: <https://aspirantevalelasaro.no.comunidades.net/as-falanges-de-missionarias-os2>,  
acessado em 16/12/2021, às 11h45.

Figura 42 - Falange dos príncipes mayas.



Fonte: disponível em: <http://valedoamanheceringlaterra.blogspot.com/2013/04/falange-dos-principes-mayas.html>,  
acessado em 16/12/2021, às 11h43.



Figura 43 - Falange dos magos.



Fonte: disponível em: <http://valedoamanheceringlaterra.blogspot.com/2013/04/falange-dos-principes-mayas.html>, acessado em 16/12/2021, às 11h43.

No que diz respeito às indumentárias, sejam elas das Falanges Missionárias ou até mesmo da Roupa de Trabalho (marrom e preta) ou a indumentária geralmente utilizada no processo de desenvolvimento mediúnico, essas, diferentemente do Aledá – que podem ser reproduzidos dentro das residências dos médiuns –, são na maioria dos casos utilizadas apenas nos rituais que se fazem dentro dos templos ou nas suas áreas externas ou próximas da área do templo.

Cabe destacar aqui, que no Templo-Mãe localizado em Planaltina, no Distrito Federal, como a comunidade do Vale do Amanhecer tem parte de suas ruas consagradas, o cenário é um pouco mais característico, é possível identificar o uso das indumentárias por parte dos mestres em algumas outras atividades, como na ida ao supermercado ou padaria, entre o horário de um ritual e outro, ou a circulação do mestre entre a sua casa e o templo também nos intervalos entre os rituais. Isso se dá principalmente porque alguns rituais acontecem em várias sessões durante o dia e o integrante que reside nas proximidades do Templo-Mãe escalado para aquele dia de trabalho e que precisa passar o dia inteiro com a indumentária, acaba adaptando a sua rotina ao uso dos adereços e insígnias.

Outro ponto importante a ser considerado sobre as indumentárias são as suas formas de aquisição. As indumentárias que são utilizadas pelos membros são adquiridas com seus próprios recursos financeiros. Desde a indumentária e a fita no início de desenvolvimento mediúnico, passando pela Indumentária de Jaguar e as indumentárias de Falanges Missionárias. Ainda também é possível identificar que alguns mestres utilizam semi joias/joias com representações de mentores e até mesmo com símbolos da Doutrina.

Para além da identidade coletiva formada a partir do uso das indumentárias sempre muito coloridas e cheias de detalhes e desses adereços, o uso das semi joias e joias com motivos doutrinários estão associadas a proteção espiritual de quem os carrega e até mesmo impacta na autoestima do mestre. A própria Tia Neiva, em vários momentos em que se deixou ser fotografada e gravada, sempre fazia uso de suas joias e das suas indumentárias. O que de alguma forma revela para nós um desejo de aproximação dos membros do Vale do Amanhecer com a figura de Neiva.

Figura 44 - Pingente com a imagem de Tia Neiva.



Fonte: disponível em: <https://joiasdoamanhecer.com.br/produto/pingente-mandala-tia-neiva-prata/>, acessado em: 16/12/2021, às 15h05.

Ao longo desse trabalho pudemos observar o quanto a vida do médium do Vale do Amanhecer é permeada com a simbologia, as preces, as insígnias. A mudança no cotidiano daquele que integra o Vale do Amanhecer mesmo que de forma tímida faz-se perceber seja na forma como ele se comporta, ou como usa seus adereços ou como ele ritualiza a própria fé. É o que passaremos a analisar na seção que se segue.

### 3.3 O sentimento por trás da mediunidade: aspectos possíveis do pertencer ao movimento e a relação dos integrantes com as demais religiões

Passaremos, nesse momento, a analisar como se dão as relações entre os membros do movimento, como estes concebem o sentimento de pertencimento ao movimento e até mesmo como se dão as relações entre os membros do Vale do Amanhecer com a sociedade na qual estão inseridos, bem como como são as trocas religiosas existentes nesse processo de interação social.

Apesar da sua relevância enquanto Movimento Religioso que cresce com o passar dos anos em números de Templos e de adeptos em várias partes do mundo, como também da relevância adquirida com o pleito de se tornar patrimônio material e imaterial brasileiro, ou mesmo pela relevância turística que assumiu tanto nos arredores de Brasília como em outros Estados, o Vale do Amanhecer ainda figura como “desconhecido”, ou até mesmo com pouca visibilidade. O que, de certa forma, por causa desse desconhecimento, é alvo de preconceito por parte de alguns intolerantes religiosos. Trataremos aqui também um pouco desse tema.

No sentido de examinar um pouco das relações de pertencimento e de construção de uma identidade em torno das práticas relacionadas à vida doutrinária, traremos aqui alguns exemplos disponíveis nas fontes que nos propomos analisar, que aqui se fazem por meio da metodologia da história oral, através de entrevistas que foram utilizados em outros de nossos trabalhos como na dissertação intitulada “Simbologias, rituais e representações: expressões do movimento doutrinário e religioso Vale do Amanhecer na Paraíba – 1980 a 2015”, do ano de 2019. Como também entrevistas disponíveis em outras pesquisas nas mais variadas ciências que constam como referência bibliográfica de nosso trabalho.

Também nos propomos a analisar algumas falas de integrantes do Vale do Amanhecer que estão disponíveis em meios virtuais (na internet) em blogs e jornais, por exemplo, e que para nós constituem em fontes bastante consistentes nesse momento de análise. Bem como retomaremos aqui nesse capítulo alguns assuntos que já foram brevemente explanados na composição dos capítulos anteriores.

Em outros momentos do texto fizemos breves menções ao sentimento de pertencimento que os integrantes revelam possuir por serem membros do Vale do Amanhecer, a doutrina deixada por Tia Neiva, que prega a Humildade, a Tolerância e o

Amor. É possível identificar esse sentimento de pertencimento através dos depoimentos de seus integrantes.

É comum – conforme já mencionamos – que os mestres do Vale do Amanhecer em seus depoimentos sempre falem das suas chegadas ao movimento e de como a sua vida, anteriormente conturbada, passa, a partir do seu ingresso, a tomar rumos que estão associados à prosperidade, e a melhora da vida espiritual e física, por exemplo. Em conformidade com essa narrativa podemos encontrar na pesquisa desenvolvida por Oliveira (2008) o caso de um casal de Mestres do Vale do Amanhecer que teve experiências positivas no que se refere a melhora de doença que o filho possuía, melhora essa que o casal atribui ao Movimento. Sobre a chegada deles ao movimento Oliveira (2008) afirma:

Na busca por respostas as problemáticas familiares o casal Fátima e José Carlos encontram, aparentemente, soluções temporárias para seus problemas. Segundo Fátima, durante um período de 4 meses, seu filho não sofreu com ataques epiléticos. Este teria sido o período mais longo que o menino passou sem crises. Segundo Fátima na época, ela e seu marido já estavam encontravam desesperançosos de encontrar uma possível “cura” para seu filho, quando numa viagem à Brasília, um amigo do casal os levou ao templo do Vale do Amanhecer. (Oliveira, 2008, p. 48)

Em ocasião, com a “cura” espiritual de seu filho após alguns meses frequentando o Vale do Amanhecer, o casal enseja implantar um templo na região de Campina Grande-PB, mas para isso precisavam ser iniciados e desenvolvidos na doutrina. Assim, foram iniciados no Templo de João Pessoa, considerado o primeiro templo da Paraíba. O templo de Campina Grande – PB, por sua vez, é o segundo templo mais antigo do Estado, sendo implantado pelo casal no ano de 1995. Dado importante a ser destacado é que no ano de 2021, no momento da elaboração desse trabalho, o Estado da Paraíba tem aproximadamente 19 templos do Vale do Amanhecer em cidades como Massaranduba, Patos, Itaporanga e Baía da Traição, por exemplo.

Retomando a análise estabelecida a partir dos depoimentos, indicamos agora o depoimento de Mestre Selmo, que em entrevista a Moraes (2016), relata um pouco da sua trajetória de vida e chegada ao Vale do Amanhecer por causa de uma doença que o acometeu, e que sem resposta para cura, acreditando ser um problema espiritual é convidado para conhecer o Vale do Amanhecer (em Bayeux), tendo supostamente, a partir de então, respostas para as questões que o afligiam.

Em um determinado momento de sua vida, Selmo foi acometido por uma doença que os médicos não sabiam qual a sua origem nem diagnosticar ao certo do que se tratava, pois ele mesmo depois de ter feito todos os exames

requisitados, os resultados eram sempre normais, e mesmo assim, ele continuava com a doença, chegou a perder vinte e dois quilos em dois meses, então desesperado e achando que iria morrer, recebeu um convite para conhecer o Vale do Amanhecer e disseram-lhe que o seu problema era espiritual. Na época ele não sabia nada sobre o Vale, mas diante da situação que enfrentava decidiu ir. (Morais, 2016, p. 39)

Com a chegada, o alívio para suas dores físicas e espirituais, e a melhora nos seus problemas, após o processo de entrada na doutrina adquiriu experiência e em cerca de três anos ele se torna presidente. Junto com ele, a figura de sua mulher, que também entrou para integrar o movimento e o auxiliou no processo de implantação do templo na cidade.

A chegada dos pacientes pela dor física ou espiritual, ou por qualquer tipo de problema que não se pode resolver, sendo o Vale um refúgio, uma tentativa de melhoria nesses aspectos da vida de quem os procura.

Caso um pouco diferente acontece com o Presidente do Templo do Vale do Amanhecer na cidade de Massaranduba – Paraíba. Rubileudo Fernandes chega ao movimento já com experiências dentro de outras linhas espiritualistas, e do catolicismo onde foi batizado, a convite de um amigo de seu Pai, ambos decidem visitar o Templo de Campina Grande – PB. De acordo com ele, o Vale surgiu para preencher uma lacuna espiritual que se formou durante a sua trajetória.

Salve Deus! Eu tenho uma vivência hoje de aproximadamente 30 anos dentro da linha espiritualista crista, eu desde muito jovem, desde os 7 anos que eu acompanho a minha mãe, que já era espiritualista de uma linha afro, e nesse percurso eu passei por alguns segmentos, passamos além da própria linha afro pelo kardercismo, tive é ... um embasamento também católico, por que fui batizado católico, cresci nesse seio católico, católico espiritualista e cheguei ao Vale do Amanhecer, depois de uma lacuna, afastado de toda essa linha espiritualista, espiritual, passei alguns anos afastado e chego ao Vale do Amanhecer, através do meu pai Francisco de Almeida Nóbrega, e de um amigo em comum que falava muito desta doutrina, uma doutrina de Tia Neiva, doutrina que tinha suas raízes iniciais em Brasília, então conhecendo a pessoa do dirigente de Campina Grande, por trabalharmos no mesmo ambiente, bateu essa vontade e a curiosidade de ir ao templo. Então fui a primeira vez ao templo de Campina Grande, ao Agapo do Amanhecer, busquei e encontrei aquele ambiente novo mas ao mesmo tempo algo me puxava para lá, algo me colocava de forma presente naquela ritualística, e eu comecei a me identificar com os trabalhos, com os ritos, na segunda visita que fiz, passando pelos mentores, fui convidado, assim como é a prática do Vale do Amanhecer, para ingressar na doutrina, conversei com o adjunto presidente do templo. Na terceira vez que estivemos eu, meu pai e minha mãe (nesse momento a tocou a sineta que avisa aos mestres que os trabalhos estão para ser realizados) fizemos a verificação mediúcnica, o teste propriamente dito, do qual eu fui colocado na condição de doutrinador, que é o mestre vigilante de olhos abertos, meu pai na mesma condição, minha mãe como mestre de incorporação, que já era prática, [...] diferente da minha em outra linha de trabalho, eu incorporava também e uma pessoa muito próxima, que é uma madrinha por nome de Isabel, ingressou na condição de mestre de incorporação, na condição de mestre apará, essa foi a forma como nós chegamos ao vale do Amanhecer, mas já tendo percorrido

alguns anos em outros segmentos da linha espiritualista cristã também. (Santos, 2019, p.78)

Como observamos nesse caso, de acordo com o seu depoimento, o contato de Rubileudo com o Vale do Amanhecer se dá muito mais pela curiosidade. Após algumas visitas já sentiu a vontade de ingressar ao movimento. E, junto com ele, membros da sua família e amigos mais próximos. Nessa mesma entrevista, Rubileudo faz referência a como ele, juntamente de seu Pai e de Sua Mãe e de sua madrinha Isabel, sentem a necessidade de implantar um novo templo do Vale do Amanhecer, este na cidade de Massaranduba – PB, cuja presidência está sob o seu comando até os dias atuais.

Voltamos novamente para os casos em que o Vale do Amanhecer aparece na vida de seu integrante como uma espécie de cura para os males físicos e espirituais. Fato que se observa também no depoimento de Francisco das Chagas Meira. Seu Chagas, como é mais conhecido, fala abertamente em entrevista de como se deu a sua chegada ao movimento, a partir do que ele nomeia como problemas espirituais. Nesse caso, afirma que sempre, desde a sua infância, a sua mediunidade era afluída. Logo depois da sua primeira visita, Seu Chagas inicia as suas experiências junto ao templo.

Bem o motivo foi(...) é (...)problema meu mesmo, né. Eu a partir dos 12 anos passei a ter muitos problemas e de um certo tempo pra cá, passou a me prejudicar bastante, até que um dia surgiu a namorada o meu filho, que faz parte da igreja do Vale do Amanhecer, me chamou, me convidou e eu fui até lá no primeiro domingo, terminando os trabalhos eu falei com a direção, e no outro domingo eu retornei e já comecei a fazer os testes indicados. (Meira *apud* Santos, 2019, p.66)

Indagado na mesma entrevista sobre o que ele considera problemas, que nessa sua primeira fala entendemos ser relacionados a sua mediunidade, Francisco da Chagas afirma:

Sim, sim. Eu já sabia desde os 12 anos, até porque (...) é, sempre ouvi “voz”, ouvi de criança, “voz” de adulto, eu via gente entrar na minha casa, no meu trabalho, me chamar, chegou um tempo que eu fiquei muito ruim, fui até Uberlândia, fui levado à Chico Chavier, e ele me explicou qual era a situação mas eu não acreditava e esqueci tudo, mas isso foi piorando e piorando e até que eu cheguei ao vale (...) fiz as primeiras aulas e os primeiros trabalhos, e continuo até hoje, e não pretendo sair até porque, eu posso dizer que 99% do que eu tinha acabou, certo que ainda vejo, ainda ouço algumas coisas, ainda sinto algumas coisas mas melhorou muito. (Meira, 2017)

Logo, observa-se que a mesma narrativa que está presente nos depoimentos de outros mestres também se faz presente na fala de Seu Chagas, sendo possível identificar a relação de bem-estar adquirida a partir de seu ingresso no Movimento.

Essa é, pois, uma espécie de narrativa comum aos seus membros, e sempre que indagados ou mesmo quando ouvidos com relação à chegada e ingresso ao movimento, fazem referência a essa melhora que pode ser observada em diversos aspectos das suas vidas. Aqui, é uma espécie de identificação comum entre eles, uma identidade que se forma também com o sentimento de pertencimento que estes carregam quando compartilham suas histórias.

Tal característica pode ser associada ao que Michael Pollak (1992) afirma ser uma memória quase que herdada. Ou seja, “É perfeitamente possível que, por meio da socialização política ou da socialização histórica, ocorre um fenômeno de projeção ou de identificação com um determinado passado, tão forte que podemos falar de uma memória quase que herdada.” (Pollak, 1992, 201).

Fato interessante também se delineia quando observamos a relação dos membros do Vale do Amanhecer com as demais religiões ou designações religiosas. Em muitas das falas dos integrantes é possível observar um certo cuidado em não se confundirem ou não serem confundidos com as religiões de Matriz Africana, como o Candomblé e a Umbanda, por exemplo.

Em depoimento disponível no trabalho de Moraes (2016), o presidente do templo de Santa Rita relata:

“Sofri preconceito tanto de familiares como de amigos... inclusive da minha mãe, quando eu conheci o Vale ela era evangélica então pra ela foi uma barreira e hoje ela está aqui. Quando se pergunta qual é a sua religião e você diz que é espírita, a pessoa já pensa que você é macumbeiro, e chama você com essas palavras que se usa né, e não tem o conhecimento, não sabe do que se trata né, então a gente simplesmente ignora né porque eu não vou tá discutindo sobre religião com ninguém, eu só não permito que me ofenda ou me agrida, porque isso é crime, né.” (Rocha *apud* Moraes, 2016, p. 41)

Também, Francisco da Chagas Meira, quando indagado se já sofreu ou já percebeu algum traço de preconceito religioso por reafirmar a sua prática doutrinária, conta:

Sim, sim. Porque eu tenho uma amizade muito grande. Inclusive nas grandes empresas que eu trabalhei, e sempre que alguém pergunta, quando eu falo e já diz: isso é o que? **É centro de macumba? E eu respondo: - Não! Nós somos, nós pertence à [...] somos... como posso dizer? Franciscanos. Me considero franciscano. Até porque, faz parte da doutrina de São Francisco de Assis, e quando eu falo que o pessoal diz que é macumba, eu digo que não e não fico na insistência, não discuto, mas também não concordo com as perguntas e quando acontece eu me afasto.(grifo nosso)** E as vezes, quando tem alguém insiste, eu digo: - é muito fácil de saber, é só ir comigo até lá, e você vai ver que nós somos da ordem espiritualista cristã. (Meira *apud* Santos, 2019, p.100)

Retomaremos aqui também o depoimento de Emanuel Junior ao Blog do Ney Lima, anteriormente citado.

**Segundo Emanuel o local não trabalha com rituais que envolvem sacrifícios animais, seres humanos, ou práticas que envolvem satanismo, alegando que o local foi atacado, devido a intolerância religiosa por parte das pessoas das proximidades. (grifo nosso)** “Vieram culpar o Vale pela atrocidade que houve com o pessoal de São Domingos. (grifo nosso) Saíram apedrejando todo mundo e só não acertaram a minha pessoa porque eu me retirei para um cercadinho ao lado. Alguns deles me puxaram, me jogaram no meio do povo para me espancar e eu consegui correr.” afirmou. **Ainda com as roupas rasgadas, o jovem afirmou que o centro não trabalha com religiões afro-brasileiras e está dando seu testemunho dos fatos na DEPOL (grifo nosso).** (Junior *apud* Lima, 2012)

Nos três depoimentos é possível identificar esse distanciamento das religiões de Matriz Africana e afro-brasileira. No depoimento do presidente do Templo de Santa Rita-PB, ele relata que o preconceito que sofreu esteve totalmente ligado às suas relações familiares, sendo este praticado, como ele afirma, por sua mãe, católica. Francisco das Chagas Meira, por sua vez, deixa claro em sua fala que o Movimento não se trata de uma religião de Matriz Africana, que ele nomeia com o termo pejorativo de “Macumba”. Já no depoimento de Emanuel Junior, podemos identificar “o jovem afirmou que o centro não trabalha com religiões afro-brasileiras e está dando seu testemunho dos fatos na DEPOL” (Entrevista com Emanuel Junior para o Blog do Ney Lima, 2012).

Nesse trecho, há uma problemática ainda maior. O jovem, ao se apresentar a delegacia que apurava o caso do assassinato de uma criança de 09 anos de idade em um suposto ritual no dia 10 de julho de 2012, na cidade de Santa Cruz do Capibaribe, Estado de Pernambuco, para se defender, de forma indireta aponta que o crime pode ter sido cometido por partícipes das religiões afro-brasileiras.

A análise aqui empregada sobre os depoimentos acima citados, não podem ser entendidos como a totalidade de narrativas sobre a relação do Vale do Amanhecer com as religiões de Matriz Africana e Afro-brasileira, entretanto sinalizam, de alguma forma, o preconceito religioso que é reflexo da sociedade brasileira. Preconceito que estampa matérias de jornais e acontece em muitos dos casos sem os holofotes da mídia todos os dias, ficando, na maioria das vezes, em situação de impunidade.

O Relatório sobre intolerância e violência religiosa no Brasil (2011- 2015) traz dados concretos dos casos de intolerância religiosa no Brasil, preconceito religioso que está expressivamente direcionado às religiões de matrizes africanas. Nos casos que se referem à Umbanda e ao Candomblé, esse tipo de preconceito reverbera desde a



discriminação verbal, a depredação do Patrimônio físico dessas religiões e até mesmo casos de agressão e assassinatos. Entre os anos de 2011 e 2015, o Relatório sobre intolerância e violência religiosa no Brasil registrou o total de 26 assassinatos de Pais de Santo noticiados na mídia. Sidnei Barreto Nogueira, em seu livro “Intolerância Religiosa”, do ano de 2020, ao se referir a intolerância religiosa direcionada sobretudo às Religiões de Matriz Africana, afirma:

A incitação à intolerância, sobretudo em relação às religiões de matrizes africanas, parte de discursos proferidos por pastores, padres e até autoridades políticas. Tudo em nome de uma agenda moral transformada em uma crença que se resume ao desejo de se encontrar uma solução rápida e mítica – no mau sentido da palavra – para os problemas de segurança pública, em busca de uma educação de qualidade, da manutenção de valores da suposta família tradicional e de uma política anticorrupção. Se a agenda moral é apenas uma ilusão que serve a um proselitismo eleitoral, a violência simbólica é real e segue fazendo suas vítimas. (Nogueira, 2020, p.34)

Ou seja, para ele, a intolerância religiosa, em seu sentido mais amplo, é uma estratégia utilizada por grandes estruturas no sentido de criar um discurso que busca, principalmente, a manutenção dos valores cristãos, associados à moralidade e ideia de “família tradicional” ainda presente no imaginário de alguns religiosos.

É importante destacar que mesmo com os descritos nos depoimentos, o preconceito que considero verbal, de alguns membros do Vale do Amanhecer com as outras religiões de Matriz Africana, os membros do Vale do Amanhecer também são alvo desse tipo de preconceito religioso, tanto que um de seus templos, o mesmo descrito no depoimento de Emanuel Junior, também foi alvo de depredação, e o entrevistado vítima de violência física. Entretanto, o preconceito religioso contra os membros do Vale do Amanhecer nos parece estar mais ligado a casos relacionados à certa confusão no que diz respeito à doutrina. Muitas pessoas colocam o Vale do Amanhecer como uma seita que pratica rituais satânicos, muitos deles atribuídos, em grande medida, aos rituais de matrizes africanas, que tanto na Umbanda como no Candomblé contam com sacrifícios animais que são oferecidos aos seus orixás e falanges ancestrais.

Entende-se aqui preconceito como sendo: a imagem pré-concebida que alguém cria a respeito de outrem, na maioria das vezes de forma negativa, estabelecendo uma distinção entre o Eu e o Outro, e é no preconceito (conceito pré-estabelecido) que a intolerância acha espaço para existir, ela (a intolerância), por sua vez, se caracteriza pela falta de capacidade de respeitar as diferenças, entre o Eu e o Outro.

No caso do preconceito religioso praticado nas falas dos membros do Vale do Amanhecer, figura o desconhecimento dos aspectos relacionados às religiões de Matriz Africana e de alguma forma o próprio desconhecimento dos aspectos da Doutrina do Amanhecer, que parecem protagonizar ainda mais essa relação. Visto que, muitos dos rituais e preces do Movimento, são baseados em aspectos interligados às diversas religiões, inclusive nas religiões de Matriz Africana, como por exemplo na representação dos Pretos Velhos que são comuns tanto na Umbanda como no Candomblé, mesmo que no Vale do Amanhecer eles recebam um novo significado.

Como bem foi observado no decorrer desse trabalho, o Vale do Amanhecer se constitui como uma doutrina religiosa que consideramos ser consolidada principalmente a partir da influência de sua mentora, Tia Neiva. É dela que partem os principais pressupostos que a doutrina assume, bem como quase todos os aspectos que a doutrina ainda ritualiza e pratica.

Tia Neiva encabeçou o movimento desde o momento que decidiu assumir o que ela chamava de “missão”. Alguns anos antes de sua morte, Tia Neiva passa a organizar a hierarquia no Vale do Amanhecer, a partir da nomeação de Adjuntos, que seriam responsáveis por expandir a doutrina. Esse processo se deu a partir do ano de 1978, quando Tia Neiva nomeia os Trinos Herdeiros, de acordo com o livro “Os Símbolos da Doutrina do Vale do Amanhecer: Sob os Olhos da Clarividente”, de autoria da sua filha, Carmem Lúcia Zelaya, no qual consta o seguinte relacionado a consagração dos Trinos Herdeiros:

Nesse contexto histórico ainda, os herdeiros, todos os familiares de Tia Neiva e que assinavam o Mapa dos Adjuntos(1978), com exceção das ninfas, passaram à condição de Trinos Herdeiros, observada a ordem que se segue: Gilberto Chaves Zelaya, Trino Herdeiro Ajarã, Raul Oscar Zelaya Chaves, Trino Herdeiro Ypoarã, Enildo Soares de Albuquerque, Trino Herdeiro Ypuara, Jairo Oliveira Leite, Trino Herdeiro Dorano, e José Ataliba Gomes de Souza, Trino Herdeiro Japuã. (...) A hierarquia do Amanhecer, prevê ainda a existência e a importância dos Trinos, da família Zelaya e dos Herdeiros. Os trinos encontram-se diretamente vinculados a Tia Neiva. (Zelaya, 2009, p.175)

Entretanto, apesar de parecer criar um aparato hierárquico que de certa forma a auxiliava nas decisões e nos caminhos que o movimento precisava trilhar, Tia Neiva não preparou nenhum cenário de sucessão direta no movimento, algo que ela mesma falava abertamente. Como o descrito em entrevista<sup>71</sup>:

---

<sup>71</sup> Entrevista disponível no canal do Vale do Amanhecer no Youtube em: <https://youtu.be/MU6BddXcyzU>, acessado em 25/05/2023, às 19h38.

**Tia Neiva:-Não existe nessa doutrina sucessora, uma Tia Neiva, uma outra. Sabe porquê? Porquê todos os doutrinadores podem ser uma Tia Neiva. Tá vendo? Desde que ele tenha amor no coração, muito amor, muito amor mesmo.** (grifo nosso) Eu comecei a minha clarividência, com 34 anos, mas foi com muito amor, porque eu via uma pessoa que eu falava uma coisa não acontecia, se eu deixava de falar acontecia, então eu comecei a ver pela minha mediunidade os fenômenos que eu recebia e esses fenômenos cada dia são mais, sabe? **Repórter: -As pessoas estão falando no nome da sua filha Carmem Lucia, a senhora confirma isso? Tia Neiva: -Não, e Nem queria pra ela. Isso ai, são para os doutrinadores, eu vim para os doutrinadores.** Fiz a mensagem, não existia, hoje existe, entendeu? Hoje existe o doutrinador, a minha mensagem é ele. Eu sou mãe em Cristo, do Doutrinador, tá entendendo? **Repórter: -O vale vai continuar?! Tia Neiva:- Vai continuar, se Deus quiser.** (AMANHECER, 2015)

Como observado na fala de Tia Neiva, ela não programava a sua sucessão. Tia Neiva, até mesmo quando questionada sobre a sua filha Carmen Lúcia assumir a doutrina, afirmou de forma enfática que Carmem não assumiria o movimento, e que ela mesma não queria para a filha a responsabilidade de assumir a doutrina.

Também a nomeação dos trinos, de certa forma, contribuiu para o processo de descentralização que a doutrina passou, principalmente, após a sua morte. Com a morte de Tia Neiva, quem assume nos primeiros momentos a doutrina é Mário Sassi, seu companheiro em vida.

A matéria do *Correio Braziliense*, de 01 de dezembro de 1985, trata da sucessão do Vale do Amanhecer, intitulada de “A longa Caminhada sem Tia Neiva já Começou” consta que o “Trino” vai dirigir o Vale:

A administração do Vale do Amanhecer, após a morte de Tia Neiva, foi setorizada. As responsabilidades serão agora divididas entre um “trino” dirigente – que na verdade são quatro– composto pelos “mosqueteiros” Jaguar, Sumanan, Ajarã e Tumuchy, todos mestres em 1º grau na Ordem. Desse trino faz parte o Próprio Mário Sassi, que nos últimos dez anos vinha respondendo pela vida burocrática da comunidade. As decisões tomadas pelo “trino” serão repassadas aos adjuntos de segundo escalão, encarregados de aplicar a política social do Vale. (CORREIO BRAZILIENSE, 1985).

De acordo com a matéria, a administração do Vale do Amanhecer após a morte de sua líder fica dividida e setorizada e a cargo dos trinos. Apesar da presença enquanto Trino, no ano de 1991, Mario Sassi, juntamente com alguns outros adeptos, fundam a Ordem Universal dos Grandes Iniciados na região do Lago Leste, em Brasília (Reis, 2009, p. 277).

Mário dá lugar aos filhos de Neiva, Trinos herdeiros: Raul Zelaya e Gilberto Zelaya. Ficando a doutrina totalmente a cargo de seus sucessores, que comandam juntos

até o ano de 2009, quando os dois acabam se desentendendo e dividindo o movimento em dois comandos.

Também no Jornal *Correio Braziliense*, datada de 01 de maio do ano de 2009, em endereço eletrônico<sup>72</sup>, acessada no dia 09/03/2022 consta matéria que informa acerca da “disputa” entre os filhos de Tia Neiva, Raul e Gilberto:

Hoje, a comunidade do Vale do Amanhecer, em Planaltina, comemora o Dia do Doutrinador em pé de guerra. Os seguidores da doutrina brigam pela liderança da seita e o racha deve afastar fiéis e admiradores das comemorações que há 40 anos levam milhares de pessoas ao local. Parte dos médiuns acusa um dos filhos de Tia Neiva, Raul Zelaya, de desvirtuar a crença e querer comandar a doutrina por interesses financeiros. Eles dizem que nem vão participar das celebrações de hoje. A outra metade apoia o médium e diz que as acusações contra ele fazem parte de um jogo de vaidades. Ano passado, 8 mil pessoas participaram dos festejos, pouco mais de um terço dos presentes cinco anos antes, quando 22 mil pessoas estiveram no Vale do Amanhecer em 1º de maio. Apesar da queda no número de seguidores, quem vive na comunidade tenta resistir. Mas os desentendimentos entre os grupos são vistos como uma ameaça à doutrina. O conflito dura mais de quatro anos e se acirrou há um mês, quando, em uma reunião tensa, Raul aprovou um novo estatuto para o Vale do Amanhecer. Além das acusações de ambos os lados, a briga inclui uma disputa judicial. A ação, movida pelos opositores do filho de Tia Neiva, corre no Fórum de Planaltina, mas ainda não houve qualquer decisão, nem em caráter de liminar. No processo, a comunidade tenta anular o estatuto aprovado no meio da polêmica. (Correio Brasiliense, 2009)

A matéria revela, em grande medida, qual foi a motivação do cisma entre os dois irmãos, destacando que se tratava, principalmente, do financeiro do movimento. Com a separação foi criada mais uma ordem por um dos irmãos para que fossem apontados os direcionamentos de Tia Neiva. Dados que revelam as relações de poder e hierarquia existentes no movimento, como mencionado anteriormente.

Até o ano de 2017, a doutrina do Vale do Amanhecer foi comandada de forma simultânea por Gilberto Zelaya, que estava à frente da Coordenação-Geral dos Templos do Amanhecer (CGTA) e Raul Zelaya, à frente da Obras Sociais da Ordem Espiritualista Cristã (OSOEC), dividindo os membros em duas ordens. Contudo, em 27 de novembro de 2017, veio a falecer o Trino Ajarã, Mestre Gilberto Zelaya, decorrente de problemas de saúde. Em matéria disponível no endereço eletrônico <http://www.estudionoticias.com.br/faleceu-gilberto-zelayaum-dos-principais-lideres-religiosos-do-espiritualismo-cristao-no-brasil/> consta a seguinte matéria eletrônica:

---

<sup>72</sup>Correio Brasiliense 01 de maio de 2009 endereço: [https://www.correiobrasiliense.com.br/app/noticia/cidades/2009/05/01/interna\\_cidadesdf,104222/vale-do-amanhecer-disputa-entre-mediuns-e-filho-da-tia-neiva-divide-seguidores.shtml](https://www.correiobrasiliense.com.br/app/noticia/cidades/2009/05/01/interna_cidadesdf,104222/vale-do-amanhecer-disputa-entre-mediuns-e-filho-da-tia-neiva-divide-seguidores.shtml), acessado em 09/03/2022, às 09h21.

“Faleceu Gilberto Zelaya, um dos principais líderes religiosos do espiritualismo no Brasil”.

Após a morte de Gilberto Zelaya, o Vale do Amanhecer registrou problemas de sucessão que, ao que nos parece, não influenciaram diretamente na continuidade das práticas rituais da doutrina. Alguns templos continuam sob o comando de Raul Chaves Zelaya, e os que estavam sob o comando de Gilberto a princípio ficaram a cargo de sua esposa, Nair Zelaya. Contudo, ao que nos foi informado em conversa informal com um dos presidentes advindos da CGTA, é que eles, após a morte de Gilberto, ou voltaram a integrar a OSOEC, ou passaram a ser “independentes”.

Com relação ao Comando de Raul Zelaya no Templo-Mãe, parte do mestrado o apoia e uma outra parte, que nos parece ainda mais numerosa, que integra também os templos independentes, reclama das posturas assumidas pelo sucessor de Tia Neiva. São relatados muitos casos de abuso de autoridade e até mesmo a retirada de algumas das classificações de mestres que as receberam ainda das mãos de Tia Neiva, ou mesmo de censura por parte do Filho de Tia Neiva. Como é possível identificar na Revista Digital Metrôpoles, que em 21/12/2021 veicula a seguinte matéria: “Racha no Vale do Amanhecer: médiuns acusam líder espiritual de censura”<sup>73</sup>

Entretanto, apesar dos problemas sucessórios referentes à doutrina, o que podemos observar é que o Vale do Amanhecer apresenta crescimento com relação ao número de templos e adeptos. Como mencionando em matéria digital encontrada no endereço eletrônico do *Correio Braziliense*, datada do ano de 2015, que em trecho demonstra o seguinte:

A morte dela, em 1985, não enterrou seu legado. Três décadas após ter “desencarnado”, como preferem dizer seus seguidores, o Vale do Amanhecer continua a ser uma referência viva do trabalho de quem trouxe para as redondezas do DF uma manifestação religiosa única, que nunca tinha sido vista, até então, em qualquer canto do mundo. Até hoje, seus ensinamentos são mantidos. (Correio Braziliense, 2015)

A doutrina permanece mais de trinta anos após a morte de Neiva e, sem dúvidas, o movimento se demonstra adaptado ao cenário da diversidade religiosa brasileira que se fará presente e ritualizado por muito tempo a nossa frente. Com adaptações e novas formas de administração, mas ao que nos parece, reproduzindo o mais semelhante possível os aspectos deixados nos ensinamentos de Tia Neiva.

---

<sup>73</sup> Disponível em: <https://www.metropoles.com/distrito-federal/racha-no-vale-do-amanhecer-mediuns-acusam-lider-espiritual-de-censura>

## **Considerações finais**

Nessa tese, buscou-se analisar o Movimento Doutrinário Vale do Amanhecer enquanto um objeto historicamente construído a partir da influência fundamental de sua idealizadora, Tia Neiva, e dos membros que junto a ela puderam contribuir com os aspectos de sua formação.

Assim como as proposições da Escola Italiana da História da Religião nos apontam, a partir do texto de Agnolin (2019), Tia Neiva e os seus seguidores membros da doutrina parecem ter transformado aquele ambiente próximo a cidade de Brasília, ou seja, o “mundo” ao qual pertenciam naquele momento, ao seu modo para a ele habitarem, e dele se sentirem pertencentes.

Reforçando a ideia de que o Vale do Amanhecer é um objeto historicamente construído, uma de suas principais características é a Híbridação contida em todos os aspectos inerentes ao que se ritualiza no movimento. Características retiradas das mais variadas culturas e que podem ter sido implementadas a partir das experiências de Tia Neiva e Mario Sassi, bem como do momento histórico vivenciado pelo processo de construção da cidade de Brasília, que atraiu pessoas de todas as partes do país e que possibilitou um pluralismo de ideias e de formas de crer e experimentar o sagrado. Podemos observar a presença das híbridaciones analisadas entre os diversos elementos da religiosidade de matriz africana e o cristianismo, apresentados ao longo do texto, por exemplo.

Apesar da aproximação de seus aspectos com outras religiões, fato que se dá a partir do processo de Híbridação, o Vale do Amanhecer se comporta diferente das outras religiões e movimentos doutrinários. Sendo assim, nos parece natural que o VA não se comporte igualmente aos outros movimentos judaicos cristãos aqui apresentados. E nem mesmo assumam uma posição que se adeque completamente à religiosidade ocidental.

A documentação aqui apresentada tende a reforçar a ideia de que Tia Neiva e os seus seguidores se preocuparam em dar visibilidade ao movimento, e com isso somar novos membros que atraídos com a ideia de aplacamento de seus problemas, de prosperidade a partir de uma conduta individual e de pertencerem a um movimento que acolhe a diversidade, puderam estabelecer conexões com diversos tipos de religiosidade em um só movimento, no qual cada característica é ressignificada de maneira própria.

Esse sentimento de pertença pode ser observado a partir da integração dos membros nas falanges missionárias a qual cada membro pode fazer parte e que foi exemplificado a partir das imagens dispostas ao longo da tese, bem como nos depoimentos de membros descritos ao longo do texto.

A presença do Vale do Amanhecer na vida de seus membros é notadamente parte de seu cotidiano, não havendo distinção do que seria sagrado e profano, já que a religiosidade é uma extensão da vida humana sendo, pois, uma construção a partir dos elementos em comum de cada grupo.

Entendemos, pois, que essas hibridações aqui descritas são fundamentais para existência do movimento, já que desde a transição do século XX para o século XXI há uma ampliação nas formas de sentir e experimentar o sagrado. Fazendo emergir diversos movimentos religiosos, como é o caso do Vale do Amanhecer.

Enfim, o VA se constitui para nós como um objeto de estudo inquietante e cheio de possibilidades de análise, nos seus mais variados aspectos. É, pois, uma expressão religiosa que notadamente atraiu uma grande quantidade de pessoas que, de alguma forma, se espelha em seus aspectos e se identificam com suas práticas.

Ou seja, o Vale parece ter funcionado para a população dos arredores de Brasília-DF e para os estados por onde se expandiu, como local de refúgio, de busca da amenização dos problemas de quem ali chegava. E, com o passar dos anos, o movimento encabeçado por Tia Neiva, passa a se descentralizar, a ganhar novos templos e ainda mais adeptos em mais partes do país.

Sendo assim, entendemos o Movimento Doutrinário Vale do Amanhecer como uma das expressões religiosas mais expressivas e ricas em termos de significados, simbologias, número de adeptos, e culturas que se entrelaçam em sua formação.

Sua importância também se dá quando observamos a sua permanência em meio a intolerância religiosa presente na sociedade brasileira, e até mesmo quando nos deparamos com o avanço do movimento em suas barreiras espaciais, quando este ultrapassa as fronteiras brasileiras e chega a outros continentes e países com culturas distintas, como na África, na Ásia, e na Europa, além da América.

O crescimento observado na elaboração desse trabalho, em grande medida, se deriva do fato que as práticas mágico-curativas empregadas na Doutrina são gratuitas e universais, o que revela, em grande medida, o acolhimento de quem chega aos templos, independente das suas condições sociais e econômicas. Esse acolhimento parece se repetir

quando observamos os depoimentos de seus integrantes, na forma como chegaram ao movimento e como tiveram as suas dores físicas e espirituais atendidas e tratadas.

Os membros passam a se identificar com a doutrina e esse pertencimento se revela nos depoimentos e na adaptação do cotidiano de seus integrantes, na ida aos templos, na compra de joias e bijuterias, alédás e os mais variados artigos que simbolizam a presença da doutrina em suas vidas. Mais do que um movimento doutrinário, o Vale do Amanhecer se revelou, para nós, um estilo de vida, para quem o pratica, mesmo com as dadas proporções, a vida de seus integrantes parece estar, de alguma forma, interligada, a partir dos ensinamentos deixados por Tia Neiva.

Buscamos mostrar como as novas formas de experiências relatadas influenciam na vida daqueles que o frequentam, bem como demonstrar a construção do cenário imagético representativo que ele dispõe para os “fieis” que o visitam uma única vez ou até mesmo de forma periódica.

Aqui nos dedicamos a entender um pouco desse imaginário, das práticas ritualísticas, da vida e do cotidiano dos médiuns e dos frequentadores, da importância do seu processo de patrimonialização junto ao IPHAN, e um pouco de seus problemas estruturais, que parecem não serem determinantes na sua expansão.

O Vale do Amanhecer constituiu-se, para nós, enquanto objeto de pesquisa, um tema diverso, amplo e de certa forma desafiador. Sendo que essa pesquisa não se faz no sentido de abordar os seus aspectos totais, mas sim demonstrar o quão esse objeto pode ser analisado a partir dos mais variados conceitos, fontes e métodos, dentro da história, a partir do auxílio das demais ciências. É, pois, um movimento religioso legítimo em seus mais variados aspectos, que demonstra uma relativa curva de crescimento e de continuação de suas práticas.



## Referências

AGNOLIN, Adone. **História das religiões: perspectiva histórico-comparativa**. São Paulo: Editora Paulinas, 2019.

ALENCAR, Adriana Monyke Nascimento de et al. **Magia na Igreja Universal do Reino de Deus e sua eficácia entre o simbolismo e a performance**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). 2020. 148 f. Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, Paraíba, Brasil, 2020.

ALMEIDA, Alexander Moreira de; LOTUFO NETO, Francisco. A mediunidade vista por alguns pioneiros da área mental. *Archives of Clinical Psychiatry*, São Paulo, v. 31, p. 132-141, 2004.

ALMEIDA, Alexander Moreira. **Fenomenologia das experiências mediúnicas: perfil e psicopatologia de médiuns espíritas**. Tese (Doutorado), Faculdade de Medicina. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2004.

ÁLVARES, Bálsamo. **Tia Neiva – Autobiografia Missionária**. Brasília: s/n, 1992.

ALVES, José Claudio Souza; VÁSQUEZ, Manuel A. O vale do Amanhecer em Atlanta, Geórgia: negociando identidade de gênero e incorporação na diáspora. In: **A diáspora das Religiões Brasileiras**. São Paulo: Ideias e Letras, 2016.

ARRIBAS, Célia da Graça. **Afinal, espiritismo é religião**. A doutrina espírita na formação da diversidade religiosa brasileira. São Paulo: Dissertação de Mestrado em Sociologia/USP, 2008.

BELLOTTI, Karina Kosicki. Fundamentalismos e intolerâncias. In: SILVA, Eliane Moura da; BELLOTTI, Karina Kosicki; CAMPOS, Leonildo Silveira (Org.). **Religião e Sociedade na América Latina**. São Bernardo do Campo: Editora Umesp, 2010.

BURKE, Peter. **Hibridismo Cultural**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2006.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Tradução de Sérgio Góes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

CALDEIRA, Mestre. **Acervo Doutrinário da Clarividente do Adjunto Yucatã**. Vale do Amanhecer, Volume I, 1984.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas, poderes oblíquos**. São Paulo: EDUSP, p. 283-350, 1997.

CARVALHO, José Jorge. Idéias e imagens na tradição afro-brasileira. Para uma nova compreensão dos processos de sincretismo religioso. *Humanidades*, v. 9, n. 1, p. 67-83,

CAVALCANTE, Carmen Luísa Chaves. **Xamanismo no vale do amanhecer: o caso tia Neiva**. São Paulo: Annablume Editora, 2000.

CÉSAR, José Vicente. Atualização – **Revista de Divulgação Teológica para o Cristão de Hoje**. Nos 97/98, Janeiro/ Fevereiro. Belo Horizonte: Editora o Lutador, 1978.

CHARTIER, Roger. **História cultural: Entre Práticas e Representações**. Lisboa/Rio de Janeiro: DIFEL/Bertrand Brasil, 1990.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos avançados**, v. 5, n. 11, p. 173-191, 1991.

CHUVA, Márcia. Da referência cultural ao patrimônio imaterial: introdução à história das políticas de patrimônio imaterial no Brasil. REIS, Alcenir Soares dos; FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves (Org.). **Patrimônio imaterial em perspectiva**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2015.

DA SILVEIRA, Emerson José Sena. Turismo Religioso no Brasil: uma perspectiva local e global. **Revista Turismo em Análise**, v. 18, n. 1, p. 33-51, 2007.

DE ALMEIDA, Lorrana Laila Silva; ENOQUE, Alessandro Gomes; DE OLIVEIRA JÚNIOR, Antonio. Turismo religioso como fonte de desenvolvimento local: um estudo acerca da produção do espaço urbano a partir da prática turística religiosa. **Marketing & Tourism Review**, v. 4, n. 2, 2019.

DE BARROS, Cristiane Amaral. **Iemanjá e pomba-gira: imagens do feminino na Umbanda**. Dissertação. Universidade Federal de Juiz de Fora, 2006.

DE SOUSA, Rodrigo Farias; PIMENTEL, Marcelo Gulão. Raça e reencarnação no Espiritualismo norte-americano: uma visão a partir da crítica de Allan Kardec (1857-1869). **Diálogos**, v. 25, n. 3, p. 111-137, 2021.

DEIS, Siqueira et al. **Vale do Amanhecer**. Inventário Nacional de Referências culturais. Superintendência do IPHAN no Distrito Federal. Brasília, 2010.

DOYLE, Arthur Conan. **A história do Espiritualismo**. Rio de Janeiro: FEB Editora, 2021.

FONSECA, Alexandre Brasil; ADAD, Clara Jane. **Relatório sobre intolerância e violência religiosa no Brasil (2011- 2015): resultados preliminares / Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial, da Juventude e dos Direitos Humanos; organização: Alexandre Brasil Fonseca, Clara Jane Adad. – Brasília: Secretaria Especial de Direitos Humanos, SDH/PR, 2016.**

GOMES, Isabela Figueiredo de Oliveira. **Planaltina, DF: uma história de turismo perdida no tempo**. 2018. 100 f., il. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Turismo), Universidade de Brasília, Brasília, 2018. LEADBEATER, Charles Webster. **Clarividência**. Brasília: Editora Teosófica, 2018.

MAIO, Carlos Alberto. Turismo Religioso e desenvolvimento local. **Publicatio Uepg: Ciências Humanas, Linguística, Letras e Artes**, v. 12, n. 1, 2004.

MARQUES, Erich Gomes. **Os poderes do estado no Vale do Amanhecer: percursos religiosos, práticas espirituais e cura**. Dissertação. Brasília -DF, 2009.

MENDES, António Rosa. **O que é património cultural**. Lisboa: Gente Singular, 2012.

MORAIS, Senilson Fernandes de. **Vale do Amanhecer: uma nova expressão religiosa em Santa Rita/PB**. 2016.

NOGUEIRA, Sidnei. **Intolerância religiosa**. São Paulo: Pólen Produção Editorial LTDA, 2020.

OLIVEIRA, Amurabi Pereira de. Da Nova Era à New Age Popular: as transformações no campo religioso brasileiro. **Revista Caminhos-Revista de Ciências da Religião**, v. 9, n. 1, p. 141-157, 2011.

OLIVEIRA, Amurabi Pereira de. **Dinâmicas culturais e relações de reciprocidade no Vale do Amanhecer: um estudo de caso sobre o templo de Campina Grande–PB**. Campina Grande. Dissertação (Mestrado e Ciências Sociais), Universidade Federal de Campina Grande, 2008.

OLIVEIRA, Amurabi Pereira de. **Entre caboclos, preto-velhos e cores: a imersão dos sujeitos no universo místico-religioso do Vale do Amanhecer**. Tese de Doutorado em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco, 2011.

OLIVEIRA, Amurabi Pereira de. Nova Era à brasileira: a new age popular do Vale do Amanhecer. **Interações-Cultura e Comunidade**, v. 4, n. 5, p. 31-48, 2009.

OLIVEIRA, Amurabi Pereira de. Os corpos e a estrela candente no vale do amanhecer. **Revista do Núcleo de Estudos de Religião e Sociedade (NURES)**. ISSN 1981-156X, n. 21, 2012.

OLIVEIRA, Daniela de. **Visualidades em Foco: Conexões Entre a Cultura Visual e o Vale do Amanhecer**. Goiânia. Dissertação (Mestrado em Cultura Visual), Pontifícia Universidade de Goiás, 2007.

PALAZZO, Pedro Paulo. **Planaltina e suas narrativas: cultura, memória e patrimônio em publicações locais desde o Século XX**. Repositório Internacional da Universidade do Rio Grande, 2015.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Revista estudos históricos**, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992.

REGINALDO, Prandi. **Herdeiras do Axé**. São Paulo: Hucitec, 1996.

REIS, Marcelo Rodrigues dos. **Tia Neiva: A trajetória da líder religiosa e sua obra, O Vale do Amanhecer (1925- 2008)**. Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

REVISTA CAMINHONEIRO (Brasil). **A primeira caminhoneira do brasil**. 2017. Instagram: revista caminhoneiro. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Bf-iku4lzGc/>. Acesso em: 04 ago. 2021.

ROCHA, Diego Angeline. **Documentos Católicos: A Utilização Da Água Nas Práticas Religiosas**, 2017.

RUSSO, Silveli Maria de Toledo. O oratório doméstico. **Revista Pandora Brasil**, nº 25, dezembro de 2010.

SANTOS, Jessica Kaline Vieira. Vale do amanhecer: representações, cotidiano e experiências doutrinárias do Templo Odevanto (Massaranduba - PB). 37f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2017. SASSI, Tumuchi Mario. **O que é o Vale do Amanhecer**. Obras Sociais da Ordem Espiritualista Cristã, 1987.

SILVA, Clemildo Anacleto da; RIBEIRO, Mario Bueno. Intolerância religiosa e direitos humanos: mapeamentos de intolerância. In: **Intolerância religiosa e direitos humanos: mapeamentos de intolerância**. 2007.

SILVA, Eliane Moura da. Religião: da fenomenologia à História. In: SILVA, Eliane Moura da; BELLOTTI, Karina Kosicki; CAMPOS, Leonildo Silveira (Org.). **Religião e Sociedade na América Latina**. São Bernardo do Campo: Editora Umesp, 2010.

SILVA, Kalina Vandelei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário dos Conceitos Históricos**. 3 ed. 5ª Reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.

SILVA, Vagner Gonçalves da. Formação e dinâmica das religiões afro-brasileiras. In: SILVA, Eliane Moura da; BELLOTTI, Karina Kosicki; CAMPOS, Leonildo Silveira (Org.). **Religião e Sociedade na América Latina**. São Bernardo do Campo: Editora Umesp, 2010.

TATSCH, Flavia Galli. Budismo: crenças e práticas, desenvolvimento histórico e expansão pelo mundo ocidental. In: SILVA, Eliane Moura da; BELLOTTI, Karina Kosicki; CAMPOS, Leonildo Silveira (Org.). **Religião e Sociedade na América Latina**. São Bernardo do Campo: Editora Umesp, 2010. Disponível em: <http://editora.metodista.br/livros-gratis/religiao-e-sociedade-na-america-latina>

TAVARES, Thiago Rodrigues. A religião vivida: expressões populares de religiosidade. **Sacrilegens**, v. 10, n. 2, 2013.

THEOLOGY, Evangelical Dictionary Of. **Enciclopédia histórico teológica da igreja cristã**. São Paulo: Vida Nova, 2009.

VÁSQUEZ, Manuel A; ALVES, JC Souza. O Vale do Amanhecer em Atlanta, Geórgia: Negociando Incorporação e Identidade de Gênero na Diáspora. **A diáspora das religiões brasileiras**. Leiden: Brill, p. 313-337, 2013.

ZANGARI, Wellington; DE OLIVEIRA MARALDI, Everton. Psicologia da Mediumidade: do intrapsíquico ao psicossocial. **Boletim Academia Paulista de Psicologia**, v. 77, n. 2, p. 233-252, 2009.

ZELAYA, Carmem Lucia. **Os símbolos na doutrina do Vale do Amanhecer: sob os olhos da Clarividente**. Tia Neiva Publicações, S.l, 2009.

## Endereços eletrônicos

Evangelho segundo Matheus:

Endereço eletrônico: Mateus 3:16; 2 Néfi 31:7–9, acessado em 25/05/2023, às 19h.

Imagem da Pirâmide de Unificação com as representações de Akhenaton e Nefertiti:

<https://br.pinterest.com/pin/502151427197515369/>

Imagem da Pirâmide de Unificação sem as representações de Akhenaton e Nefertiti::

<https://br.pinterest.com/pin/337629303310073659/>

<https://pt.unesco.org/fieldoffice/brasil/expertise/world-heritage-brazil>

Informações sobre o Vale do Amanhecer, Depoimentos e Avaliações relacionados a turismo: [https://www.tripadvisor.com.br/ShowUserReviews-g303322-d2349448-r802437691-Valley\\_of\\_Dawn-Brasilia\\_Federal\\_District.html](https://www.tripadvisor.com.br/ShowUserReviews-g303322-d2349448-r802437691-Valley_of_Dawn-Brasilia_Federal_District.html)

<http://www.df.gov.br/historia/>

Informações sobre o Mestre José Carlos do Nascimento Silva Trino Regente Triada TUMARÃ: [http://temploabavano.blogspot.com/2009/06/contato\\_07.html](http://temploabavano.blogspot.com/2009/06/contato_07.html)

Link de acervo doutrinário do Movimento Vale do Amanhecer:

<https://meocloud.pt/link/e6da0ca7-9ce0-4225-a915-a89e7b82677f/Acervo%20Doutrin%C3%A1rio/>

Senado Federal

<https://www.senado.gov.br/noticias/especiais/brasil50anos/not02.asp>, acessado em 05/11/2022 às 12h21.

Tia Neiva como primeira mulher caminhoneira no Brasil

<https://avozdelas.com.br/materias/neiva-chaves-zelaya-a-primeira-caminhoneira-do-brasil-8>, acessado em 17/04/2022.

Tia Neiva como primeira mulher caminhoneira no Brasil

<https://www.brasildotrecho.com.br/2021/11/saiba-quem-foi-a-primeira-mulher-caminhoneira-do-brasil/>, acessado em 17/04/2022.

Vídeo “Morte e desencarne de Tia Neiva”:

<https://www.youtube.com/watch?v=j7K4ZbGkb7M>

Revista Caminhoneiro no Instagram; Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Bf-iku4IzGc/>, acessado em 04/08/2021, às 20h28.